

# CONCRETO ARMADO

>> PARTE 02



# CONCRETO ARMADO

um romance seriado em quatro partes

>> PARTE 02

**Lista de capítulos**

&gt;&gt; parte 02

01.	.....	5
02.	.....	7
04.	.....	13
05.	.....	32
06.	.....	34
07.	.....	38
08.	.....	41
09.	.....	45
10.	.....	53
12.	.....	64
14.	.....	75
15.	.....	84
16.	.....	88
17.	.....	95
18.	.....	99

19.	.....	104
20.	.....	107
21.	.....	110
22.	.....	115
23.	.....	117
24.	.....	121
25.	.....	124
26.	.....	130
27.	.....	132
28.	.....	135
29.	.....	139
30.	.....	146
31.	.....	152
32.	.....	158
33.	.....	163
34.	.....	173
35.	.....	178
36.	.....	190

“Really, universally, relations stop nowhere, and the exquisite problem of the artist is eternally but to draw, by a geometry of his own, the circle within which they shall happily appear to do so.”

*Henry James*

v

“Esto en mis afectos hallo,  
y más, que explicar no sé;  
mas tú, de lo que callé,  
inferirás lo que callo.”

*Juana Inés de la Cruz*

## 01.

< . < . < .

(\*)

Piramidal, funesta, a massa de arranha-céus embrenha suas antenas no cinza-rosa penumbrento do céu. Um prédio enorme perto do centro de São Paulo. Eu estou aqui, pernas cruzadas no chão do apartamento ainda sem móveis, o notebook pesado esquentando meu colo. O sol se esparramou com força no outro lado da sala na parede e no chão, recortado pela esquadria e pelos volumes lá fora, antes de morrer com a tarde. Fico longe dele, no meu canto, o fio teso do computador vindo da única tomada da sala que funciona, mambembe no seu buraco arregaçado e descamado de tinta.

É um cômodo só, e abafado. Todo caindo aos pedaços. Mas me parece um reino enorme.

Acabei de chegar e apesar de não ter nada ali além de poeira assentada e recortes fantasmas dos móveis anteriores, sei que vou dormir aqui, usando minha mochila de travesseiro. Tenho 35 anos e acabei de sair da casa dos meus pais no Cruzeiro Velho, no DF, onde eu morava com eles e com minha vó desde que eu nasci. Talvez seja a primeira vez na minha vida que durmo sem mais ninguém num apartamento. Começo a escrever isso quase imediatamente depois de chegar e fumar um cigarro na janela. E é estranho, porque eu não sou uma pessoa que escreve, e a princípio não sei nem porque estou fazendo isso, qual é o tom. Antes de terminar de digitar esta frase percebo que eu sei sim, muito bem, porque estou escrevendo.

É que aconteceu anos atrás um drama envolvendo pessoas que eu conheço, em Brasília. Nada muito além do banal, mas consegui me envolver e consumir completamente durante o período, e meio que até hoje. Não só a mim, acho. Todo mundo que tava dentro ou perto ainda tá vivendo sob a sombra comprida que esse troço projeta. E eu quero contá-lo como quem comete um exorcismo, para que ele faça sentido de uma vez e vá embora.

Eu não participei tão de perto desse drama. Toda a minha vida eu cumpri mais um papel de quem observa do que de quem age, digamos assim. A pessoa que fica no canto da sala tentando ouvir todas as conversas, seguin-

do o conselho de ser alguém em quem nada se perde, aspirando à onisciência de uma porra duma romancista inglesa do século XIX, tentando funcionar como um canal adequado para o que calhar de se montar no seu curso.

Seria desonesto negar que eu tou tomando um cuidado enorme com o jeito que falo. Não sei porque que eu preciso empostar essa voz, que não é, nem de longe, minha. Não é assim que eu falo quando estou só. Quando estou só eu faço muito mais barulho do que sentido. Ainda mais sentido sucedido, assim. A + B.

Eu tou tentando falar como vocês falam. Então pra rolar tem que ser com esse arremedo de voz, aqui. Esse trem. Queria falar de outro jeito, mas já tou vendo que não vou conseguir fazer isso aqui sem ela. É ela que me puxa agora como se pelo proverbial cabelo ou gola.

E eu preciso fazer isso aqui. Por mais que não pareça (e com certeza não parece). É uma questão de necessidade.

Então oi.

## 02.

Dá pra dizer que o drama envolve cinco pessoas. A gente pode começar com o Fernando, por ele ser o meu favorito, mas também por ele ser o mais próximo que teremos de um protagonista trágico.

Ele é esguio, alto, o esqueleto todo denunciado no corpo inteiro, nas omoplatas projetadas, no crânio quase todo presumível (ele é muito testudo) e nos cantos ossudos dos braços, as costelas desenhadas com um mínimo movimento do torso. Tem um sorriso enorme que parece até afundar no rosto dele, vergando o queixo e a testa pra frente. Um sorriso frequentemente tido como o Sorriso Mais Simpático Do Mundo. Não dá pra dizer que ele é um cara bonito, exatamente, mas a sua simpatia e desenvoltura extraordinária devem trabalhar maravilhas na imaginação alheia, porque desde adolescente exercia uma atração tenebrosa de tão intensa. Há histórias de meninas disputando a sua atenção desde a pré-adolescência, desfazendo amizades por causa dele, criando meio que quase séquitos em torno do seu carisma, etc., preenchendo cadernos inteiros com “eu te amo” e deixando embaixo da carteira dele enquanto ele dormia durante a aula. A maneira mais concisa de resumi-lo seria dizer que é um cara por quem muita gente (mas muita gente mesmo) se apaixona.

Não é só difícil encontrar alguém que não goste do Fernando, é quase impossível, mesmo, sequer projetar um estado mental verossímil onde não se goste dele. Pra mim, ao menos. Ele tem uma simpatia e amabilidade quase infinitas, uma gentileza que nunca é forçada, sempre convence como genuína. Algo que a maior parte das pessoas chamaria de “espontaneidade”. Ele é dessas pessoas que conseguem criar apelidos ao mesmo tempo apropriados, pegajosos e carinhosos para quase todo mundo que ele conhece.

Não é que seja alguém super altruísta. Depois de um breve período mais engajado na adolescência, nunca vi sair do caminho demais para ajudar alguém, mas tampouco o fazia para ajudar a si próprio. Debaixo do ânimo infalível na mesa de bar, havia uma passividade sinistra. Já foi jubilado duas vezes da UnB, de cursos diferentes (ciência política e letras), e isso sendo inteligente pra cacete. Por faltar muita aula, basicamente. E é tão passivo que nem matar aulas ele matava fazendo uma escolha, como indulgência deliberada. Quase sempre ficava só parado, deitado na cama ou na rede, conside-

rando a iminência e o subsequente desenrolar de sua aula e o fato dele não estar a caminho dela ainda até que tempo passasse e a discussão interna perdesse o sentido.

(Isso não sou eu chutando, era ele contando várias vezes).

Talvez o seu principal problema fosse que sua inteligência considerável não encontrava uma direção só, não se concentrava em nenhum canto. Ele percebia isso dum jeito agudo, acho, vivia dizendo como invejava seus amigos devotados à música, cinema, política ou algum outro campo qualquer, mesmo que a maioria não conseguisse viver do que amava fazer.

Fernando se interessava por tudo guardando alguma distância, como se nenhum daqueles movimentos largos e bonitos jamais o atingissem em cheio. Ele me parecia sempre expectante de alguma força, alguma coisa, alguma pessoa, que fosse. Em que pudesse se concentrar de vez.

(Numa mesa de bar ele tinha sempre os olhos ansiosos observando quem chegava e andando na rua ele tinha muitas vezes a postura de quem espera encontrar alguém vindo na direção oposta).

Não sei dizer com detalhe a história emocional do Fernando, mas sei que é tumultuada, cheia de namoradas sérias desde novinho, de términos tensos, traições e contra-traições, reviravoltas complicadas, gente gritando na chuva, jogando líquidos na cara uns dos outros, quebrando móveis, jogando roupas pela janela, esse tipo de coisa. Pelo que já ouvi, ainda novo, lá pros dezesseis, ele já comia muita gente, homem e mulher, e isso só fez acelerar depois que entrou no teatro, uma fase intensa do ensino médio que parece ter se exaurido ali. Havia fitas VHS de algumas das peças, na casa de alguém, mas eu nunca vi. Só sei que desde que o conheci, só fazia piadas azedas a respeito de teatro.

Quando o conheci ele tava começando a namorar a Eloísa, uma menina bastante bonita com um rosto muito pequeno e delicado acumulado no centro da cara, negra bem clarinha, que fala muito baixo e parece pedir desculpas, sempre.

Eloísa era obcecada com Fernando desde os quinze anos, quando o conheceu através da irmã mais velha, Bia (a melhor amiga do Fernando desde moleque, na escola, nos Marista, tendo tido com ela uma bandinha punk de brevíssima vida chamada MUTANTE É A MÃE).



Parece que antes dos dois sequer conversarem ela já tinha passado meses desenvolvendo mentalmente toda uma rica tapeçaria de hipotéticas peripécias de comédia românticas envolvendo a abstração deles enquanto casal.

Mal se conheceram — depois de trocar cumprimentos e comentários vagos sobre o que estava passando na televisão, que tal seriado era muito exagerado, cheio de gente tomando tiro toda hora — e ela já tinha certeza de que os dois morreriam juntos sessenta anos depois numa casa de campo em Minas Gerais.

Ela falava isso pra irmã, Bia, que contava pro Fernando, que devia achar aquilo muito doido, claro, vindo da irmã novinha e calada magricela que ele nem conhecia, que vivia comendo o próprio cabelo e que mal conseguia cumprimentá-lo direito quando ele passava pela casa delas, olhando pra baixo e fazendo barulhos agudos como um bicho confuso.

Sempre que eu lidava com a Eloísa ela me parecia bem menos ingênua do que diziam. Ficava com a impressão que implicavam com uma aparente infantilidade dela (que era mais uma delimitação estética do que uma postura ética de vida, digamos, ela trabalhava em loja e em ateliê desde os dezessete, se não me engano, e em vários sentidos era uma menina bem mais despachada que a irmã e o Fernando).

O negócio eram os olhos grandes na cara pequena dela, como os de um personagem de anime, que não lhe davam muita opção senão a de receber o mundo com força e de parecer sempre sensibilizada por tudo, vulnerável.

Teve uma vez, acho que no aniversário dele de 26 anos, num bar desses perto do “pôr-do-sol”, na sete norte, que a Bia foi zoar o Fernando, tirando um caderno dele velho da mochila e lendo numa voz empostada um tal “DO TAO DA FODA” que ele tinha escrito quando tinha uns dezenove, segundo ela. Dezessete, segundo ele.

*Na transa já há toda a trama embutida, do amor enquanto devoração que não é só destruição, do circuito da composição pra decomposição*

*e isso sem nem entrar na reprodução. Digo só da cena que se produz na figura de dois corpos, pelo menos, se atraindo e se pegando. Nisso tudo já tem toda uma cosmogonia comprimida.*

*Do amor enquanto apetição e devoração que é destruição irreversível, mas não só. Neón que perdura. A gente tá sempre no nexo entre a apetição de uma*

*voragem e o vórtice de sua concreção. O sexo só torna isso um pouco mais explícito.*

Do jeito que a Bia leu eu lembro que todo mundo riu, com uma voz assim grave sexy e suave mas intensa ao mesmo tempo. Era raro ela fazer esse tipo de zoeira numa mesa grande, mas nesse dia rolou forte.

Nisso já tem toda uma cosmogonia suprimida.

Ela repetia rindo.

— Toma vergonha na cara, menino. Oxe. Tu escreveu isso pra comer quem? Foi a Bianca? Que tinha aquele fiapo sem-vergonha de dread, falava merda de Shiva e Prakti o tempo todo e queria morar em Alto Paraíso?

— Foi ela mesma.

Paulinho e Juliana morrendo de ir, Eloísa fazendo cara de paisagem.

— O nexo entre a *apetição de uma voragem e o vórtice de sua concreção*. Cê é muito cara de pau, Fernando.

E ele sorria, com a cara dele de safado e de cara de pau.

Eu ri com todo mundo, mas o pior é que eu achei foda o que ele tinha escrito. Bonito mesmo. Parecia até profundo, pros meus ouvidos. Não sei se concordava inteiramente, minha experiência é totalmente outra nessa área. Totalmente Outra. Mas era bonito. Parecia ser verdade pra ele.

## 03.

Posso apontar como o começo da história lá pra setembro e outubro de 2008. Foi quando o nosso grupo de amigos se estabeleceu de verdade.

Parece esquisito falar desse jeito, como se tivesse sido fundado com formalidade. Mas de fato aconteceu de maneira clara, todo mundo já se conhecia por alto, mas acabou se reunindo através de amigos em comum numa festa de aniversário em que houve um estalo de reconhecimento e adequação, de senso de humor alinhado e personalidades se encaixando.

Dois casais se formaram nas semanas seguintes e dava pra ver que todo mundo já imaginava aquele grupo presente em casamentos, nascimentos de filho e eventuais enterros. As piadas e recorrências internas aumentavam de complexidade, os hábitos engrossavam, tudo ganhava a progressiva naturalidade de um núcleo fixo de seriado.

O Fernando e a Bia eu descobri no fotolog em 2004, mais ou menos. O Fernando postando coisa de filme francês e Velvet Underground e a Bia postando Bikini Kill, frases do Bakunin e paradas vegetarianas, ela com cabelo azul e os dois morgando na escola ou bêbados na rua, em showzinhos. Lindos, os dois (nem lembro como cheguei neles, honestamente, acho que em posts dum primo meu que tocava numa banda de SKA que sempre tocava no SESC, o Leandro.).

sei nem te dizer quanta coisa eu descobri por causa do fotolog deles, muito menos o turbilhonamento que isso não deu na minha então esparsa e desatenta vida. Só fui conhecê-los pessoalmente mesmo um tempo depois.

Pois então. Eu não fazia parte desse grupo, não exatamente. Durante uma época eu os via com bastante frequência, dava pra dizer que eram meus amigos sem forçar a barra, mas eu não fazia parte do grupo bastante claro que se desenhou nessa época e se manteve tão forte durante os anos seguintes. Quase que eu não digo isso, mas depois ia exigir uns malabarismos que eu não teria competência pra fazer sem distorcer demais a história.

E eu serei fiel à trama, aqui. Pode ter certeza. Até porque foi ela que me urdiu, e não o contrário. Eu nem saberia fazer outra coisa, não tendo nenhuma imaginação (me veio até raiva o dia que eu descobri, lá pros vinte, que tinha gente que conseguia evocar por querer imagens na mente).

Então como que eu quero contar da vida deles? Eu basicamente acompanhava a interação pela internet, as fotos dos encontros e as piadinhas internas que eu só conseguia entender algumas, as interações no Orkut e Twitter e outras dessas redes sociais (como eu detesto o termo), os infinitos comentários que eles deixavam nas fotos uns dos outros.

E de fato alguns viviam tanto ali que eu chega conseguia acompanhar as relações intrincadas e grossas ali de tão perto, às vezes tendo a nítida impressão de que eu fazia parte da coisa, de alguma forma. Que eu participava daquela interação por observá-la com a atenção devida, daquela conversa coletiva cujos pipocos me chegavam, a maioria, de início, por caixas de comentários de fotolog e recados do Orkut (e, depois, das outras plataformas).

Já começa a anoitecer, eu preciso comer alguma coisa, mando mensagem pra uma amiga que já morou aqui e pergunto telefonemas de disk-entregas baratos. Ela me lembra que não está atualizada, mas uma dica sua atende. Peço um sanduíche que chega bem rápido e que eu devoro em poucas mordidas. Guardo todos os seus detritos resultantes de plástico e papel molhado de gordura no mesmo saco de papelão donde veio.

Não chego a acender a luz, janto no escuro, o retângulo brilhoso do celular e a luz dos postes lá fora levemente refletida no chão, vagamente espalhada no chão tão sujo, ainda tão marcado de móveis que não estão mais lá, os traços de uma vida alheia que se depositou e se arrastou aqui por anos. E que agora é a minha.

## 04.

Eu converso bastante na ferramenta de chat do meu email (na verdade, conversava durante esses anos mais através dela do que através de qualquer outra mídia – incluindo a assim-chamada realidade) e as conversas são todas guardadas ali, assim como a correspondência em si.

A conta vai fazer dez anos, o que significa que boa parte da minha interação pessoal com o mundo nos últimos dez anos é imediatamente recuperável ali sem dificuldade. É possível inclusive pesquisar essa base de dados atrás de palavras específicas. Eu descubro assim que nunca conversei com ninguém ali sobre “cadafalso” e que “curitiba” já apareceu nas minhas conversas e emails exatamente onze vezes. “Dante” (um autor que eu nunca li) três vezes. “Corinthians” oito vezes.

E eu tenho como resgatar uma conversa muito engraçada que eu tive com o Fernando um dia de tarde, em fevereiro de 2012.

— oi fernando (:

— eaí, só na tranquilidade?

— sim, e você?

— tranquilo. tou só mandando um e assistindo futebol. Quatro e vinte nosso de cada dia.

— mentira.

— haha, mentira mesmo, como que tu sabia?

— não sei, só me pareceu mentira.

— eu de fato tou mandando um, mas tava lendo a divina comédia.

— haha, e as duas coisas funcionam juntas?

— não completamente, né. rola uma sl perda cognitiva que não se pode desprezar. mas rola um esquema específico pro qual acho que tá funcionando bem.

— como assim ‘esquema específico’. favor explicar

— haha. então. é que de acordo com o pouquíssimo quase nada que sei de interpretação medieval, a divina comédia é supostamente pra ser interpretada em quatro níveis, né. o literal, o analógico, o alegórico e o anagógico.

— Anram, CLARO.

— haha então. O Dante explica tudo tin-tin por tin-tin. Não vou encher teu saco com tudo, eu tou focando hoje é nesse último. O anagógico. Esse último seria algo como um sentido total que se depreende daquela ordem de palavras tomada meio como um vetor espiritual ou moral de uma ascensão, entende.

— Ahn.

— Tipo um cone assim. Ou uma pirâmide. Saca?

— Não

— Pensa no presente agora, o teu presente, como um cone. Algo pelo qual você passa, com o cume dele sendo o agora. E agora pensa o livro como isso, mas te forçando a subir.

— Certo.

— Pelo que eu entendo é tipo isso (mas eu não entendo). esse nível é o mais inacessível pra mim. e não é só porque eu não sou cristão, o negócio é que minha imaginação não tem nem acho que os aplicativos devidos pra lidar com esse tipo de esforço, boto fé, entende?

— Hm

— Como se o bagulho não estivesse disponível aqui, mesmo. Não rodasse no meu hardware.

— Tendi. Acho.

— então tou tentando uns estímulos artificiais pra ver se ajuda.

— e tá funcionando?

— de certa forma, sim. é muito estranho. eu não sou nem remotamente religioso, devo ser uma das pessoas menos supersticiosas e mais materialistas de que se tem notícia. mas fazendo um esforço consciente com o Dante e com a ajuda psicotrópica aqui parece em alguns momentos que eu estou de fato habitando o negócio.

— Que negócio

— a crença. Mesmo que só de sacanagem, como exercício. Só pra ler o trem e entrar na onda dele, aprender a dobrar daquele jeito.

— haha

— caraca, não acredito que viajei tanto o\_o foi mal, fiquei meio sem noção aqui.

— não, relaxa, desculpa ter rido. Eu rio de quase qualquer coisa que as pessoas falam pra mim na internet. só sei responder assim.

— haha. há maneiras piores de se reagir.

— mas achei massa o que voce falou. bem ferinha.

— enfim. é assim que a minha inutilidade aqui passa as tardes. e

voce?

— eu assinalo tempo pra estudar (concurso, tal :x). mas acabo passando quase todo o meu tempo na internet.

— entendo. eu tb tou sempre com umas apostilas aqui do lado do computador. Mas Internet devora, né.

— é horrível. hoje eu passei pelo menos dez minutos lendo na wikipédia extensivamente sobre um programa de televisão de uns dez anos atrás que nunca assisti. e que eu nunca assisti porque nunca me interessou, inclusive.

— Haha

— foi só uma tirinha de internet que eu leio fazer uma piada envolvendo esse programa que eu senti a necessidade de entender a referência. daí wikipédia. daí quando eu vi eu tava lendo sobre a vida pessoal do criador do programa. sei que ele é vegan e feminista e ateu militante.

— podia cair esse tipo de coisa nos concursos que voce faz, né.

— nossa, claro. se caísse nos concursos bobagens assim eu já teria passado em algum fatalmente. Em primeiro lugar, se pá.

Enviado 16:52

Caiu um silêncio por alguns minutos. Que eu quebrei com as mãos suadas:

— vem cá, desculpa perguntar. mas aconteceu alguma coisa aquele dia na casa da juliana? eu pergunto pq senti um negocio estranho entre voces depois, nao sei se é noiagem minha.

— hm. como assim?

— ah, deixa, deve ser loucura minha, esquece :S

— não, ué. Eu só nao entendi sua pergunta, mesmo :B

— voce nao lembra?

— não

— ah

— nem sei o que dizer

— tudo bem. esquece.

— olha isso aqui, ó:

[cabolaorigem.blogspot.com](http://cabolaorigem.blogspot.com)

A conversa terminou aí.

É muito estranho tê-la transcrita e disponível na minha conta de email depois de todo esse tempo. Não sei o quanto que a consciência de que a nos-

sa conversa está sendo gravada dos dois lados afeta a maneira com a qual nos expressamos, mas deve influenciar um tanto. Eu sempre tento com força demais dizer coisas engraçadinhas e interessantes, quase nunca relaxo completamente. Não que eu faça isso ao vivo, mas relendo essas conversas eu consigo notar escondida debaixo de tudo que falo uma ansiedade tola que me leva a ficar apagando e reconsiderando o que estou dizendo. Tentando julgar tudo de uma maneira excessiva, preocupada demais com um ideal fumoso de pessoa sofisticada e divertida.

O tempo inteiro que estou interagindo com as pessoas eu tenho consciência dessa interação e dessa atividade como uma cena, e a minha preocupação é de engehar um desenho mais arrumado a partir desses elementos toscos que me foram dados.

Não que eu consiga, né? Longe de mim. A vida continua sendo esse trem torto, luzinha intermitente, as minhas interações tão desajeitadas e desinteressantes quanto as de todo mundo, senão muito, muito mais que a média. Mas a vontade está sempre lá moldando tudo que eu faço e deixo de fazer.

Já está montado antes que eu perceba, a simulação rodando no galpão assim que as luzes acendem e eu mal tenho opção a não ser protagonizar o papel já escalado na esteira dessa contínua, arrastada besteira. O que me deixa essa pilha de nervos, sempre, esperando a minha vez de falar pra não falar errado. E não fica mais fácil.

Eu cliquei no link que ele colou, vi que era um blog qualquer assinado por um “F. de Vasdasig”. Pela dispersão momentânea ali da minha atenção em outras conversas e abas eu nem dei muita atenção, de cara. Apenas umas duas horas depois, quando já ia desligar o computador, é que fui de fato ler com calma.

O blog só tinha um post, mas era enorme:

## **CABULOSO**

“

‘e o caminho

da felicidade ainda existe

é uma trilha estreita em meio à selva triste’



Mano Brow

‘posing as hardcore, oh yeah, either-or’

Elliott Smith

Paraíba Blade, herói ainda inconquistado, alegria de quase todas gentes, estava diante de dezenas de destacamentos, lideranças regionais, batalhões independentes, guerreiros mavericos e bots assinalados, membros da resistência mambembe e mal-ajambrada contra a Ameaça que fungava em todos proverbiais cangotes. Eles quase todos erguendo os braços e armas de seus convolutos avatares na sua direção, aguardando algum gesto decisivo seu, alguma ordem, diante da criatura gigantesca que se erguia diante deles. Vasta e grotesca. Todo um mundo persistente teimando, esperando por ele.

Sentado no chão do seu apartamento novo, ainda quase sem móveis, suado e sem camisa, cada vez mais pançudo, Gustavinho tentava entender o que tinha acontecido, que sucessão alucinante e pouco crível de eventos o havia trazido até aquele ponto em tão pouco tempo. Ele, que sempre havia temido uma vida medíocre, percebia agora que nada poderia parecer mais atraente. Sua nuca ainda tava doendo, mas ele não queria botar o dedo de novo. Era uma pequena retomada narrativa da sua vida que ele tentava empreender com muita frequência nos últimos dias (sem nem perceber que o fazia, os instrumentos da sua cabeça correndo com ela automaticamente), uma repetição entabulada de si mesmo que começava a ganhar as feições ominosas de uma preparação para a morte.

Tudo tinha ficado muito intenso nos últimos dias, e muito tenso.

Quase sempre que ele tentava se lembrar de como toda aquela bagunça tinha começado uma mesma imagem se apresentava, de um dia que parecia impossivelmente distante agora, acontecido num outro mundo, e que na verdade sucedeu pouco mais de dois anos atrás.

Gustavo Mesquita Peterson, conhecido quase exclusivamente como Gustavinho, estava tentando delimitar qual seria a melhor forma de aproveitar aquela tarde de fevereiro em 2012, que estrutura ritmada que ele poderia dar a ela que se traduziria no melhor aproveitamento possível de todas suas lúbricas possibilidades de entretenimento.

No momento ele havia decidido que mexeria na internet por uns quarenta minutos antes de fumar o beque que ele já havia bolado e que estava no momento dentro de uma caixinha de madeira colorida que ele havia furtado da casa da avó uns dez anos atrás. A caixa é búlgara, mas ele não sabe disso.

Depois de fumado o beque, ele não sabia ainda como gastaria a pala, se assistia um filme japonês de samurai que ele tinha baixado ontem ou se desenharia por um tempo no Adobe e depois assistiria um jogo do campeonato inglês que devia começar às cinco e pouco.

Os pais de Gustavinho se chamavam Leila Bittencourt Mesquita Peterson e Plínio Figueiredo Peterson. Eles estavam casados há trinta e dois anos e pareciam quase impossivelmente felizes. Em todas as fotos dos dois juntos eles tinham o mesmo sorriso escancarado, que parecia envolver um esforço doloroso, quase uma distensão do maxilar. Os dois eram dentistas na mesma clínica, que havia crescido além de qualquer expectativa razoável nos últimos dez anos e se tornado muito bem-sucedida, focada em, mas não limitada a, tratamentos estéticos, que levava o nome dela e tinha escrito em dourado na porta ‘apaixonados por excelência’.

Se perguntados, tanto Leila quanto Plínio diriam com a maior sinceridade que lhes era disponível que eles de fato eram, sim, apaixonados por excelência, em todas suas instâncias e aspectos. E que aquilo se traduzia não só numa ética profissional, mas numa filosofia de vida. Essa paixão por excelência de fato se aplicava a tudo na vida deles, aos hábitos alimentares, à manutenção do corpo (ambos não só perfeitamente torneados e permanentemente bronzeados, mas ainda por cima integralmente depilados, à exceção exclusiva das axilas dele),

à proposta estética da casa (que deveria seguir um tema diferente a cada dois ou três anos, no momento oriental, no ano que vem talvez carioca-praiano) e aos tratos afetivos de um com o outro (eles tinham não só um diário de sentimentos que um escrevia para o outro ler, mas também uma sessão mensal em que todo pequeno ressentimento tinha que ser descarregado e transformado numa crítica positiva que fizesse o casal amadurecer e crescer em alguma direção apreciável).

A única extensão da imagem deles que não era alinhada e controlada era filho único deles de vinte e sete anos, Gustavinho. Eles haviam desde cedo concordado entre si que não dariam a Gustavinho a mesma infância severa que haviam recebido dos pais. Gustavinho teria liberdade para fazer o que quisesse da sua vida, para criar seu próprio caráter, decidir que tipo de pessoa ele seria, que círculo de amigos, que escolas frequentaria.

Embora os dois fossem católicos (ele um tanto mais do que ela, é verdade, que se considerava mais assim plural, com um pezinho no espiritismo), não deram uma educação cristã pro filho e diziam que ele mesmo teria que trilhar seus passos espirituais. Com cinco anos Gustavinho era apresentado como budista, supostamente por decisão própria. Durante uma intensa fase de Star Wars que durou dos sete aos nove anos, Gustavinho se considerou mais ou menos a sério ser um Jedi e depois de descobrir — através de uma piada em inglês mal-interpretada como notícia — que a Suécia aparentemente reconhecia para todos efeitos legais e institucionais aquilo como uma persuasão religiosa legítima, Leila brigou ferrenhamente com a sua escola para que Gustavinho pudesse devidamente observar seus ritos e costumes Jedis nos eventos ecumênicos que a escola organizava no lugar das comemorações cristãs tradicionais.

(Nas dezenas de fotos emolduradas pela casa toda, ainda dava pra encontrar duas em que Gustavinho se encontrava vestido com robes bege, uma cara séria, o excesso do seu cabelo amarrado num rabinho de cavalo).

Depois de cursar publicidade numa universidade particular sem nenhum entusiasmo, demorando cinco anos e meio pra formar, Gustavinho passou um período comprido deprimido, acordando quatro da tarde sem saber o que fazer da vida. Ele acompanhava devotamente mais de dez seriados americanos ao mesmo tempo, baixando sempre na madrugada do dia seguinte à sua exibição nos Estados Unidos e às vezes até colaborando com a tradução e confecção das legendas piratas que milhares de brasileiros baixavam.

O seu blog sobre *Lost*, *Dexter* e *Battlestar Galactica* adquiriu durante alguns meses uma popularidade tão surpreendente que ele começou a considerar que talvez conseguisse transformar aquilo numa profissão. Mas a publicidade que ele meteu no blog não lhe rendia nem cem reais por mês direito e ele sabia que aumentar muito a quantidade de propagandas poderia diminuir o tráfego, então acabou desistindo (como já havia feito com a guitarra e com a vaga intenção de abrir uma cervejaria artesanal). Ele ia dormir todo dia sete da manhã e acordava às 16h, brincava (com ninguém, apenas mentalmente) que estava morando no horário de Los Angeles.

A única coisa que o levantou momentaneamente dessa depressão foi ter descoberto a maconha, o que aconteceu por intermédio de um primo advogado e marombeiro, Flávio. O primo se preocupou com o aspecto desalentado e letárgico de Gustavinho, imaginou que talvez a erva teria na vida de Gustavinho a revolução espiritual, ética e pessoal que ele dizia que tinha desempenhado na vida dele e estabeleceu com ele um trato no sentido de fornecer prezas substanciosas de tempos em tempos contanto que Gustavinho saísse da sua letargia absoluta, fizesse exercícios pelo menos três vezes por semana e pelo menos tentasse se meter a começar alguma coisa, que fosse artesanato, uma banda de ska ou um joguinho desses pra celular.

— Dá pra ganhar trinta milhões com esses joguinhos, bicho, tu não saca dessas parada? Porra.

O primo, que trabalhava num escritório trabalhista mas queria se

especializar em Direito Ambiental, era um hippie que não parecia hippie, de barba feita, cabelo certinho, roupas justas e músculos diariamente talhados na academia (ele equacionava com bastante facilidade e até alguma eloquência a necessidade de ter o corpo malhado com uma relação panteísta bem vaga com a natureza). Não fosse essa intervenção do primo, Gustavinho dificilmente saberia como arranjar um produto ilegal. Os poucos amigos que ele tinha (exatamente quatro: Lucas, Cássio, Gabriel e Daniel) todos estabelecidos entre a quarta e a sétima série, eram bastante parecidos com ele no sentido de não beber muito, não sair muito e não cometer nada muito extremo (a não ser que você considere extremo uma maratona de dezesseis horas de World of Warcraft abastecida apenas por garrafas de Guaraná Zero e pacotes de Doritos vencidos há mais de uma copa do mundo).

Gustavinho começou a gostar imensamente da droga, que nas duas vezes em que havia experimentado antes, com dezessete anos na casa de um amigo de escola, havia lhe deixado simplesmente suando, ansioso e assustado com tudo (ele lembra de ter assistido um filme na Sessão da Tarde que havia lhe parecido sinistro e de assistir o mesmo filme anos atrás e constatar que era apenas uma comédia convencional). Nada mudou na vida de Gustavinho, tudo continuava recostado e quieto, nenhuma meta se desenhava de curto ou longo prazo, nada parecia assim tão mais importante do que antes, como o primo havia prometido.

— Bicho quando eu comecei a fumar eu comecei a perceber assim que eu não tava sozinho na natureza, saca? Isso vai acontecer contigo, também, certeza, tu é um cara sensível.

Mas pelo menos seus jogos, seriados, partidas de futebol, filmes de ficção científica, quadrinhos, pornografia e outras formas de entretenimento pareciam um pouco mais intensas e divertidas depois de fumado um beque. Isso já era alguma coisa.

As vaguíssimas ambições criativas que Gustavinho sempre teve se

viam de repente estimuladas pelo seu novo hábito. Ele desde moleque tinha a impressão de ter uma sensibilidade extraordinária para filmes, quadrinhos e rock, para tudo que ele considerava parte da cultura nerd como um todo. Sentia que dominava as referências e as várias linguagens dessas tradições (quase todas norte-americanas).

Ele vivia pensando de forma resmungona pra si mesmo, enquanto dirigia, enquanto tomava banho, que se tivesse nascido nos Estados Unidos ele seria hoje quase certamente um músico, quadrinhista, ilustrador, tatuador, roteirista ou diretor de cinema de razoável sucesso (não estrondoso, ele era realista). Vivia querendo articular todo o vasto repertório de linguagens e referências gráficas e narrativas numa obra só, mas não conseguia encontrar uma forma pra ela, não conseguia decidir em nada. Enquanto doido de beque, ele vivia achando que havia tido uma epifania criativa. Rabiscava coisas todo dia no caderno e no computador, mas as notas eram sempre vagas, contraditórias, os desenhos conceituais às vezes pareciam sugerir uma ficção científica, às vezes um noir, às vezes um filme realista com violência grotesca, às vezes um desenho animado de humor nonsense.

Sempre que se punha a ler os rascunhos no dia seguinte não conseguia entender nada, via que não havia substância nenhuma ali. Um dos papéis, por exemplo, continha um coelho antropomórfico ridiculamente musculoso segurando uma espada samurai flamejante do lado de um velociraptor com monóculo e cartola. Entre as dezenas de palavras rabiscadas, Gustavinho só conseguia entender ‘Império gringo maligno’, ‘Kombi que viaja no tempo’, ‘O mundo todo é um jogo de computador’ e ‘Cachorro falante’. As tentativas de reunir esses elementos todos em algo que fizesse algo remotamente próximo de um sentido acabavam sempre frustradas.

A casa da família Peterson fica na QI 17 do Lago Sul, do lado da casa do embaixador da Guatemala, cujos nove cachorros eram diariamente passeados por três homens cansados.

A casa deles era inconspícua para a vizinhança, bege com madeira

escura nas janelas e batentes, um jardim discreto, sem grandes firulas, bem-cuidado por um rapaz taciturno que vinha uma vez por semana. Silas, monocelhudo e simpático, também limpava as calhas e a piscina. Tinha um carro super ornamentado e com um aparato sonoro poderoso, sua chegada no conjunto se anunciava de longe. Gustavinho trocava com ele gestos muito travados e constrangidos. A casa tinha uma piscina num formato todo errático e modernoso, cheia de luzes estratégicas de cores diferentes, e uma casa de cachorro vazia e bastante suja, guardando apenas galhos e folhas secas há anos.

Gustavinho frequentemente fumava nessa casinha de cachorro, à noite, mas já havia acontecido uma vez ou outra dele fumar no próprio banheiro, por preguiça, em pé em cima da banheira e tentando direcionar a fumaça para a janela. O pai, uma noite teve que usar o banheiro de Gustavinho por causa dos banhos intermináveis da mãe e a reforma do banheiro de hóspedes (a segunda em menos de dez anos), acabou sentindo o cheiro, perguntou imediatamente se aquilo era de fato o que ele estava pensando. Gustavinho ficou nervoso e não negou nem confirmou, respondeu gargalhando de maneira obviamente fingida e nervosa. O pai não ficou muito bravo, disse que aquela idade era difícil e tensa, mesmo, que era natural experimentar coisas e ter curiosidades daquele tipo, que não via problema contanto que ele fumasse só de vez em quando.

Mas Gustavinho continuou com medo de ser descoberto, menos pela sua mãe (embora ela talvez fizesse um pequeno escândalo se descobrisse) do que pela empregada da sua casa, Rosângela. Rosângela tinha só oito anos a mais que Gustavinho, mas lhe parecia uma pessoa infinitamente mais madura e respeitável.

Era do interior da Bahia, magra com feições angulosas e severas, sorria só muito de vez em quando e sempre com algum motivo genuíno, nunca para ser educada (para isso ela reservava um retesamento horizontal da boca que não se curvava nas extremidades, nunca chegava a virar propriamente um sorriso). Gustavinho achava que Rosângela devia desprezá-lo imensamente, a sua figura gordinha, profana, privilegiada

e inútil, no que ele lhe dava toda a razão do mundo. Ele de fato tinha pelo menos uma vez por dia uma conversa mental com ela em que os dois enumeravam todas as formas através das quais ele ofendia a humanidade como um todo ao dormir doze horas por dia, não fazer nada produtivo para o país, se masturbar com uma frequência tão prodigiosa e se utilizando de um arsenal pornográfico tão vasto, moralmente ofensivo e etnicamente variado e ainda por cima encontrar farelos de biscoito ou paçoca entre as dobras de gordura da sua barriga tantas vezes por semana.

A única coisa que impedia Gustavinho de chegar a se considerar deprimido era o fato de que sempre que ele começava a se sentir realmente mal a respeito de si mesmo e da sua vida um reflexo firme se armava, incomodado de repente com a possibilidade daquela pessoa tão privilegiada e inútil ainda por cima conseguir achar a sua vida ruim, de alguma forma, aquela vida tão mais fácil do que a média. Ele fazia um esforço deliberado para, ao menos, aproveitar as possibilidades de entretenimento à sua disposição, embotar a voz que se erguia dizendo que tudo aquilo era nada.

A forma que Gustavinho encontrou de fumar os seus beques sem ser pego envolvia passeios de carro durante à tarde. Geralmente arranjava alguma desculpa para sair de casa, falava (sem que perguntassem, às vezes) que ia pra casa de algum amigo ou comer alguma coisa. Parava o carro no final de algum conjunto aleatório do Lago Sul e fumava com as janelas fechadas, olhando em volta o tempo todo, paranóico com absolutamente qualquer movimentação efetiva ou imaginada.

Hoje chega em casa cinco e meia da tarde, vê que a Rosângela já foi embora (pensa diariamente em oferecer carona até a distante parada de ônibus, mas quase nunca oferece, por constrangimento).

Fica feliz de ter a casa para si mesmo por algumas horas, a pala já está profundamente depositada nele (o mundo gentilmente derretendo, arrastado), mas ainda deve engrenar mais ainda, ficar mais forte e durar por um bom tempo. Fica profundamente feliz e grato pelas



condições históricas que permitem que ele tenha aquela vida tão divertida e confortável. Nunca tinha feito um beque tão carregado quanto o de hoje. Os tutoriais que ele assistiu no Youtube tinham ajudado bastante.

Já tira do congelador um sorvete de creme que ele vai comer com paçoca esfarelada e calda de chocolate esquentada no microondas. Ele chega a dar um pulinho de satisfação quando percebe o quão gostoso vai ser e percebe que está até um pouco emocionado com a extrema bem-aventurança da sua situação no momento. O sorvete está ainda muito congelado e ele tem muita dificuldade de afundar a colher nele. O cabo entorta, sua mão fica meio vermelha. Por um momento imagina um filme bastante dramático sobre aquela situação, de alguma forma transfigurada no filme pra envolver o exército americano e o Kevin Bacon como um oficial da marinha olhando ansiosamente de binóculo pra algum evento ominoso no horizonte, algum monstro marinho ou erupção gasosa apocalíptica.

Passando pela sala, vê o porta-retratos digital que a sua mãe comprou uns dias atrás. É uma tela de poucas polegadas na qual você liga algum dispositivo USB com fotos carregadas e que a mãe selecionou cuidadosamente de todas as suas fotos favoritas de família. Lá estavam eles em Aspen, em Las Vegas, em Dubai, em Paris. Em cada uma das fotos Gustavinho parecia incomodado por alguma coisa diferente (um mosquito, o calor, o sol no rosto, a mão da mãe na sua cabeça). Apenas o próprio Gustavinho conseguiria dizer que na verdade em todas as fotos ele estava incomodado com a exata mesma coisa: consigo mesmo, com a profunda e infalível inadequação da sua existência.

Na sala da casa da família Peterson há uma parte da parede que é espelhada e passando ali procurando o controle da televisão Gustavinho vê o vulto de si mesmo de canto de olho e se assusta, chega a encarar a sua própria imagem por uns dois segundos como se fosse a imagem de outra pessoa. Depois de constatar além de qualquer dúvida que de fato aquela figura é ele, com um gesto ridiculamente autoconsciente da mão esquerda, ele percebe como é raro poder

encarar a si mesmo assim de corpo inteiro num espelho, a imagem inteiriça que os outros têm de você, a figura que você carrega pelo mundo sem dela nunca ter exata consciência.

Começa a ver a si mesmo em terceira pessoa, como um personagem em algum filme ou jogo, aquela imagem parte de alguma narrativa maior que no momento ele não consegue acessar, elemento de um conjunto de cenas justapostas carregadas em alguma direção dramática, em algum padrão enorme, impossível de ser figurado no momento.

Percebe num estalo, num encaixe numa peça de quebra-cabeças, que ele vai escrever uma história em quadrinhos, um troço que vai reunir tudo que ele domina tão bem, todas aquelas tradições nerds que são uma segunda língua pra ele desde moleque. Toda a sua vida vai culminar naquele troço, tudo que ele viveu e processou até agora foi uma preparação para que ele pudesse fazer aquilo.

Gustavinho consegue já vislumbrar não só o quadrinho que ele vai desenhar e escrever, mas também as adaptações cinematográficas que vão fazer dele, primeiro a brasileira, depois a americana (que vai ser um pouquinho menos original, mas melhor produzida). Os jogos de videogame que devem fatalmente sair serão importantes e ele vai fazer questão de fazer consulta criativa para que eles mantenham o caráter da sua obra no jogo. Seria ótimo se a campanha publicitária do jogo envolvesse um daqueles jogos virtuais que misturam realidade e ficção, o povo realmente nerd adora essas coisas. Ele fica muito mais tempo imaginando esse vasto universo transmidiático do que efetivamente concebendo a história em si, seus personagens, temas e arcos narrativos concorrentes. Ele vai pro quarto, esquecendo o sorvete na cozinha, e se mete a rabiscar e escrever coisas no computador. Acaba adormecendo num pufe perto do seu computador quarenta minutos depois, exausto.

Nove horas mais tarde, Gustavinho acorda sobressaltado, lava a cara no banheiro e imediatamente se lembra de tudo aquilo que havia habitado sua cabeça logo antes dele ir dormir. Ele retoma os vários papéis

rabiscados e documentos ainda abertos no computador sem muita esperança, esperando encontrar idéias absurdas e desconexas. Mas pra sua surpresa ele percebe que de fato tem alguma coisa ali. Por mais esquisita, parece haver alguma mínima lógica estabelecida. Ele tinha criado alguma coisa?

Começou a fazer rascunhos mais organizados, personagens principais e secundários, começou a esquematizar todo um universo ficcional descaradamente chupado de diversas fontes, de vários outros quadrinhos, filmes e livros de ficção científica. O personagem principal era um brasileiro baixinho, figura meio ciborgue, meio pirata, com um tapa-olho, cabelo comprido e uma expressão durona terrível. Apenas depois de desenhar a sua quinta e mais satisfatória versão é que Gustavinho percebeu o tanto que ele parecia uma versão brasileira do Nicolas Cage em *Con Air*, o que lhe pareceu bastante adequado.

O pano de fundo era um Brasil pós-apocalíptico num futuro não tão distante onde corporações malignas dominam e controlam a internet, criando redes fechadas de conteúdo de entretenimento e de conexão social exclusivas para algumas comunidades isoladas em condomínios murados de alta segurança, protegidos por milícias violentíssimas. Vários grupos subversivos diferentes se interrelacionavam, alguns saqueando cidades, vendendo todo tipo de contrabando e predando virtualmente a identidade das pessoas, outros tentando penetrar nas redes fechadas e estabelecer com gambiarras monumentais redes abertas para o acesso e o livre trânsito de conteúdo.

Gustavinho faz isso por horas seguidas, precisa depois de um tempo até se forçar a parar pra comer alguma coisa e descansar um pouco.

Tinha só uma imagem que aparecia entre as outras, estranha e ainda mais teimosa e firme do que as outras, mas que ele não conseguia integrar ao resto, que ele mal conseguia enunciar direito pra si mesmo. Por mais forte que fosse, era tão alheia e ruidosa que não se resolvia numa configuração estável na sua cabeça. Ficava ali ante-sala da sua imaginação, alojada, sem ir embora, mas sem se apresentar de uma vez.

A imagem de um planeta enorme, visto de longe. Marrom e cheio de névoa. Com uma parede densa de raízes entrelaçadas sobreposta à sua imagem.

Depois de duas semanas preparando a história e fazendo rascunhos, Gustavinho começa a desenhar o troço a sério, o que envolve desenhar com lápis, passar a limpo com a caneta e depois escanear para colorir. O seu estilo é cartunesco, não tão detalhado, mas cada página demora no mínimo dois dias para fazer, mesmo organizando as tarefas da forma mais eficiente possível e dedicando horas e horas seguidas.

Gustavinho se surpreende com sua própria seriedade e comprometimento, algo que ele não se lembra de ter tido em nenhum outro momento da vida, com nada. Continua trocando o dia pela noite, mas agora de forma organizada, disciplinada, digamos, acordando todo dia na mesma hora (meio dia) para trabalhar. A princípio ele teve vergonha de admitir pros pais, mas depois de um tempo ele mostrou o que estava fazendo, no que foi imediatamente alvo de abraços e beijos e telefonemas de tios o parabenizando e até um almoço comemorativo na casa da avó, embora ele não tivesse nem dez páginas do troço desenhadas ainda e ninguém conseguisse entender muito bem do que se tratava quando ele explicava.

Não tinha ideia ainda se poderia tentar vender ele próprio o negócio online, quando (e se) conseguisse terminá-lo. Então depois de algumas semanas ele começou a postar tudo que ele terminava na internet, num blog que ele montou com esse propósito. Divulgou pros seus amigos imediatos um dia de madrugada, sentindo que depositava no mundo um filho seu, com um pouco de medo de ser ridicularizado, mas ao mesmo tempo com uma confiança razoável, alternando entre esperar respostas vagamente encorajadoras e perfunctórias ou um helicóptero chegando na sua casa no dia seguinte com ídolos seus e uma equipe de televisão pronta para lhe entregar um prêmio.

Os seus amigos mais próximos reagiram com muito entusiasmo, mas isso não o impressionou além da conta, já que eram seus amigos

e deviam estar principalmente chocados com o fato de ele do nada apresentar algo já tão trabalhado, algo no qual ele já havia depositado dezenas e dezenas de horas. Ele que mal conseguia se levantar da cama uns meses atrás.

Pouco mais de uma semana depois o blog tinha centenas de seguidores, boa parte deles estrangeiros. Ele nem conseguia acreditar. Um amigo de Gustavinho, Cássio, dizia que no fundo não era tão impressionante assim, se você pensasse. As referências cruzadas ali, os vários códigos visuais e clichês citados, eram praticamente universais, ou pelo menos partilhados globalmente pelo mesmo tipo de moleque nerd no Canadá, na Rússia, no Japão, no Egito, sabe-se lá onde mais. Os seus seguidores cresciam num ritmo vertiginoso e o seu comprometimento com o negócio também. Por três meses ele trabalhava mais de doze horas por dia, até sua mão doer demais, os olhos no espelho orgulhosos de estarem tão estourados. E os seguidores recompensavam sua postagem assídua, comentavam que o estilo dele tava ganhando maturidade a passos largos, na frente de todo mundo.

Depois de quatro meses, foi surpreendido pela proposta de uma editora americana de médio porte de que ele já tinha ouvido vagamente falar. Dark Aardvark. Ofereciam a possibilidade de publicar diretamente nos Estados Unidos o negócio dele assim que estivesse pronto e pediram desculpa por não poder oferecer adiantamento. Ele checkou várias vezes o e-mail, releu e ficou tentando encontrar ali alguma fissura que denunciasse a fraude, talvez ecos da voz de algum amigo dele curtindo com sua cara. Duas semanas depois ele estava assinando um contrato. Ele e os pais foram numa pizzaria chique comemorar, a mãe pedindo para três garçons diferentes fotografá-los ao longo da noite.

Todo mundo com quem ele conversava sobre aquela série inesperada de eventos concordava que tudo aquilo havia sido muito rápido. A primeira edição foi publicada seis meses depois nos Estados Unidos, apressada por contingências do calendário comercial lá deles que Gustavinho nem entendeu. Para seu desapontamento, a sua história

não saiu sozinha e sim como parte de uma coletânea maior de artistas descobertos na internet (quatro deles americanos, dois deles hifenados, mais ele e um indiano). Ele saiu numa reportagem enorme no Omelete (um site sobre entretenimento de nicho que ele lia há pelo menos dez anos) que se centravam principalmente no fato dele estar fazendo um sucesso nos Estados Unidos, como se aquela fosse uma legitimação de outra ordem.

Poucas semanas depois do lançamento e dos pequenos pipocos que lhe seguiram, uma pequena empresa paulista de videogame com o nome esquisito de Synopticon, que até agora só tinha dois joguinhos simples casuais pra browser e pra celular, entrou em contato com ele. Um grupo de moleques que pelas fotos do site não parecia ter nem vinte anos direito sondando Gustavinho a respeito da possibilidade de criar um “jogo de RPG massivo com múltiplos jogadores online (MMORPG)” a partir não exatamente da história do seu quadrinho (já que eles nem conheciam a história direito, que ainda estava no segundo volume), mas do universo ficcional onde ela se passava, toda a coisa brasileira pós-apocalíptica que se servia de um excesso de referências pop de todo tipo.

Gustavinho mal conseguiu acreditar no email, gargalhou de antecipação e antes mesmo de procurar saber se aqueles moleques tinham qualquer condição de levar aquela ideia pra frente e de fazer o negócio bem feito ele concordou, respondeu o e-mail dizendo que sim (ou melhor, “SIM!!!”) e aceitou viajar para São Paulo na semana seguinte para conversar sobre o negócio.

—

A história parava assim.

Apesar dele não ter dito, eu comecei a ler supondo que o autor era o Fernando. Sabia que ele gostava de escrever, mas nunca tinha lido nada dele. O que já tinha visto era um dia bêbado admitir um ressentimento a respeito disso que me pareceu pouco característico, falando por um tempo enorme de como nenhuma revista grande brasileira e quase nenhuma editora eram

abertas pra submissões de inéditos, tudo parecia fechado em si mesmo, uns vinte machos paulistas e cariocas batendo punheta uns pros outros. Falava isso num tom amargo que eu não sabia que ele tinha e que foi eloqüente em demonstrar o tanto que ele devia ter mundos inteiros que eu desconhecia. Eu achei bom quando vi aquilo, na época, embora tenha sido desagradável de ver.

Aquele rancor todo era feio de se ver ali exposto daquele jeito, como uma fratura infectada, mas eu achei bom porque ali eu vi vulnerabilidade, o que quase nunca acontecia senão nos termos encenados dele.

Fiquei procurando ali na história espectros dele e de nossos amigos em comum. Só depois de terminar de ler é que eu fui perceber que o tempo inteiro eu também tava procurando na história alguma relação possível com os supostos eventos lá com a Juliana.

E fiquei com essa noia quase que só porque ele me linkou o bagulho imediatamente depois de ter perguntado pra ele o que tinha acontecido. Aparentemente bastou essa justaposição para que a impressão se instalasse na minha cabeça de que a história devia ser sobre aquilo.

O conto tinha um tom engraçadinho que pra mim não dizia muita coisa. Tampouco o assunto me interessava (não devo ter jogado nem dez horas de videogame em toda a minha vida, tampouco li muitos quadrinhos).

Não conseguia traçar relações claras entre a história e a vida dele, mas tampouco conseguia determinar que não havia relação nenhuma. A impressão perdurava de que de algum jeito a vida dele devia estar ali, ainda que ir-reconhecível. Não é isso que as pessoas fazem, sempre? Mesmo quando elas acham que não? Elas se colocam em tudo.

## 05.

Tem também a Juliana, que das garotas era a minha favorita. A coisa mais marcante dela para a maioria das pessoas era a enorme pena que ela tinha de si mesma. De fato ela reclamava demais da vida e das coisas, da sua própria sorte e de praticamente todas as circunstâncias em que se via metida.

Mas ela era engraçada pra caramba e pra algumas pessoas (notavelmente: pra mim) as reclamações não eram irritantes, acabavam criando todo esse personagem trágicômico que só faz merda e com quem nada jamais dá certo.

Ela estava sempre (nas suas própria palavras) muito além do peso que gostaria de ter, oscilando violentamente na balança desde o início da adolescência. Ela também não era exatamente bonita, tinha traços agradáveis mas não atraentes, uns olhos espertíssimos, uma bocarra que subia e descia pra todo lado em movimentos erráticos, um riso alto, masculino e meio focinhado que não a agradava e que ela não parecia conseguir segurar (e que eu amo de paixão). Embora falasse muito de sexo, era um ser pouco sexualizável (pelo menos pros limites, talvez pouco flexíveis, da minha imaginação).

Vivia namorando uns caras horríveis que conhecia na internet, sabe-se lá como (ela dizia sempre que tinha conhecido no 'chat do Uol', que ela usava até hoje como metonímia pra todo tipo de comunicação virtual). Caras quase sempre bem abaixo dela, mais feios e menos interessantes, que ela acabava tratando com um jeito condescendente, meio ressentido de não estar com nada melhor.

O tipo de relação que já começa ressabiada e pouco convincente, prestes a ser desmontada. Um deles supostamente havia roubado uma poltrona dela. Não sei como isso teria se passado, mas ele teria roubado a poltrona e deixado um bilhete dizendo pra ela não procurá-lo, que ele não a aguentava mais e que ele se sentia no direito de levar aquela poltrona em troca de todo o abuso emocional que ele tinha sofrido durante os, sei lá, seis meses em que estiveram ficando.

Até onde eu sei, ela não foi atrás do troço.

(Talvez ela tenha inventado essa história, eu percebo só agora, tendo mais credulidade que uma criança de cinco anos, e alguma dificuldade de entender quando as pessoas tão brincando e quando tão falando sério).



Ela era como esses comediantes que têm todo um arsenal recorrente de piadas autodepreciativas, uma imagem fracassada, agressiva e irônica diante do mundo. Vestia sua misantropia e seu ódio verborrágico de várias maneiras, todas coloridas, mas quase sempre concentrava nos homens, em como eles eram desprezíveis e tinham que ser exterminados, em como seus comportamentos eram absolutamente inaceitáveis e indesculpáveis. Repetia algumas mesmas anedotas e conclusões comigo com alguma frequência, aperfeiçoando o relato de algumas histórias a ponto delas consistirem hoje quase inteiramente em frases-de-efeito.

De todos, é a única que sempre, sempre e em toda circunstância me tratou feito gente.

## 06.

Depois de ler o primeiro post do “Cabuloso” do Fernando, fiquei com a atenção redobrada para tudo que ele e o grupo postava. Minha impressão já sempre existente de que todos estavam participando de uma brincadeira que não me incluía passou a ressoar adensado naquela frequência.

E não é que o próprio Fernando postou no facebook, poucos dias depois de me linkar o “Cabuloso”, sem comentário nenhum, o link dum outro blog (overdestavindo.tumblr.com)?

Eu ainda não sabia, nessa época, que o malandro tinha há anos dezenas de personalidades e extensões internéticas (mais sobre isso mais tarde). Ter dois blogs já me pareceu, na hora, rocambolesco.

O blog tinha acabado de ser criado, assim como o outro. E era assinado apenas EMISSARIA TRANS-ESPECIFICA INDEPENDENTE. A primeira postagem tinha o título “PARTE 1 (DE 3) — O VERDE-PRETO DE AMÔNIA EMERGE!”

Ok, então.

Segue o trem:

“Plantas comem luz. O feito já é extraordinário aqui na Terra, mas no Verde-Preto de Amônia — um planeta Marrom girando a pouco mais de quinze anos-luz daqui — as plantas se desdobraram sozinhas, sem que animais viessem depois para tomar-lhes a posse. Análogos próximos de nossos fungos e protozoários crescem misturados às plantas, servindo de suportes simbióticos no seu meio, às vezes disputando nutrientes. Mas nada se agita rápido demais, nada cresce de modo a ameaçar mastigar ou derrubá-las. As condições gélidas e inóspitas da maior parte do planeta não convidam a criação de muita vida além das raízes entremeadas e pacientes que aos poucos vieram a ocupar todas as camadas superiores do esferoide.

Mas elas tampouco deixavam espaço para que as poucas tentativas emergentes chegassem muito longe (pequeníssimos protótipos de

girino sendo aos poucos sufocados por populações efervescentes de alga rendada até que não houvesse mais espaço para experimentação espontânea).

Nesse lugar onde o espectro de luz se fatia doutro modo, as plantas são vermelhas e pretas, variando violentamente de forma e de textura mas nunca de cor além dessa paleta reduzida. Tampouco há insetos ou pássaros para mimetizar ou cuja atenção chamar. Ainda assim, nessa competição calma e quase surda, vai emergindo aos poucos uma comunicação bioquímica cada vez mais enredada.

Depois de algumas centenas de milhões de anos de eflorescência desimpedida, começa a engrossar recursivamente a inteligência distribuída entre as raízes e copas, lianas e espinhos, galhos e demais extensões, bulbos gangliosos se cruzando em rizomas omnidirecionais. Além da compreensão instintiva de cada indivíduo e grupo aglutinoso de indivíduos de como reagir ao seu meio, perseguindo luz e amônia em tropismos lentos mas certos, o Verde-Preto de Amônia começa a espriar redes e nódulos densos entre seus pontos, aos poucos uma assembleia silenciosa e arrastada se montando de metatropismos, ligaduras tensionais se espriando por imensidões, nutrientes e sementes sendo canalizados com presteza industriosa para onde mais precisa.

O verde circula e re-circula, começa a tomar conta de suas extensões além dos termos estipulados pelo programa de autorreprodução montado de maneira involuntária por seus ancestrais. Começa a estender esse silencioso senso de si até onde antes não dava, até onde antes esgarçava, indivíduos velhos e áreas todas ressecadas ou destruídas por ventanias furiosas de granizo eram retomadas e revitalizadas pelas vizinhas.

Nas vastas expansões de amônia congelada, gasosa e líquida onde as raízes se comunicavam, núcleos às vezes se degradam, mas geralmente são enxertados ou devorados por outros núcleos enodoados em volta. Dificilmente morrem de todo. Um vasto planeta onde a vida pisca,

acende mais aqui e ali, mas quase nunca termina, não precisa devorar outras vidas para sobreviver, nem se preocupar com predação. Se amplifica e se renova com pouquíssima destruição. Há competição por recursos, ainda assim, além de partilha (o que para elas é tão natural quanto, para nós, respirar). Há até suas medidas de violência lenta, claro, lutas arrastadérrimas de raízes que enroscam e sufocam umas às outras ao longo de centenas de anos. A transformação gradual e a escalada de complexidade é muito, muito mais lenta do que na terra. Mas também está acontecendo há muito, muito mais tempo.

Nunca haverá por lá arte nem técnica, no sentido de atividades externas aos corpos das plantas, transformação de materiais em objetos discretos. Toda transformação voluntária que se dá por lá é bioquímica. A linguagem deles não se dá por percussões no ar ou inscrições em papel. O mais próximo de proposições com sentido, para as plantas, são cadeias bioquímica sintetizadas de maneira voluntária. Quando isso começou, há mais de três milhões de anos atrás, demorava o equivalente a cinquenta anos terrestres para uma proposição protéica complexa, como uma célula, ser criada de maneira deliberada. Mas há muito brotaram inúmeros núcleos de contínua e intensa atividade no Verde-Preto de Amônia onde vida é sintetizada em velocidades (para eles) alucinantes, com novas flores e explosões morfológicas especulativas brotando todo dia para deleite e experimentação plástico-prática do Verde.

A essa altura, quando chegam a essa densa capacidade de síntese orgânico-técnica, começa a brotar um profundo ímpeto coletivo de conhecimento cósmico. O Verde-Preto de Amônia já havia adquirido tamanho fervilhamento com suas capacidades biológicas experimentais, que sentimentos até então inauditos começaram a borbulhar entre as folhas mais eriçadas. O ímpeto do planeta de conhecer o seu Vasto e Escuro entorno não vinha exatamente do tipo de curiosidade discursiva que costumamos repetir para nós mesmos (“De onde viemos?”, “Estamos sozinhos?”). O Verde-Preto de Amônia sabia de onde vinha e que ele era uma multidão lianosa. O seu ímpeto de

estender sua escuta até o espaço foi vindo gradualmente, sem grande ousadia imaginativa, como quem estende lentamente o braço no escuro buscando uma maçã ou um copo d'água. Só que ao longo de centenas e centenas e centenas de milhares de anos.

Uma geo-engenharia titânica começa a se armar aos poucos, raízes adentrando mais fundo na crosta, plantas descomunais movendo montanhas muito (muito) lentamente, com toda a paciência do seu mundo.”

Eu mal consegui digerir, na primeira vez que li. Achei maluco demais. De início me pareceu que não tinha nada a ver com a primeira história, mas relendo percebi que tinha um pequeno detalhe que conectava as duas.

Pensei várias vezes em perguntar para o Fernando, diretamente, de uma vez por todas, o que era aquilo. Mas a última coisa que eu queria era ser, de toda a galera, a única pessoa que não já sabia o que estava acontecendo. Segui fiel como uma avó noveleira, com meu modulador sintonizado naquela frequência, aguardando novas transmissões.

## 07.

Pode parecer que estou enrolando pra apresentar uma trama decente por querer, mas é pura incompetência.

Apesar da impressão teimosa de que existem linhas narrativas claras na minha cabeça prontas pra sair, não tenho hábito de contar histórias pra ninguém, montar esta máquina que suceda bem-oleada. E a história tampouco facilita.

Em sua maior parte não ocorreu em eventos recortados direitinho. Eu tive que observá-los de longe — às vezes pegando apenas seus ecos e reverberações posteriores e tendo que mandar uma engenharia reversa. Mas recapitulando: então que lá pra 2008 esse grupo de amigos se estabeleceu com os dois casais que se formaram. A Eloísa e o Fernando, que já descrevi, e a Beatriz e o Adriano, com a Juliana sendo a quinta roda errática, o alívio cômico autoconsciente e verborrágico.

Todo mundo naquele estágio de vinte e poucos anos, a maioria terminando cursos superiores e já encadeando profissões pouco satisfatórias, outros mudando de curso ou vagamente estudando pra concurso (como geral de classe média e alta parece fazer em Brasília), muitos com expectativas indistintas de alguma espécie de profissão criativa a qual se sente que tem direito, sem conseguir determinar exatamente qual seria, nem como persegui-la.

A maturidade oficial e adulta já parece presente, um humor que se consegue habitar com algum esforço, em determinados momentos, mas de maneira ainda pouco convincente. Eloísa e a Juliana eram as mais agilizadas, o resto, como muita gente (e como eu) morava com os pais e navegava aquela displicência semi confortável que só é concedida a gente privilegiada ou mais ou menos privilegiada. Eu trabalhava às vezes nas lojas de fotografia do meu tio, mas não com regularidade. Com frequência alguém chamava atenção pro fato de que os respectivos pais de quase todos ali com a idade que eles tinham já estavam casados, ou casados e com filhos, e de como isso parecia inimaginável pra eles.

A única coisa próxima de uma interrupção nesse fluxo descompromissado de desenvolvimento arrastado foi a morte da Renata. Quase nenhum deles era realmente próximo da menina, mas ela habitava o mesmo plano que eles, era um elemento do cenário, estava ali nas fotos, nas mesas de bar, nos apên-

dices virtuais de todo mundo. E ela morreu sem mais nem menos, naquele vôo de 2010 que caiu no mar. Era a primeira vez que ela ia à Europa, tinha trabalhado numa loja uns meses pra juntar grana e ir visitar a irmã fazendo intercâmbio em Lisboa, estava voltando pra casa. Todo mundo havia visto no Facebook as várias, as mais de duzentas fotos que ela tinha postado na viagem e muita gente tinha comentado em algumas fotos específicas, alguma besteira engraçadinha envolvendo a cidade onde ela estava, a roupa bonita dela comprada por lá, o doce bonito numa mesa de café, o cara espanhol na rua parecido com o Renato Gáúcho.

E depois da morte dela as fotos se encheram de comentários de familiares ou amigos de faculdade alardeando seus pêsames e suas tristezas e seus votos para que seu anjo fizesse uma viagem tranquila até o céu, umas coisas assim. A irmã dela começou a xingar todo mundo, de tão puta que ela ficava com aquilo. Logo fecharam o perfil. E o caso estourou adiante na mídia, claro, foi analisado em todas suas possíveis causas técnicas durante a tarde inteira por especialistas, as conjeturas claramente improvisadas, sem ainda detalhe nenhum do que havia acontecido. Era uma figura familiar, mas ainda assim estranha, a de um avião inteiro comercial sumido no mar. Aviões já carregam consigo seus possíveis acidentes, o mero fato dele estar no ar parece evocar uma profusão provável de funelagens em chamas, mas talvez as nossas ferramentas de compreensão empaquem um pouco com este intervalo. De um vôo que simplesmente desaparece, em vez de explodir em algum gramado por aí e oferecer para os nossos telejornais as feições de suas ossaturas metálicas em chamas (imagens com as quais montaremos as nossas próprias visualizações da morte ao entrar num avião depois disso).

A Juliana em particular sentia algo parecido, não conseguia entender de fato que a Renata estivesse no fundo do oceano. Algo na materialidade do evento não era acessível pra sua imaginação, sem as fotos ajudando. Não era difícil de entender que duzentas e dezesseis pessoas haviam morrido porque um avião havia caído no mar, mas quando tentava figurar uma amiga sua no meio daquele dado, ela não conseguia. Era como se a Renata tivesse simplesmente sumido, caído num vão entre planos simbólicos.

O velório foi aquele espetáculo, a família desesperada e inconsolável, nada daquela tristeza digna e aquietada quando morre um velho, de receber educadamente os amigos da família e agradecer a presença, notar quais dos parentes de outros estados mandou flores, quais tiveram alguém represen-

tando em pessoa. Não havia nada de compreensível naquele evento. Nem o corpo estava lá. Depois de quase uma semana do vôo sumido no mar, a família simplesmente marcou o velório, e todo mundo se reuniu na casa da vó pra ficar chorando loucamente e receber votos constrangidos e inadequados dos amigos, que sabem que não podem oferecer nenhum conforto.

Os amigos pareciam não saber o que fazer diante daquilo, como reagir de maneira adequada. Exceto a amiga mais próxima, que eu não conhecia, ninguém ficou exatamente prostrado, desmontado de dor, como ficaram alguns familiares (a mãe dela não trocou de roupa durante quase um mês, parece).

Mas ainda assim aquele evento parecia descer sobre todo encontro que faziam, naquele semestre. Era só juntar mais de três amigos dela numa mesa que a camada de cinzas daquele assunto parecia automaticamente invocada, deitando sobre tudo. A morte agora era um elemento em comum entre eles, algo que partilhavam. O Fernando, em particular, que nem era tão amigo dela, invocava a presença com muita frequência, como se gostasse do efeito que ele trazia sobre tudo. Não sei se nenhum deles concordaria comigo, mas eu diria que aquilo juntou mais o grupo, deu a ele uma consistência nova.

Eles agora eram os amigos que haviam perdido a amiga, os amigos que dividiam a memória de um morto.

(eu estou indicando que isso é importante, então tomem nota)



## 08.

Nessa época eu estava estudando pesado pra concurso e não saía muito. Mesmo internet eu usava pouco, com o regime asceta que eu me havia imposto. Acordava seis da manhã, corria ali perto da minha casa mesmo, pra ver se emagrecia (claro que não), tomava banho e ia pra biblioteca estudar até a hora do almoço.

(Quando eu digo estudar, eu quero dizer na verdade olhar para apostilas e exercícios de regimentos internos e direito administrativo enquanto penso em outras coisas até que as letras se descolem de si mesmas).

De tarde e à noite tinha aulas da UnB do meu curso de Biblioteconomia cujas ondas sonoras quebravam sobre mim puramente como massa indistinta.

Não deu certo, não passei em nenhum dos concursos que tentei, talvez porque tenha ido atrás só dos mais difíceis, que pagavam melhor e exigiam um trabalho menos tenso. Talvez porque quando chegava o dia da prova eu desmontava emocionalmente, suave, ficava imaginando a cada questão as bolhas de causalidade subsequentes, o fato de errar aquele item, levando ao meu fracasso naquela prova que levaria ao meu fracasso na vida como um todo que fatalmente terminaria comigo num beco em algum lugar, fumando crack e tentando fazer sexo oral num cachorro (minha imaginação é histérica desse jeito, sempre foi).

E tentar relaxar não funciona, claro, na verdade *tentar relaxar* é uma recomendação que vivem fazendo por aí que mal faz sentido. Você não tem como usar a sua própria cabeça pra, sozinha, desmontar os monstros que ela cria, seus próprios terrores. É como armar a polícia pra vencer o exército. Tentar relaxar antes de fazer um concurso significava só criar camadas e mais camadas de ansiedade, começar a suar e não conseguir dormir com medo do nervosismo, isso semanas antes da prova, o que começava a afetar meus estudos, e a ansiedade então começava a envolver os estudos e a possibilidade das minhas crises dificultarem o meu preparo, etc. Vocês entenderam.

Alguns passos adiante a minha imaginação já me botava descendo um machado na cabeça dos meus concorrentes no cursinho, em especial um moleque alto de cabelo enrolado chamado Jóder que é talvez a pior pessoa do

mundo (contando genocidas, Steve Jobs). Já tinha passado em dois concursos excelentes e ainda assim continuava fazendo cursinho, muita gente achava que só porque depois de ficar bem uns cinco, seis anos inteiramente devotado àquela vida ele percebeu que era o único lugar onde ele era melhor do que os outros, onde ele podia se afirmar. Gostava de corrigir os professores de uma maneira sempre calibrada para não parecer arrogante e sim direcionada a “ajudar a avançar e melhorar o aprendizado e a dinâmica da apresentação do conteúdo”.

Enfim. Anos depois meu ódio por ele ainda reluz seu betume.

Durante esse período, eu encontrei o Fernando e a Eloísa um dia no CCBB indo ver um filme de um francês obscuro que eu sabia que o Fernando gostava (ele havia postado sobre algumas horas antes). O filme era um documentário esquisito e palavroso pra caramba chamado “Sem sol”. Eu cochilei quase um terço, como faço sempre que vou ao cinema, mas até gostei de alguns pedaços. Realmente não tinha sol nenhum. Nos encontramos na saída, eu os acompanhei no carro da Eloísa enquanto eles fumavam um baseado (o que eu nunca faço, pelo mesmo motivo que não passo em concursos, a minha imaginação dramática e histérica, que não precisa de estimulante nenhum pra despirocar, valeu).

Fernando do nada começou a falar de como a morte da Renata era uma coisa horrível e havia forçado todo mundo a sair um pouco da adolescência prolongada e encarar o fato de que o mundo era um lugar onde coisas como aquelas (e bem piores do que aquela, obviamente, *cem vezes* piores do que aquela) aconteciam sucessivamente, sem muita quebra ou interrupção, até que a gente morresse. Aquele era até um contato amaciado com a morte, se você parasse para pensar. Uma fase tutorial bem facinha. Os próximos cheffes seriam bem piores.

Pelo tom do discurso, ele planejava estabelecer tudo aquilo pra depois apresentar alguma perspectiva diferente ou consoladora, alguma interpretação um pouco mais positiva dos fatos. Mas ele não conseguiu. Talvez porque estivesse fumado. Só parou de falar num determinado momento, no meio de uma frase, como se alguém tivesse desligado sua energia.

A Eloísa de repente começou a chorar, dirigindo o carro, tensa, falando que porra que ele tava fazendo trazendo aqueles sentimentos horróridos enquanto ela não só tava chapada mas ainda tava dirigindo um carro, que por-

ra que ele não pensava no que falava e sabia que ela era sensível com esses assuntos, não gostava deles, não via nenhum sentido em mencioná-los, quanto menos (e aqui ela parou de falar, mas eu imaginei que a minha presença era a agravante da situação, que tornava tudo ainda mais inadequado).

O carro estava subindo o eixo monumental a esmo. Perguntei pra onde estávamos indo, eles explicaram, meio confusos, que estavam me dando uma carona para algum lugar (Eloísa parecia achar que eu morava no Sudoeste). Mas eu estava com o carro da minha mãe lá estacionado no CCBB, na verdade. Expliquei já morrendo de vergonha. Fernando havia me chamado para o carro na saída do filme e eu entrei apenas porque sim, só para interagir com eles. Nem fumar um beque eu fumei, afinal. Eles acabaram dando a volta no eixo para me deixar de volta no CCBB, um leve climão descendo sobre o carro. Eloísa parecia um pouco puta, com cara de quem queria perguntar por que diabos eu tinha entrado no carro, afinal, se não era pra pegar uma carona nem pra fumar? Mas não perguntou. Fernando ficou fazendo graça da sua própria confusão, tentando desarmar a cena e atribuiu a culpa de tudo ao beque.

Foi um momento tolo e só levemente desagradável, mas isso pouco importa, o fato que eu estava tentando ilustrar com essa compacta e eficiente anedota dramática é que Fernando era uma pessoa muito séria, apesar da bonomia quase permanente, da gentileza e do senso de humor que costumavam tornar toda situação agradável.

Eu nunca consegui decidir se ele tinha uma inteligência realmente extraordinária ou se era apenas esperto em se fazer de esperto, muito por causa da sua reticência óbvia em exibir abertamente suas próprias idéias e sua erudição (ou pelo menos o que me parecia ser erudição, eu jamais saberia distinguir um charlatão charmoso da coisa mesma).

Já o vi mais de uma vez fingir não ter lido livros que eu sei com certeza que ele leu (por ter ouvido ele falar sobre com propriedade em alguma outra conversa, digamos, ou em um caso específico por ter folheado no seu quarto uma cópia bastante anotada por ele mesmo), já o vi se ausentar de forma muito deliberada de conversas que certamente o interessavam e cujos temas ele dominava mais do que qualquer dos que estavam ali esbravejando e falando bobagem. E o motivo, acho, é que ele não é capaz de falar daqueles assuntos da mesma forma que todo mundo fala. Não era capaz de se meter numa discussão daquelas sem esbugalhar os olhos e começar a falar umas coisas

que ninguém ali estaria muito a fim de ouvir. Então preferia nem descer pra brincar.

Enquanto isso a sua namorada, Eloísa, era uma pessoa que parecia incapaz de lidar por querer com qualquer aspecto mais sombrio do mundo. O recorte que ela fazia das coisas parecia em tudo sentimental e infantilizado, vulnerável e nostálgico. Tudo estetizado e elegante como nas várias, várias, infinitas fotos que ela postava de si mesma o dia todo na internet, editadas por pelo menos meia hora cada uma, com filtros matizados sobrepostos, posando sem nunca olhar pra câmera, puxando os lábios sempre de um mesmo jeito pra parecer charmosinha, usando casaco mesmo no calor de fevereiro.

Notava sempre também a importância estranha (pra mim, desmedida) que a Eloísa dava para as bandas alternativas que ela curti. Não só parecia depreender uma parte considerável da identidade dela do fato dela gostar de tal e tal banda (de, digamos, Built to Spill, Yo la Tengo), mas ainda parecia retirar um senso de pertencimento muito marcado daquilo. Quando numa festa acontecia de tocar uma música da qual ela se sentia particularmente próxima, eu a via fechar os olhos e ficar cantando junto consigo mesma, toda acometida daquilo. Dava pra ver que o lugar todo, aparentemente, se transformava pra ela, de uma casa feia com gente dispersa numa cidade blé de repente emergia um espaço de onde emanava toda uma outra substância, de repente.

É impressionante como alguns casais conseguem te dar a impressão de cada um viver num mundo tão diferente um do outro, figurado em imagens e símbolos tão distintos, que não dá nem pra dizer exatamente que os dois mantêm um relacionamento único, seria mais preciso dizer que cada um namora uma figuração solipsista de si mesmo, um bonequinho de desenho animado com quem se transa e se passeia no shopping. Com quem se divide combinados de sushi e opiniões matizadas sobre hipsters. Apesar de materialmente estarem ali juntos e abraçados, cada um dos dois está sozinho, com as pernas entremetidas em carne alheia e estranha. Era a impressão que eu tinha deles.

Isso não impede que cada um dos dois relacionamentos solipsistas seja viável e válido, à sua maneira. Eles pareciam, sim, à época, relativamente felizes.

## 09.

Depois de passar um tempo entrando todo dia no blog do Cabuloso e encontrar sempre aquele único post, acabei esquecendo de checá-lo.

Não sabia quem mais conhecia o endereço, quem dos nossos amigos também estaria lendo (claro que gostaria de supor que eu fazia parte de um grupo seletíssimo, mas isso não parecia tão provável). Até que um dia eu vi o Paulo colocando o endereço como parte do seu nome no chat do Gmail e fui perguntar pra ele se ele sabia de quem era o negócio.

P: Ue eu achei que era do Fernando. não é não?

E: Ele te falou que era dele?

P: Não, mas ele que linkou. E o autor tem um puta nome bogus ne.

E: É, 'f. de dasvasig' rs é esquisito mesmo.

P: então. claro que é o Fernando

E: Mas pq q ele não assina o nome dele?

P: Ah tu não conhece o Fernando, vei, ele nunca nunca na vida que botaria um troço assim na internet com o nome dele. O bicho sempre teve essa viagem de pseudônimo, de se esconder.

E: boto fé

P: Ele não deixava tirar foto dele direito quando era adolescente, sabia?

E: Sabia não.

P: serio. Hoje ele nega, mas eu já vi ele dar chilikue disso quando tinha uns quinze anos, haha. geral zoava mt ele.

E: boto fé

P: tipo índio com medo de roubarem a alma, tá ligado

Eu já tinha visto a Bia falar algo parecido um tempo atrás, embora não relacionado com internet. Que o Fernando sempre teria essa dificuldade sinistra de assumir posturas. Que, mais de uma vez, conhecidos dele que o achavam talentoso teriam recomendado seu nome para escrever para algum site literário desses pequenos, e que ele teria, segundo a Bia, escrito várias versões diferentes e igualmente brilhantes que na última hora ele decidia que

não mereciam publicação. Pediu desculpa pros caras falando que não tinha conseguido escrever nada.

Cito agora aqui a Bia, numa mesa de bar: “é quase impossível aquele filho da puta botar o nome dele em alguma coisa, como se uma assinatura chamasse a responsabilidade, botasse a figura inteira ali dele dizendo aquilo. No fundo é porque se acha Deus, claro. Nada é bom o bastante pra levar a assinatura dele.”

Disso resultava uma vontade quase incontornável de colocar tudo entre aspas e entregar sempre pra um personagem.

Mas o motivo do Paulo estar linkando, eu percebi, era que no dia anterior tinha sido postada a segunda parte da história.

Eu cheguei a ter um tremelique na espinha de excitação quando abri (o que é ridículo da parte da minha espinha, eu sei).

## **CABULOSO – PARTE 2**

“Gustavinho chega em São Paulo e é recebido no aeroporto por um dos garotos, segurando uma folha branca escrito “GUSTAVO PETERSON – SYNOPTICON” (no que parece ser times new roman tamanho 72, ele percebe sem querer), um moleque bastante parecido com ele de corpo, de cabelo loiro-escuro raspado quase rente à cabeça, só que ainda mais tímido, olhando sempre pra baixo e negaceando com a cabeça como se pedisse para que você desconsiderasse as besteiras que estava falando. Mateus.

Usa aparelho e parece tentar manter a boca quase fechada enquanto fala, ri só com os ombros, que tremem muito, mas o tempo quase todo.

Durante a hora e meia que tomam para chegar no lugar da reunião, com o trânsito ruim e a inépcia tremenda de Mateus como motorista, os dois interagem quase que inteiramente checando itens das respectivas listas imaginárias de coisas que gostam.

— Tu curte Moebius?

— Sim. E tu?

— Também. Tu curte Lobo Solitário?

— Sim. E tu?

A reunião acaba sendo bem desapontante, uma sala com apenas cadeiras giratórias metálicas, várias, algumas com pedaços de plástico ainda irrompendo das juntas e muitas caixas de papelão no canto. Os moleques da empresa todos muito novos e tímidos se expressando mal pra caramba e não conseguindo juntar duas ideias coerentes direito, inseguros quando perguntados de qualquer detalhe mais específico e incapazes de transmitir qualquer confiança na capacidade deles de levar o projeto a frente.

Todos, na sua ansiedade, fazem contínua referência a um membro da equipe que não tinha conseguido chegar a tempo. São cinco homens e uma menina, Renata, que todos chamam de “Renatinha”, uma menina muito simpática, ruiva tingida, mais ou menos bonita, Gustavinho acha, sem conseguir decidir se apesar ou por causa do nariz meio de batata, rechonchudo no meio da cara. De todos, parece a menos intimidada, mas hesita em falar muito, talvez porque toda emissão sua causa inúmeras erupções de pelo menos três deles. Renatinha mantém uma expressão de quem quer agradar, concordando muito com a cabeça, e todos ao redor dela parecem ansiosos, alguns tentando dar em cima e atrair sua atenção, sem muito sucesso.

Gustavinho chega no hotel já de noite, sem ter jantado, tendo negado o convite do Mateus de ir comer alguma coisa, querendo ficar sozinho logo. Depois de comer duas barras de chocolate do minibar e se masturbar com suas abas favoritas de pornografia, fica deitado com o computador no colo assistindo vídeos de um comediante de Santa Catarina que ele tinha descoberto recentemente. Acorda cedo com o computador ainda esquentando seu peito, o autoplay do Youtube teimando em mostrar há horas vídeos de um mesmo apresentador de televisão que Gustavinho sempre odiou e que esteve assombrando seus sonhos durante toda a madrugada.

Na segunda reunião, no dia seguinte, Gustavinho chega desanimado. Fica mexendo no celular nos primeiros cinco minutos, antecipando já se constranger pelos outros, quando o tal membro que faltava chega, atrasado, vindo de uma viagem inexplicada.

É o único ali deles que consegue dominar uma sala ao entrar nela

e enchê-la com sua voz, sentando na cadeira com a postura de um adulto, apesar da casualidade da roupa (camiseta cinza e calça preta esportiva). Tem uma clareza de expressão surpreendente, expressando-se em formulações seqüentes e encadeadas, transformando uma sala sonolenta numa reunião agilizada em questão de poucos segundos. Uma maturidade até meio assustadora pra um moleque que não pode ter mais que vinte e poucos anos. É de Belém e seu sotaque paraense forte já deixa Gustavinho bem disposto com o que ele tem a dizer (Gustavinho gostava de todos os sotaques brasileiros que não fossem nem paulista nem carioca). Tem o rosto redondo em formato de bolacha, limpo como de uma criança, com cabelo de cuia curtinho e mechas compridas correndo apenas ao lado das suas orelhas. É magro demais para a camiseta cinza que está usando, mas parece ter um domínio extraordinário do que fala, tem todo um plano empresarial impressionante além de uma série de conceitos já estabelecidos para como o jogo deveria funcionar.

O tempo inteiro em que Gustavinho se impressionava com a inteligência de Evandro ele também se detinha no fato de que seria inteiramente incapaz de descrever a configuração dos traços de Evandro (se requisitado fosse). São traços indígenas, sem dúvida, mas há algo de muito singular no rosto. Era tão bonito que perturbava, mas não era só isso. Além do penteado um pouco original, da boca comprida, as feições não quietavam. Pareciam acesas de uma intensidade incomum e mal contida.

Evandro em nenhum momento fala do jogo como uma possibilidade ou mesmo algo com que Gustavinho precisaria concordar para que acontecesse. Fala de algo que já estava encaminhando, já engatilhado, como se já estivessem todos eles ali imersos nos ritmos de um inevitável mecanismo já posto em movimento.

— A gente já estava com esse plano de desenvolver um MMORPG brasileiro há algum tempo, tem gente aqui que já fez parte de uns projetos gringos parecidos que não deram muito certo, mas faltava ainda um gancho narrativo, uma sensibilidade estética firme na qual pudéssemos nos focar. E agora nós temos isso graças ao seu quadrinho, Gustavo.

Ele fala isso e encadeia uma salva de palmas que os outros demo-



ram um tempo para sacar que devem propagar e manter. Gustavinho olha pra baixo, sorrindo constrangido, mas no fundo acha bom. Ele não se lembra de outra vez na vida em que tenha recebido uma salva de palmas honesta (as de aniversário, claro, não contavam). Vê a cena em terceira pessoa, como num filme.

Evandro diz que eles precisariam estabelecer uma plataforma para que os fãs dos quadrinhos e jogadores sérios do mundo todo pudessem ter uma chance de ajudar a financiar o projeto. Acha que montando direitinho a campanha eles conseguiriam um bom dinheiro em menos de um mês, considerando a rede de contatos que ele já mantinha com mini celebridades de blogs e fóruns desse meio. Já havia uma estratégia conjurada para potencializar o burburinho e criar o hype necessário em diversos focos estratégicos. Seria só o bastante pra começar, claro, mas ele já estava conversando com investidores que devem entrar assim que tivessem algo concreto pra apresentar. Evandro mostra todos esses elementos ordenados num fluxograma que parece ter desenhado ele mesmo, num tablet que ele segura na altura do peito para que todos possam ver. Não sorri nunca, mas tem no canto dos lábios compridos uma curva sempre prestes a se formar, enquanto fala e enquanto ouve os outros. Como se não fossem poucas as coisas que ele sabia e eles não.

Gustavinho entendia vagamente do que o moleque estava falando, mas nem conseguia imaginar de fato como que se daria aqueles passos todos. Pareceu tudo otimista demais, será que não quebrariam a cara? Viu-se depois de vinte minutos endireitando a postura e querendo impressionar aquele moleque, ao menos não parecer burro demais aos seus olhos.

A reunião termina abruptamente, com Evandro atendendo uma ligação em inglês e saindo da sala, pedindo desculpas.

— Quem é esse cara? Da onde ele vem?

Gustavinho pergunta quando a reunião termina, escolhendo se dirigir ao único moleque ali que parece ainda mais confuso do que ele. Um menino loiro com o rosto bastante machucado de acne cujo nome Gustavinho sabe apenas que termina em ‘el’.

— É o Evandro, ué,

Responde, confuso, como se lhe tivessem perguntado algo insólito, de tão básico.

— Claro, mas de qualé do bicho, assim?

— Ah, ninguém sabe direito. Só sei que ele é do Pará. Vive indo pra Belém.

— Mas quantos anos ele tem? Ele é formado em alguma coisa?

— Você diz porque ele fala todo chique assim, né? Pois é. Não, acho que ele não é formado em nada não. Ele tem uns vinte e poucos anos. Parece que ele nunca estudou nada, é filho de índio.

— Filho de índio? De que povo?

— É, uma parada assim. Eu não sei direito, ele não fala nada da vida dele. N-não fala pra ele que eu falei assim, aliás. Mas parece que mora bem no interiorzão, mesmo. Não sei se no mato.

— É. Ouvi que só foi mexer na internet pela primeira vez com doze anos. Numa casinha da prefeitura.

— Casinha da prefeitura? Sério? De onde? ...

Um rapaz muito alto que tentava, sem sucesso, dissimular que estava escutando a conversa, acaba se intrometendo:

— Alguém me falou que é mentira isso, que na verdade ele foi adotado por uma família de uns gringo aí que estuda índio e essas parada, que ele passou a adolescência no Canadá. Sei que o bicho fala inglês bem pra cacete.

— Boto fé.

— A galera fala muita merda, né.

— Sempre que pode.

— Mas também, como ele mesmo não fala nada da vida dele, as pessoas começam a supor, a inventar.

— Se você perguntar pra ele, ele provavelmente vai olhar na sua cara como se você fosse muito burro e acabar te respondendo uma outra coisa nada a ver.

— O Evandro é foda.

Essa mesma frase Gustavinho ouviria mais vezes, naquele mesmo dia, dita com inflexões bem distintas. Todas admiradas, algumas com aparente pavor mesclado.

Além das reuniões sobre o jogo, Gustavinho tinha sido convidado por uns quadrinhistas semi conhecidos para o lançamento de uma coletânea de quadrinhos numa livraria chique da Vila Madalena. Um deles chegou super simpático e lhe arrumou uma preza de beque sem que pedisse, embrulhado em saquinho plástico e deixada na sua mão, sorrindo como um ator num comercial. Era um rapaz careca chamado Victor cujos quadrinhos consistiam numa versão estilizada dele mesmo tendo diversos insucessos amorosos e abusando de qualquer substância entorpecente disponível. Gustavinho conhecia por alto sua tirinha, mas não gostava dela (o que não o impediu, quando se cumprimentaram e Victor disse ser fã do seu trabalho, de quase involuntariamente retribuir o elogio, ainda que gaguejado).

Ele não conseguia determinar se achava o povo ali interessante ou esquisito. Victor também parecia ambivalente, um nerd agressivo entre gente mais blasé do que ele, juntava de cinco em cinco minuto em Gustavinho para comentar alguma parte corporal de alguma menina por perto, linhas repuxando no pescoço e a cara meio maníaca. Dizia numa voz suada que queria inundar de porra a saboneteira de uma menina mais alta, que queria puxar o cabelo de uma loirinha até ela curvar e dar cambalhota. As meninas de fato eram lindas, muitas delas, e tão entusiasmadas com o que se passava, que ele continuou colando neles pra ver se acontecia dele se dar bem (mas nunca acontecia, Gustavinho intimidado demais, olhando para o chão quando alguma conversava com ele, checando o celular por ansiedade, indo para o banheiro e se odiando detidamente no espelho, no final das contas aliviado quando voltava pro hotel e podia bater uma com um dos seus vídeos favoritos há muito armazenados nos favoritos do navegador).

Ele ficou dez dias em São Paulo, foi carregado mais duas vezes por Victor pra apartamentos com música alta e paredes grafitadas por artistas cujo nome só ele não reconhecia, festas com gente muito mais bonita e estilosa do que ele, vestida como se estivessem em Los Angeles nos anos noventa, ou em Paris nos anos quarenta, algumas figuras mais montadas, de gênero ambíguo, em poses armadas. Todos fotografando uns aos outros com inúmeros aparatos. Victor falava que as festas eram de seus amigos, mas ninguém ali

tratava ele muito bem, Gustavinho notou. Não tinha nada demais nessas festas, no fundo. Mal se usava qualquer coisa mais pesada que álcool e maco-nha, ninguém pegava ninguém, ninguém ali era tão grande coisa nas cruéis hierarquias das galerosidades criativas paulistanas, tampouco. Mas para alguém que mal frequentava festas desde a época do colégio, a coisa toda parecia de uma devassidão incontrolável, descolada demais para ele se misturar direito sem se sentir um impostor. Gustavinho não chegava a perceber muito bem, ainda, a força com que se ressentia de todas as pessoas mais transantes do que ele, homens e mulheres.

Encontrou-se mais três vezes com o povo da *Synopticon*, tendo toda vez impressão de que o grupo havia crescido (mas um acúmulo lento, cada vez de uma ou duas pessoas). Evandro continuava tratando ele com deferência, sempre, embora ele mais concordasse com a cabeça do que qualquer coisa. Ele aos poucos percebia que todo mundo parecia falar parecido com o Evandro, ele não sabia se porque todos dominavam um vocabulário que só ele não conhecia, ainda, ou se porque todo mundo o imitava.

De novo o bagulho terminava assim, sem conclusão. Talvez a história fosse mais comprida e ele estivesse postando em partes, como aqueles romances antigos serializados. Talvez ela fosse *muito* comprida. Eu continuei com todo interesse do mundo, por mais que aquele personagem e aquela trama não me dissessem nada.

## 10.

Logo depois ler aquele segundo trecho comprido do “Cabuloso”, decidi checar o outro blog, o do tal Planeta das Plantas. Uma nova postagem tinha saído quinze minutos depois da postagem do Cabuloso. A relação entre as duas histórias parecia agora definitiva.

O título era “PARTE 2 – O VERDE-PRETO DE AMÔNIA COMEÇA A ESCUTAR”.

“Há quase um milhão de anos, o Grande Verde-preto de Amônia — que não é um só organismo, mas é, a seu modo, vivo — começa a expelir pequenos asteroides formados desde as suas entranhas magmáticas, esfriados em seguida para acumular camadas de vida micro e macro celular, para depois serem lançados com vastos vulcões afunilados para o espaço.

Assim, muito lentamente, o planeta e sua assembleia do Verde havia começado a formar uma rede de satélites orgânicos geossíncronos a partir de seis nódulos centrais. Depois de trezentos mil anos, já tinha se espalhado por metade do seu sistema solar, muitas vezes maior que o nosso, com onze planetas. Depois de oitocentos mil anos, todo este sistema solar havia se transformado num sistema orgânico de amplificação e recepção eletromagnéticas massivas em relé. As sondas permanecem sob baixíssimo regime energético, alimentando-se principalmente de luz, com as sondas-mãe retornando depois de algumas centenas de ciclos para ser reabastecidas de nutrientes-base (assim como concentrados proteicos e sementes poderosíssimas).

As suas cócleas são do tamanho de pequenas luas, espiraladas como conchas. Eriçam suas fibras quando recebem informação de luas próximas, de meteoros ou pulsares distantes. Vão aprendendo aos poucos a distinguir os muitos ruídos disponíveis no espectro. Soa fácil, descrito assim rapidamente, mas demorou muito para emergir, para que a assembleia do Verde começasse a mapear o Lá Fora de seu próprio modo, com malhas e métricas muito distintas das nossas. Aos poucos desenvolvendo cautelosos e precisos modelos para a dança de nascimento e morte de estrelas (chamá-los de “matemáticos” não é

incorreto, mas é inexato).

Depois de mapearem seu entorno imediato, a galáxia em que estão, aprendem aos poucos a distinguir nas camadas infinitas de ruído aquele ciciado fraco e uniformemente distribuído. Aquele que aqui é chamado de ruído cósmico de fundo de microondas. Fóssil da infância desta expansão acelerada e intervalada de energia. Esparramado isotropicamente por todo canto como um grito baixinho, mas teimoso. Conseguiram, depois de lentíssima e reiterada depuração da rançosidade rala daquela luz que comiam, deprender a acintosa velhice do universo.

Não há como esconder um pensamento de outra planta, no Verde-Preto-de-Amônia. Então todas entenderam a mesma coisa exatamente. Ou melhor, quase exatamente. A compreensão espalhou-se numa única onda irreversível. O verde-preto de amônia, talvez pela primeira vez em milhões de anos de existência, espantou-se. Um planeta inteiro espantado de uma vez. Tentem imaginar. A sincronia fina do metabolismo geral foi desestabilizada violentamente por algumas dezenas de anos. A velhice do universo fazia com que a duração da vida esparramada do Verde-Preto de Amônia parecesse pequenina, um instante de nada. Entenderam que aquele vasto céu que os cercava era um cemitério assombroso de luz viva e morta.

Era um sentimento muito estranho e alheio ao Verde, acostumado até então àquela tranquilidade metaestável de transformação e auto deleite sem muita violência e sem muita degradação. Alguns núcleos mais cautelosos, em sua maioria raízes antiquíssimas metidas mais fundo na profundidade gasosa do planeta, já percebiam que o sol do seu sistema um dia haveria de explodir, como havia sucedido a outros pontos do céu.

Os sentimentos a respeito do Sol sentido por todo o Verde-Preto de Amônia, assim como por toda planta, é intenso demais para ser descrito por qualquer mera palavra mamífera (como se sabe). Por isso essa consciência de que o sol deles um dia acabaria era a única coisa que pela primeira vez trouxe um clarão frio de medo ao seio lianoso daquele esferoide. O planeta inteiro foi compreendendo que, por mais que arranjasse a si próprio e ao seu entorno da maneira mais harmoniosa possível, com a maior eficiência energética, a maior riqueza

interna de repertório e variedade genética, ainda assim eventualmente a sua deliciosa, deliciosa luz acabaria (isso, claro, se as velhas raízes de fato estiverem digerindo direito a luz velha que mastigam e remastigam...). As raízes velhas, diante disso, nada dizem (até porque ninguém ali diz nada), mas se retorcem como podem diante daquela sugestão ultrajante.

Tudo isso mudou muito o temperamento médio do Verde-Preto de Amônia, que passou cada vez mais a ansiar por uma resposta externa, por algo que viesse “Do Fora” para garantir a fonte contínua de luz. Começaram experimentos com sondas que carregassem germes congelados para renascimento em outros sistemas.

(Antes de prosseguir, faz-se necessária uma breve explanação a respeito da disparíssima textura relacional da duração para as plantas, comparadas conosco).

Uma planta não tem a mesma oscilação de dia e noite que nós, pois não tem, exatamente, a oscilação entre vigília e despertar (tampouco tem, portanto, a distinção decorrente entre realidade e sonho). O que as plantas têm, em sua maioria, é uma distinção entre intensidade e repouso, incidência informacional cósmica & alimentação e descanso, resfriamento e digestão. O tempo, para o Verde-Preto de amônia, tampouco é algo que vai para frente e deixa algo pra trás. Plantas não fazem isso, não andam pra lá e pra cá. Não há porque supor que o tempo para elas faria algo do tipo. O passar do tempo para o Verde-Preto de amônia é como um anelamento externo que recobre um anelamento interno. O passado é mais fino que o futuro, que é mais gordo. Nisso, como em quase todo o resto, o Verde-Preto de Amônia está corretíssimo.”

Então tá, então. Eu não sabia nem o que dizer diante daquilo.

## 11.

Ontem fiz duas semanas no meu trabalho aqui em São Paulo, arranjado por um tio distante e motivo da minha mudança. É uma agência de publicidade que trabalha muito com campanha política, tanto estadual quanto municipal. Parece ficar quieta na entressafra e agitada durante os anos de eleição. Não paga tanto, mas se não fosse o contato acho que pagaria menos.

Vereadores e deputados estão sempre passando por lá (histrionicos e oleosos, uns; esguios e discretos, outros). Sempre de um mesmo partido de nome vago (alguma coisa progressista e republicana), preenchido por pastores e empresários locais. Eu só atendo o telefone e mexo com minúcias burocráticas, além de cuidar da vida pessoal do meu chefe, pagar suas contas, marcar suas consultas no dentista.

Depois de sete anos e quase nenhuma informação absorvida, eu me formei em biblioteconomia (não me pergunte o porquê, eu não tenho ideia). Baseado no meu currículo, disseram na entrevista que eu ajudaria a catalogar a papelada da empresa, mas quando cheguei foram me deixando assim de faz-tudo. Quando falo de mexer nos documentos, desconversam. Ninguém me leva a sério, não faço nada importante, mas não paro um minuto. Minha cabeça começa a zumbir quando subo no ônibus e só para quando chego em casa.

Talvez por isso, por enquanto, estou achando quase bom não ter internet nem TV no meu apartamento. Chego aqui e não há nenhuma voz além da minha, nenhuma urgência artificial pipocando em janelas sobrepostas, nada daquela sucessividade que já me é automática das cabecinhas todas se afirmando contra e a favor disso e daquilo, se demarcando com todo tipo de ferro. Tem o meu celular ainda, claro, mas fica mais fácil desligá-lo e se concentrar em alguma outra coisa.

Eu devia voltar minha atenção para a vida que estou tentando organizar numa nova cidade — comprar móveis, arrumar a fiação da luz do banheiro, fazer amigos, conhecer a vizinhança — mas eu acabo pela sei lá que noite já ligando o computador e tentando arranjar um jeito de contar essa porra dessa história.

Estou no décimo-quarto andar, que na verdade é o décimo-terceiro, que o prédio finge não existir. Não tenho costume com essa altura toda, com uma



cidade espalhada em volumes escuros, infinitamente dispersa, voltada contra si mesmo desse jeito, com seus ocupantes sendo espremidos aos poucos como lixo num compactador. Tenho costume daquela relativa calma do Cruzeiro, onde eu morei minha vida toda, com seus prédios baixos, mas também daquela forma fixa e autossimilante do Plano Piloto, dentro daquela coisa descontínua, esparramada e pouco convincente que é Brasília e o Distrito Federal.

O resgate da história tá lento, eu sei, e pouco dramático, mas é que tenho que ter cuidado. Tem partes desagradáveis que eu preciso revolver antes de saber como mostrar pra vocês.

No capítulo 4 eu mostrei uma conversa minha com o Fernando, a conversa em que ele me linkou pela primeira vez o blog com o conto (“Cabuloso”). Eu quis botar essa conversa logo de cara, mas não expliquei o evento a que me refiro ali. Vou explicar agora.

A Juliana foi a primeira de nós a sair da casa dos pais. Ela realmente não se dava com a própria família, viviam estourando crises diplomáticas e pequenas guerras (das quais recebíamos notícias pela própria Juliana, sempre, na internet, em alguma de suas muitas extensões, todas igualmente verborágicas).

E.g.:

“NÃO AGUENTO MAIS PUTA QUE PARIU CADA UM CUIDA DA SUA VIDA FAZ FAVOR OBRIGADO

*eu assistino novela com minha mãe ela precisa (precisa) extrair de todas as cenas uma moral ainda mais didática do que aquela que a novela já ta apresentano“.*

*ela precisa me explicar que ‘olha, vaidade da nisso’, ‘mentira sempre volta pra te pegar’. ‘nossa ta vendo gravidez adolescente e mais comum do que pensamos’ C JURA“.*

*“meu pai honestamente me disse uma vez andando no meu carro ‘pra eu ter cuidado’ pq o Caetano mexia com macumba. As in o Caetano Veloso. Ele me disse isso com um cara muito séria, esperando uma reação assim bombástica que eu fosse melhor atriz teria conseguido montar ali na hora, mas não rolou.”*

(Isso sou eu tentando reconstituir de memória irrupções já apagadas, de anos atrás, mas juro que acho que consegui repeti-las quase perfeitamente, é

o que eu faço da vida, afinal).

Nas fotos que podíamos ver na internet, seus pais pareciam um casal de senhores igualmente baixinhos e simpáticos, que pareciam confusos com tudo (com a cidade de Salvador, com um balão, com a Juliana convictamente vestida de paqueta em seus nove anos de idade). Era difícil de enxergar ali a insuportabilidade toda que ela dizia que eles manifestavam (mas imagino que o mesmo possa ser dito dos meus pais, então nem vou tentar julgá-la).

A Juliana então arrumou um apartamento ótimo na quatrocentos norte. Pequeno, mas mais do que suficiente para uma pessoa. Terceiro andar num prédio antigo de corredores sempre escuros, virado pra umas copas de árvore e uma quadra de futsal. Todo mundo imaginava que os pais deviam ainda ajudar, porque o salário dela não devia bastar pro aluguel e o custo de vida dela. Ela trabalhava numa agência de publicidade de médio porte, não sei fazendo exatamente o quê. Sei que ela odiava e nunca falava sobre. Hoje, se a gente ainda conversasse, gostaria de ter esse assunto em comum com ela, aliás. Ela devia ser das pessoas que eu conheço que mais desprezava publicidade (sem contar o Fernando, que odeia de forma mais grave e angustiada) e no entanto lá estava ela. E sendo hiper dedicada ao troço, ainda por cima, trabalhando nos fins de semana, o tempo todo reclamando dos seus colegas e dos chefes e do trabalho que eles faziam, dizendo que acabava refazendo tudo que os outros cagavam (quase sempre comerciais formulaicos para concessionárias locais e lojas dessas enormes de varejo que funcionam na real como operadoras de crédito, algumas operando no limite do estelionato).

Enfim, ela chamou todo mundo pra dar boas-vindas ao apartamento dela (que ela chamava de ‘meu coiso’) assim que recebeu as chaves. Chamou com um e-mail simpático e engraçado ainda de manhã, pra que viessem à tarde, num sábado. Não sei se foi por causa do convite de última hora, mas ninguém apareceu. Cheguei lá mais ou menos uma hora e meia depois do horário marcado e não tinha mais ninguém, só ela já aparentemente meio bêbada sentada no pufe colorido que tinha trazido de casa, com um isopor cheio de gelo e cerveja e o macbook enorme dela aberto no chão, tocando música, uns poucos balões coloridos mal preenchidos vagando devagar em torno dela.

Ela abriu os braços como quem apresenta ironicamente um espetáculo e me deu boas-vindas, ao seu majestoso reino quarto-e-sala. A melhor coisa do apartamento era uma varandinha apertada onde ela já havia colocado uma rede verde-clara bem suja que parecia datar de *antes das Diretas*, como ela

disse, citando numa voz grossa um velho professor de História que eles todos tiveram (eu não).

Deitei na rede dela e tomei uma cerveja não muito gelada que eu realmente não queria tomar (principalmente por causa da lei seca no trânsito, que vigorava horrivelmente na época e que já tinha feito umas duas baixas entre conhecidos nossos), nós dois no segundo andar diante da copa de uma árvore imensa, meio que até dentro da copa, podendo verificar toda a complexa ramificação de galhos decididos e firmes que irrompiam de um mesmo tronco massudo e gordinho que a gente ali na hora decidiu chamar para todos os efeitos e interessados de *Válter, a árvore*.

Com todo o seu talento para autocomiseração, a Juliana passava o tempo todo elaborando sobre os possíveis motivos de ninguém querer vir à sua casa nova, todos envolvendo o desprezo universalmente devotado à sua pessoa, as várias conspirações mesquinhas levantadas nacionalmente para desmoralizá-la e as correntes intermináveis de fofocas que plantavam mentiras sobre ela em todos os círculos sociosexuais de Brasília (ela realmente falava assim, “sociosexuais”).

Claro que ela tava meio brincando, exagerando ainda mais do que já era o seu costume porque tinha ali em mim uma platéia tão receptiva.

Eu ria pra caramba de toda frase que saía da boca dela, ainda mais com o meu estado progressivo de bebadice (minha resistência a qualquer droga é nenhuma), mas o que era estranho da Juliana era que o tom farsesco e implausível dela começava a parecer sentido justo quando atingia seu nível mais exagerado. Justo quando ela explicava como que todas as suas melhores amigas certamente apenas mantinham uma amizade com ela para poderem se sentir melhor sobre elas mesmas e poderem ter um elo fraco permanente para humilhar sem nenhum pudor (algo que até ocorre em alguns grupos de amigos, mas que no caso das amigas dela, que eu conhecia, que eram pessoas gentilíssimas, parecia muito forçado, pra não dizer sem sentido), justo quando elaborava de maneira mais ornada e rocambolesca as supostas conversas que nossos amigos teriam naquele momento, ridicularizando não só a ideia dela de ter uma festa num apartamento vazio, mas a mera noção de que algum ser humano poderia se interessar pelo receptáculo infeliz da sua gorda e inaceitável pessoa.

(etc, etc).

Justo quando ela chafurdava nesses exageros melodramáticos é que a sua voz parecia de repente menos irônica, como se de tão enleada nas merdas que ela inventava, tão enraizada e comprometida, aquelas bobagens começassem a ganhar carne e sangue, começassem a parecer convincentes, como qualquer tipo de ficção, por frágil que seja, que se sustente por mais tempo.

Eu precisava reiterar toda hora meu riso e retornar o tom pouco sério, repetir o tanto que ela estava sendo tola, o que ela apreciava, parecia ajudar.

Já devia ser umas onze e tanto da noite, níveis de ebriedade já pouco manuscáveis ali, como torres mambembes quase tombando, conversando agora sobre qualquer coisa. Muita barreira derrubada, vendo fotos antigas no computador dela. Tenho uma memória muito boa desse momento, que não durou muito.

— Meu Jesus do pinto, olha essa pessoa. Olha essa pessoa que eu era. Deviam ter matado essa pessoa. A ONU devia ter feito uma missão especial só pra vir aqui e me executar. Ou a galera que matou o Bin Laden. Deviam ter televisionado a minha execução, com o U2 tocando e tudo.

— Isso quando? Isso tem anos, né?

— Cacete, 2004.

— É o Fernando isso?

— O Fernando e a Bia, sim. O Fernando essa época na sua gloriosa fase metaleira hippie ao mesmo tempo. Muitos disseram que não podia ser feito, e no entanto, taí.

— Esse monumento para futuras gerações.

— Essa aberração, né?

— Também. Também.

— Olha a cara faceira dele, meu caramba.

— Essa é a Bia?

— É sim. Sinistro, né?

— Completamente irreconhecível.

— É foda pra menina ser metaleira, tá vendo? Não é fácil, não. Ninguém é metaleiro impunemente.

— Ainda existe metaleiro? As pessoas ainda são do metal?

— Num mundo de tantas internetes, né. Não sei.

— Né?

— Então, eu almocei no Pátio outro dia meio que até pra verificar isso.

— E aí?

— Não consegui uma resposta, assim, definitiva. Mas acho que estão escassos, tão rareando.

— Devia ter ministério pra preservar essas coisas, né?

— Claro, RPG, também. Wicca. Como que nossos netos vão viver num mundo sem essas coisas.

— Que tipo de valores essa galera vai ter?

Bem por aí tocou a campanha. Quase meia-noite, eu lembro. A Juliana ficou até assustada, subitamente séria, levantou e tentou dominar a si mesma rapidamente, como quem esperava do outro lado da porta algum vizinho reclamando do barulho, ou até um policial, alguma espécie de força contrária ou autoridade.

Mas era só o Fernando. Ele demorou a entender que só estávamos eu e Juliana lá há tanto tempo. Ficou achando que tinha alguém mais no banheiro ou indo comprar bebida. Ele tinha visto o e-mail pouco tempo atrás e havia imaginado que estaria todo mundo aqui ou mesmo que todo mundo já teria ido embora. A Juliana encenou uma sinopse breve do seu dramalhão Ah-Ninguém-me-ama-ninguém-vem-na-minha-casa, e logo estávamos os três bebendo o vinho barato que o Fernando havia trazido.

Ele deitado na rede, eu e Juliana em pé na varanda apertada, rindo de qualquer coisa, felizes com sua presença. Lembro que ele descreveu longamente pra gente um filme oriental que tinha acabado de ver em casa, baixado, e que ele dizia que era lindo pra caramba. Eu não lembro de coisa alguma da trama filme, nem o seu nome, nem sinopse, nem alguma sílaba do nome do diretor.

Só lembro que tinha uma cena que envolvia alguma criatura fantástica peluda e que a descrição, em si, me impressionou muito, que o Fernando nuns momentos tava com uma cara espantada, quase ultrajada, com o tanto que ele tinha achado o filme bonito. Lembro de ficar com inveja dele. Filmes geralmente apenas se sucediam na minha frente, acomodavam lá seus acon-

tecimentos e seus encaixes, e terminavam. No máximo, divertiam ou não divertiam.

Nas vezes em que eu me aventurei de ver desses filmes mais sérios, de arte, a maioria deles lentos, eu geralmente gastava pelo menos metade da minha atenção em notar a minha própria presença ali querendo tirar alguma coisa da experiência, alternando entre achar tudo muito chique e muito chato, ou desmontar a coisa toda em notar que eu não estava nem prestando atenção no que se passava direito, e que nem devia, portanto, me meter a ficar vendo filmes metidos a besta. Não era pro meu bico.

Sou provavelmente uma das duas ou três pessoas do mundo mais suscetíveis à amnésia alcoólica. Com algumas cervejas ou copos de vinho já posso ter certeza que esquecerei algumas conversas e momentos da noite anterior, vou acordar sem lembrar muito bem de ter ido dormir. Com algumas doses de destilado, então, você pode ter certeza de que não terei absolutamente nenhuma coleção do que se passou.

Na narrativa contínua e mais ou menos inteiriça que posso reconstituir da minha noite vai ter uma interrupção abrupta e seca, como se a minha individualidade mesma tivesse se ausentado e meu corpo tivesse virado um autômato por algumas horas, ou tivesse sido habitado por alguma outra força animadora, uma bem diversa daquela que está falando com você agora. Eu acordo com uma lacuna enorme e pronunciada, além da dor martelada em todos os corredores e gavetas do meu cérebro, com um troll desgrenhado gritando seu grito horrível e arranhando um quadro negro. Dessa vez na casa da Juliana eu não bebi tanto, mas bebi o bastante pra já não poder confiar na minha memória do que aconteceu.

A princípio não haveria problema, eu só teria esquecido algumas conversas engraçadas e bestas, talvez algum momento de conversa mais sentimental ali entre nós três. A merda foi que mais ou menos uma semana depois eu comecei a notar que tanto a Juliana quanto o Fernando me tratavam de um jeito estranho. Não grosseiro, mas mais circunspecto, constrangido. E que os dois também pareciam tratar um ao outro do mesmo jeito.

Tive a impressão de que alguma coisa tinha que ter acontecido naquela noite, mas não tinha ideia do que, e não era tão próximo de nenhum dos dois a ponto de ir atrás de perguntar diretamente, até porque talvez fosse algo incômodo de se mencionar.

Essa impressão a princípio era rala, mas aos poucos fui deixando ela engrossar.

## 12.

Percebi que ainda não apresentei direito nem a Beatriz e nem o Adriano, olha que erro (as desculpas que eu peço elas não têm fim).

Os dois começaram a namorar na mesma época que Eloísa e Fernando, na real poucas semanas depois, mas de maneira bem diferente, mais espontânea. Os dois se conheceram numa mesa de bar na Asa Norte e já estavam juntos na madrugada daquele dia, já estavam namorando uns cinco dias depois disso. Tudo ocorreu com uma naturalidade automática, os dois concordando e admitindo direto o que tavam sentindo, sem a enrolação, os refluxos e negaceadas sucessivas geralmente necessários numa aproximação mais intensa entre duas pessoas. Tem também que os dois são pessoas muito francas. Não parecem tanto mentir à toa, como quase todo mundo faz.

De fato era impressionante o tanto que eles encaixavam, à exceção gritante do fato dela ser esquerdista radical e briguenta e dele ser um liberal distraído e pouco veemente (mas também convicto, à sua maneira).

A Beatriz era irmã da Eloísa, mas nunca tiveram muito a ver. Mesmo fisicamente não se pareciam tanto. Bia tem uma agressividade muito própria, brava e intensa de um jeito que as pessoas têm dificuldade de levar a sério, pelo tanto que ela é, também, bonitinha e baixa. Uma boneca com cabelos pretos e espessos em tranças que batiam no ombro, sobrancelhas grossas e nariz perfeitamente acinzelado. Essa era, dentre muitas, a coisa que mais lhe irritava no mundo, que alguém falasse com ela de maneira condescendente pelo fato dela ser pequena e bonita.

Isso ocorria com alguma frequência, vendedores de loja e amigos de amigos desavisados demorando a perceber o tanto que a estavam irritando, Bia às vezes apertando ou torcendo alguma parte da roupa com as mãos, claramente se segurando pra não começar a levantar a voz. Dava pra ver a indignação urgindo e arrefecendo dentro dela, como se forças terríveis implodissem, contidas sabe-se lá como, talvez causando úlceras ainda não sensíveis.

No fundo era assim que ela reagia diante de quase tudo, principalmente os infinitos e terríveis eventos e assuntos políticos que ela acompanhava o dia inteiro na internet. Proibição de uso da burca na França, fábricas de brinquedo com trabalho infantil na China, uma decisão machista de um tribunal superior brasileiro, as malversações de dinheiro público do Ministério do



Turismo ou as perversidades retóricas da campanha de algum candidato latino-americano à presidência. Parecia ter antenas infinitamente compridas varrendo todo mundo atrás de suas manifestações mais grosseiras e indignantes.

Não era tão difícil encontrar seus comentários disseminados pela internet, embora quase nunca assinados por seu nome de verdade. Ela era dessas pessoas que comentavam profusamente, apesar de odiar comentários de internet, sabia o tanto que era uma atividade inútil, até infantil, achar que ia conseguir enfrentar a imbecilidade proteiforme do mundo, decepar suas cabeças de hidra, antes que milhares de outras ainda piores crescessem no lugar e te devorassem.

O fato dela saber que não devia comentar e fazê-lo mesmo assim fazia com que cada comentário seu sempre se visse carregado do ressentimento que ela nutria pela pessoa que a estava fazendo perder seu tempo daquela maneira. Isso deixava seus comentários ainda mais raivosos, o que significava ainda mais tempo perdido depois se desculpando ou medindo retoricamente qual meio-termo que seria aceitável ao revisar a resposta (que já tinha três parágrafos e duas notas de rodapé, além de linkar a três textos diferentes nos quais ela obviamente sabia que nenhuma alma do mundo clicaria).

Exemplo ótimo que eu encontrei meses atrás num jornal local e tive a esparterza de salvar:

“Sr. Lopes Gouveia

O seu comentário já tem uns seis meses, de modo que obviamente não espero que você vá ler essa resposta. Eu só a escrevo porque a sua contribuição foi tão absurdamente despropositada, destrutiva e ofensiva, e em tantos níveis diferentes que acho que se ninguém oferecer uma negação vigorosa dela nós estaremos pondo em risco não só a manutenção deste debate, e nem deste blog, nem mesmo da internet enqt lugar-para-se-discutir-as-paradas, mas até mesmo a discursividade como um todo. Sr Loupes Gouveia espero pela alma, suas e dos seus, que o sr. seja um bot, porque puta que pariu.”

Isso continua por mais dois comentários seguidos dela, todos atingindo o limite de caracteres. Ela assina apenas B, de Brasília, mas eu sei que é ela.

(Parece cruel, aliás, eu sei, mas o comentário do coitado do Cássio Lopes Gouveia, recomendando a castração de mendigos, era de fato bem absurdo).

O que tornava a Bia diferente de todas as outras pessoas fanáticas por política que eu já conheci era que ela não se via reconhecida ou representada por nenhum grupo político. Não só nenhum partido, o que é comum, mas nenhuma agregado de bandeiras políticas, coletivo, nem sequer algum grupo de blogueiros ou coisa que o valha.

Ela era bastante à esquerda, mas a julgar pelo que postava e lamuriava no dia-a-dia, odiava vários esquerdistas até mais do que odiava conservadores (talvez porque sequer conseguisse considerar este segundo grupo como habitantes de um mesmo plano do que ela, sei lá), e não parecia ter nenhum respeito ou paciência por quem efetivamente confiasse em alguma estrutura política de larga escala (“mais do que umas quinhentas pessoas e as chances de não ir virando um negócio escroto e babaca vai ficando próxima de zero”). E, mesmo os anarquistas, que tentavam fazer daquela desconfiança uma filosofia política, costumavam irritá-la depois de um tempo (em papel ou em carne e osso).

Ela era petista desde adolescente, fez campanha pra Dilma com um entusiasmo alucinado, mas foi se desapontando e se desanimando com o partido, como tanta gente, principalmente depois de Belo Monte. O que não a impedia de defendê-lo em alguns contextos.

Estagiou numa ONG relacionada a refugiados por menos de um ano, concluindo que o lugar era uma enrolação. Trabalhou na comunicação de um sindicato por dois anos, todo um pequeno universo pelo qual ela até se interessou, com toda sua frustração arrastada e real, mas que sumiu imediatamente assim que a demitiram por corte de gastos.

Há muito que não se engajava com nada no dia-a-dia, tudo que fazia era ficar indignada o dia todo e expressar pra alguns amigos os específicos lineamentos sutis e engrossados de sua raiva, quase sempre com um raciocínio precisamente recortado e afiado que ela expunha de uma maneira assustadora de tão coesa, como se tivesse decorado um texto, ou estivesse usando um ponto escondido no ouvido com todo um grupo de cientistas políticos do outro lado.

Falando muito rápido e acelerando quanto mais se irritava. Tampouco tinha paciência para o ambiente acadêmico, embora gostasse muito de um ou

outro pensador político, que pinçava de forma muito deliberada. Chegou a fazer alguns projetos de mestrado, mas achava que se você não tivesse tesão de dar aula (e ela não tinha), ou fosse um dos poucos que, por gênio ou diligência (ou os dois), efetivamente conseguem expressar algo de possível relevância pro mundo, você não fará muito mais do que corrigir notas de rodapé, repassar textos xerocados para alunos vendo fotos deles mesmos no Facebook e se entremeter num reflexo ainda mais desimportante, tolo e egótico do que as demais maquinarias políticas.

A constância com que Bia falava que ia matar algum político ou figurão econômico brasileiro chegava a assustar alguns amigos dela, apesar dela sempre dizer também que nenhum alvo específico era valioso o bastante pra ela desperdiçar a vida dela daquele jeito e que ela só precisava falar desse jeito pra conseguir lidar com a bosta colonizada que era o Brasil.

Vivia então sentindo quantidades insustentáveis de raiva e indignação que nunca encontravam um veículo apropriado e que precisavam ou arrefecer naturalmente, como um metal incandescente que esfria com o tempo, ou ser dirigidas para algum objeto externo pouco relacionado.

Por um bom tempo foi Muay Thai, mas já há alguns anos que era jogos de tiro de primeira pessoa jogados na internet. Ela era muito boa, até conhecida nos servidores brasileiros de alguns jogos (jogando às vezes como “>>>HannahArendt<<<”, às vezes como “--SimoneWeil--”), usando como assinatura alguma frase boladona sobre violência. Geralmente evitava jogos com contextos políticos mais específicos, preferindo os mais exagerados e menos realistas, em que figuravam alienígenas bizarros ou outras figuras cartunescas demais para que de fato se instalasse uma impressão literal demais do fato (para ela sempre muito perturbador) de que ela estava afinal de contas simulando por diversão e esporte de maneira tão pueril aquela atividade tão escrota, tão horrenda.

Lembro dum post muito sério dela no Facebook que não deve ter ganhado nem oito curtidas (uma delas minha). Falava que a retórica conservadora cretina de que videogames causam chacinas escolares deixou a gente com dedos demais de admitir o que tem de sinistro em salas e salas de adolescentes sendo treinados pra encenar a morte violenta daquela maneira durante tardes e madrugadas inteiras.

Já o Adriano era um cara um tanto mais tranquilo e pacato, sua vida toda

concentrada em torcer pelo Botafogo, assistir vídeo de animal e jogar na bolsa de valores. Eram pouquíssimas as circunstâncias que o forçavam a calçar qualquer coisa que não chinelos (eu honestamente só lembro de vê-lo usando sapatos uma vez, num enterro).

Tinha uma inteligência espalhada que não se detinha em nada, mas retinha muito. Tinha cursado engenharia de redes e trabalhado como programador por um curto período. Tinha um interesse limitado mas intenso por todos ramos das ciências naturais, por filosofia e por esporte (a única coisa que não parecia interessá-lo em nada era cinema, ele jurava nunca ter prestado atenção num filme do começo até o fim, com as absurda e consistentes exceções feitas sempre a *Jamaica Abaixo de Zero* e *Advogado do Diabo*). Séries, no entanto, ele assistia. Dizia que tinha algo na duração de duas horas, uma hora e meia que o angustiava. Achava que devia ter-se convencionado que longas metragens teriam uma hora de duração. Gostava de jogar essa para cineastas e estudantes de cinema, quando bêbado, só para vê-los se exasperar.

Sua cabeça tinha uma estrutura curiosa que causava a impressão de que era desproporcional ao seu corpo, embora não fosse tanto. Tinha os olhos grandes e distantes demais um do outro sempre repletos da mesma atenção invariável, o que fazia com que parecesse estar sempre abismado com tudo que lhe diziam. “Ele é bonito em fotos, mas não na vida real”, a Juliana disse uma vez, ridiculamente precisa.

Parecia boiar num estado tão autossuficiente que o contato com o mundo era sempre surpreendente pra ele, como se o chamassem de longe para prestar atenção aqui no que estamos fazendo e ele tivesse que montar mais uma vez na sua cabeça o conceito de ‘mesa’, ‘amigos’, ‘garrafa’, ‘máquina de cartão’.

Mas a sua distância não era fria. Quando ele prestava atenção ele era um cara bastante gentil, chamando as pessoas sempre pelos seus nomes completos (era muitíssimo difícil ele usar um apelido, todas as vezes em que isso acontecia eram notadas por todo mundo e comentadas depois como algo de relevância, que devia significar uma explosão afetiva).

O problema de falar com ele sobre qualquer assunto é que ele tinha a tendência a começar a recuar os conceitos do assunto o máximo possível, montando sempre toda uma cadeia histórica aparentemente infinita pra trás, tentando explicitar para cada objeto toda uma genealogia discursiva impos-

sivelmente larga (a crise econômica, o conflito árabe-israelense, a final do campeonato carioca).

Mas isso não dava numa pessoa chata e séria. Pelo contrário, dava em alguém que parecia ver graça em toda pretensão e achar praticamente todos os juízos mais definitivos sobre o mundo igualmente inconsequentes.

Lembro uns meses atrás dele ficar impressionado de ver um cara chinês que passou perto da mesa do bar tentando vender uns apetrechos de plástico dependurados numa mochila (uns brinquedinhos infantis genéricos, ventiladores de bolso, massageadores de cabeça e óculos escuros fajutos). Para tentar falar desse cara e de como ele devia possivelmente estar “construindo pra si mesmo” aquela cena ele elaborou durante uns quarenta minutos umas três diferentes tentativas de reconstrução de possíveis cosmovisões e *gestalts* visuais ali para o cara, envolvendo o caráter visual dos caracteres e o tonal de várias das línguas e dialetos chineses só para depois falar que na real claro que não tinha como fazer aquilo, que era impossível pra gente entrar na cabeça dele, que nem fazia sentido tentar (e depois disso ele ficou calado, mesmo, durante uns quarenta minutos, enquanto a gente conversava longamente sobre o quanto todos nós amávamos cerveja gelada, pão sírio, grão de bico e coalhada).

Ninguém entendia muito bem na teoria o que havia que compatibilizava Bia e o Adriano, mas era só ver os dois juntos por doze segundos que você se via forçado a concordar que havia algo de encaixado ali, alguma disposição difícil de se delinear, envolvendo senso de humor, *timing* e diversas pequenas noções pessoais de decência, bom gosto e sei lá mais o quê. Os dois juntos pareciam resultar num todo orgânico, parecendo não tanto com um casal comemorando bodas de prata quanto com um casal de irmãos ou uma dupla de comediantes que trabalha junto há décadas. Claro que ajudava que Adriano fosse tão inteligente quanto a Bia, embora ainda menos concentrado, sempre muito disperso entre interesses que lhe escapavam poucos dias depois. A Bia sempre contava rindo que acordava de madrugada para encontrá-lo assistindo online no computador algum documentário sobre algo obscuro, o último teorema de Fermat ou indústria cinematográfica da Nigéria.

Não gostava de ler, do hábito mecânico de ler, então baixava livros em áudio, aulas e palestras que escutava com fone de ouvido o dia inteiro, andando de chinelo com o Buldogue dele pela Asa Sul ou na esteira que herdou de seu avô militar falecido. Gostava de otimizar seu tempo com tudo, embora o ti-

vesse de sobra.

A Bia dizia que era esse interesse espalhado, mas atento, além do talento matemático, que explicava a facilidade que tinha com a bolsa. Começou a jogar de brincadeira no segundo ano da faculdade e depois de uns dois anos aprendendo o manejo da coisa ele já ganhava mais ou menos um salário de servidor público medíocre todo mês, sendo cauteloso, tendo alguns picos, depressões cada vez menos frequentes. A maioria imaginava que ele não devia ganhar tanto assim, não com frequência, e que recorria ainda à ajuda do pai (que era desembargador). Mas a Bia jurava que não, que ele realmente já conseguia se sustentar daquele jeito, e o defendia com algum orgulho, considerando sua própria dificuldade em arranjar trabalho.

O divertido era vê-la depois de um tempo defendendo a atividade da especulação, ainda que com cautela, sem abandonar sua raiva de base contra o capitalismo como um todo. Os amigos já esboçavam o mesmo sorriso sacana quando a viam comprando o discurso do Adriano de que os especuladores cumpriam uma função econômica benéfica pra sociedade tornando a alocação de capital mais eficiente de uma maneira geral. Ela não negava os óbvios efeitos ruins da especulação excessiva e desregulamentada, a culpa cretina dos bancos na crise brutal de de 2008, mas tentava, ainda assim, quase gaguejando, salvar a atividade do namorado. A cara do Fernando quando ela falava isso era impagável.

Os amigos mais próximos zoavam, carinhosamente, que uma esquerdista radical falasse esse tipo de coisa, mas ela não se abalava, e parecia fazer um esforço sério para tornar o discurso dela mais ou menos coerente (eu não consigo julgar, sempre perdia o fio da meada tentando escutá-la sem deixar claro demais que eu estava prestando atenção, quando em algum bar ou festa o povo começava a falar de assuntos sérios e geralmente não faziam menção de me incluir).

Antes do Adriano, a Bia só tinha tido um namoro mais sério, que eu sabia. Com o Cristovão. Cristovão era um cara que ela conhecia desde novinha e que tinha sido o melhor amigo do Fernando durante a adolescência. Só tinha visto ele umas poucas vezes, ele hoje morava em São Paulo, mas todo mundo o descrevia sempre com uma mistura de afeição profunda e raiva. Era um cara complicado, muito intenso, capaz de oscilar em quinze minutos de ser engraçado pra caramba pra do nada ser arrogante e cruel por nada. Tinha sido ator por um tempo, músico por um tempo, modelo por um ainda outro

tempo, depois fotógrafo. Ele que puxou Bia e Fernando pro teatro. Por influência dele a Bia e o Fernando tinham tido uns anos, no final da adolescência, de cheirar pra caralho e transar adoidado, pelo que eu entendia do que che-gavam a me contar (as referências a esse período eram quase sempre piadi-nhas crípticas). Alguma coisa tinha acontecido que tinha afastado ele dos dois, e depois, de Brasília, mas nunca descobri o que foi.

O que todo mundo notava depois de uns seis meses de namoro era a inten-sidade com a qual Bia e Adriano haviam se depositado um no outro.

Não era só a proximidade normal de um casal recém-feito e apaixonado, era um pequeno núcleo de intimidade que eles montaram com uma rapidez impressionante e que passavam a proteger e fortalecer como se a vida deles dependesse disso. Mesmo em público costumavam manter a todo tempo um contato físico agarrado constante que parecia decorrer de uma necessidade, de uma dependência séria. Adriano quase afundado nos ombros dela, como um filho na mãe, sua cabeça desabada numa estrutura tão menor do que a sua, e ela segurando o braço dele o tempo inteiro como uma criança tentando sem muita sutileza chamar atenção do pai.

Pelo que pude juntar de fragmentos sobreouvidos aqui e ali, os dois ti-nham tido vidas emocionais bastante turbulentas até se encontrarem, e tinham estabelecido uma intimidade complicada e intensa, com vastos dramas incompreensíveis para alguém de fora (a Juliana uma vez me havia descrito com uma hilaridade pouco gentil que para entender qualquer briga dos dois você precisava antes dominar um glossário de dezenas de conceitos e eventos-chave através dos quais eles codificavam as suas turbulências con-juntas: “você precisa de toda uma graduação antes de entender as DR daque-les dois”).

Não era infrequente que os dois se mostrassem incontactáveis durante quinze dias seguidos, durante os quais os amigos mais próximos sabiam que os dois estariam na cama, no escuro, falando baixo de coisas profundamente horríveis que assolavam a imaginação dos dois, assistindo o Botafogo quase sempre perder na televisão. Os corpos indistinguíveis ali nos lençóis, como que atados por uma força alheia.

## 13.

Então que lá pra 2008 havia esse pequeno núcleo centrado na Juliana e nos dois casais, Bia e Adriano e Fernando e Eloísa, com algumas pessoas (como eu) oscilando por perto sem de fato se fixar na órbita estável do sistema deles. Eles se encontravam sempre e tinham uma interação muito fluida, um senso de humor sedimentado de piadas recorrentes que poucos entendiam.

É difícil explicar o fascínio que eles exerciam como grupo, mas existia e era um troço legítimo e verificável, e com isso eu quero dizer que não era só eu lá achando o máximo; todo mundo achava. Todo mundo gostava quando eles chegavam, achava ruim quando iam embora, todos se perguntavam será que dessa vez eles vêm ou não.

A interação deles funcionava tão bem que parecia tanto espontânea quanto bem-armada. Era um sucesso contínuo que dava aos circunstâncias a vontade de participar dele, de entrar naquele desenho. De pelo menos aparecer junto na foto.

Todos se conheciam de leve há anos, de amigos e escolas privadas em comum (Sigma e Marista). Eu os conheci já como um grupinho cuja a interação estava disponível pela internet, primeiro fotolog e depois orkut. E pelo tanto que eles postavam, nessa época, eu acabava sacando a maior parte das referências internas, das piadinhas recorrentes, embora às vezes fingisse que não, quando os encontrava, para não denunciar o meu acompanhamento meio excessivo, quase obsessivo, de tudo que eles faziam e diziam virtualmente.

(Eu sabia que a Juliana era chamada, quando muito bêbada, de “Tia Tonica da Biritá”, que seria só a mais frequente de suas muitas pombagiras, segundo Fernando, sabia que ele e a Bia gostavam de cantar Maurício Manieri e Seal no karaokê, embora nunca tenha presenciado isso).

Eu me sentia acompanhando um seriado de televisão ou um romance, reconstruindo a partir de sugestões às vezes óbvias, às vezes elípticas, vários arcos e nuances narrativos. Exceto que eu conhecia de fato aquelas pessoas, e estava presente, até certo ponto, em parte dos eventos que compunham a narrativa compartilhada da vida deles.

Tanto a Eloísa quanto a Juliana tinham o hábito de entrar na internet bêbadas e postar torrentes engraçadas pra caramba de besteira, frequen-



temente (a Eloísa) e quase sempre (a Juliana) com correntes deprimidas no meio.

Foi inclusive a partir de algo que a Juliana postou que eu confirmei minha impressão de que algo devia ter acontecido naquele dia na casa dela com o Fernando.

No dia seguinte perguntou no Facebook qual que seria a melhor música para exprimir arrependimento bêbado de quem fez alguma merda tremenda. Muita gente respondeu com sugestões, inclusive perguntando de brincadeira o que é que ela teria feito e ela estranhamente apagou o post algumas horas depois (o que, ao contrário da Eloísa, ela não só não costumava fazer quando ainda costumava criticar quem fizesse, dizendo que internet tava aí pra gente se expor e pagar vexa mesmo, e sei lá o quê, que quem não se mostrava era covarde).

O que mais me agoniava era a possibilidade de eu ter tido algum envolvimento no que aconteceu aquele dia e não ter nem noção disso. Essa minha amnésia alcoólica já me havia trazido uma paranoia semelhante outras vezes na vida. Festas nas quais eu passei várias vezes de sucessivos limites e que eu tinha depois de tentar reconstruir pelas fotos que postavam na internet e pelos relatos dos outros, me vendo ali com gengivas enormes fazendo caras que eu não reconhecia, assumindo umas poses que não são minhas, recebendo no dia seguinte mensagens crípticas de telefones desconhecidos no celular e encontrando objetos esquisitos no carro ou nos bolsos do casaco (uma maçaneta, um maço de cigarros mentolados quase terminando, um pendrive com vários pdfs de livros sobre marxismo e teatro).

O pior é que eu não conseguia nem conciliar direito a minha imagem de pessoa pacata, tímida e retraída, com a imagem aparente de alguém que saía travando conversas com estranhos e participando de danças coletivas exageradas e ridículas de sucessos dos anos noventa.

Mas aparentemente eu também era essa outra pessoa, só era necessário que eu me ausentasse aqui da maior parte das minhas características reconhecíveis (ansiedade, retração) e que a minha memória perdesse qualquer capacidade retentora para que essa segunda pessoa desse as caras, as nossas presenças como funções negativas uma da outra.

Sempre temia com um pavor frio e desmedido ter sido um pé no saco, mas costumavam elogiar minha performance, dizer que as minhas colaborações

alcoolizadas eram das mais excelentes.

Eu nem entendia e chegava a invejar essa minha outra versão, seu ânimo aparentemente tão solto e confortável ali nas fotos (que com certeza dava pra dizer que não era meu).

(Se vocês querem franqueza, muito da minha noia com bebida vem do fato de que em duas ocasiões acordei com cortes nos meus braços sem lembrar de como surgiram, se eu caí e ralei ou se fiz por querer; não tenho nenhum desejo de me cortar, que eu saiba, mas lembro de ler uma descrição muito intensa uma vez, num comentário de vídeo do Youtube, que pareceu interessante).

Soava tolo sentir um traço próximo de culpa pelo que essa outra pessoa podia ou não ter feito na casa da Juliana, mas era o que eu sentia.

Já chegava perto de formular um email pedindo desculpas antecipatórias, pescando pra ver o que me respondiam, mas nunca tive coragem. Fiquei, por um bom tempo, sem saber. Até aquela conversa, em que Fernando respondeu me linkando o blog. Percebo só agora, escrevendo isso, que a justaposição me deixou já na hora com uma puta impressão de que as duas coisas tavam relacionadas. Uma impressão que eu acho que nem enunciei direito aqui dentro, mas que já corria como pano de fundo para o resto, bode fedido na sala.

## 14.

Uma semana depois do segundo post do *Cabuloso*, veio um terceiro. Seria algo regular, então. Me veio quase um alívio ao perceber isso. Não que aquilo esclarecesse nada. Mas pelo menos era mais um fio da meada a acompanhar, mais um trem de que me inteirar.

### **CABULOSO – PARTE 3**

O nome decidido para o jogo havia sido *Cabuloso Online*, um nome de que ninguém além do Evandro (que havia se autointitulado diretor criativo, financeiro, estratégico e operacional do projeto sem que ninguém contestasse) parecia gostar tanto. Era uma palavra que aparecia muitas vezes no quadrinho, mas nunca tinha ocorrido a Gustavinho colocá-lo de título.

Eles tinham, a princípio, estipulado dois meses para atingir a primeira meta de investimento, mas o dinheiro apareceu em uma semana (o que era bem surpreendente), a maior parte vindo de um investidor-anjo chileno surpresa que brotou de repente, que não só cumpriu a meta como a suplementou com o dobro dela. A equipe ficou extasiada, Evandro tratou com a maior naturalidade.

Gustavinho voltou para Brasília. Passaram-se semanas, Gustavinho recebendo quase todo dia e-mails do grupo da Synopticon a respeito dos progressos que estavam tendo no jogo. Quase todas as comunicações giravam em torno do tal do Evandro, que parecia sempre já saber o que fazer, delegando funções e expandindo a quantidade de gente envolvida no projeto com uma rapidez assombrosa.

Numa reunião em videoconferência em que Gustavinho abaixava a cabeça de tempos em tempos para esconder o beque que estava fumando (para se sentir menos ansioso, querosene apagando fogo), Evandro anunciou que daqui a seis meses já aconteceriam os primeiros jogos-teste. Gustavinho ficou impressionado com a velocidade, até sem entender, e Evandro lhe explicou a estratégia que eles empreendiam de tomar emprestado o encanamento de diversos outros jogos, além do fato de que o projeto já havia há muito passado de sua fase

embrionária quando descobriram o quadrinho.

Gustavinho concordou com tudo, sem entender muito bem se o ‘tomar emprestado’ era um eufemismo para algo ilegal ou não. Continuava entendendo lhufas de todo o processo, apesar de ser informado religiosamente de toda etapa. Seis meses depois, Gustavinho voltou para São Paulo para participar de toda a movimentação envolvendo os primeiros jogos-teste. Todos os funcionários da Synopticon, que parecia ter dobrado de tamanho desde a última vez, estavam bastante animados. Os primeiros jogos-teste seriam apenas para alguns amigos e conhecidos da comunidade séria de videogame brasileira, gente que exercia uma mínima influência em redes sociais e ajudaria a criar um boca-a-boca sinistro em torno do jogo.

Como não imaginavam que haveria tanta procura, não fizeram um servidor fechado. Abriram o site para que qualquer um pudesse fazer uma conta gratuita, baixar o programinha (que era leve) e entrar no mesmo servidor. Com menos de quarenta minutos do teste começado, o servidor caiu. Com não só milhares de acessos no Brasil, mas milhares de gringos tentando acessar, gente do Leste Europeu, do México, da Coréia Do Sul tentando jogar o jogo. Eles não esperavam mais do que algumas centenas de pessoas no Brasil, no máximo um punhadinho de estrangeiros interessados. Não conseguiam nem entender como esse povo tinha chegado lá. O servidor acabou voltando pouco tempo depois, depois do Evandro conversar com a empresa cuja nuvem alugavam, mas ficou claro que teriam que crescer mais rápido.

No final do teste, Evandro tamborilou os dedos numa mesa metálica e falou com um tom muito satisfeito:

— Excelente.

Alguns dos moleques chegaram a ficar meio histéricos, rindo descontrolados (mesmo estando sóbrios, quase todos) com a força aparente daquilo, o tamanho do troço que tinham movimentado em menos de um ano. O único que não parecia surpreso era Evandro, que tomava nota de números de tráfego e do comportamento dos jogadores num arquivo de texto enorme, que Gustavinho tentava ler por cima dos seus ombros sem sucesso, e ficava o tempo inteiro conversando com alguém num programa de chat que Gustavinho não

lembra de jamais ter visto na vida.

Um mês e meio depois, antecipando o prazo, lançaram a fase beta. Depois de duas semanas no ar o jogo já tinha quinze mil contas criadas, um quarto delas de estrangeiros. Essa era a parte que eles menos entendiam. O jogo era muito deliberadamente brasileiro, com particularidades culturais que eles imaginavam que só fariam sentido aqui dentro, e no entanto estavam lá os coreanos, búlgaros, chilenos e indianos correndo pra lá e pra cá, falando nas suas próprias línguas e já criando suas próprias pequenas comunidades. A bolha midiática internacional especializada em jogos independentes logo começou a reverberar o CABOL, chamando sempre atenção para sua originalidade caótica e histórica e para a rapidez com que estava sendo produzido.

Duas matérias de sites especializados norte-americanos, tentando resumir o estranho jogo a uma adaptação dos quadrinhos, havia descrito Gustavinho como grande criador e maestro de tudo, como se ele tivesse sido responsável por todas etapas de criação. Gustavinho só conseguia rir de nervoso, quando entrevistado, e não conseguiu negar essa impressão. Depois se sentiu um pouco mal, mas no dia seguinte notou que Evandro não parecia incomodado. Achava graça, até incentivou que Gustavinho desse mais entrevistas daquele jeito. Talvez ficasse contente em não receber atenção demais, obcecado como estava com a reestruturação massiva que precisava fazer da sua empresa para lidar com o tamanho que aquele negócio estava tomando, como se já por conta própria.

Apesar da maneira meio arrogante de agir, Evandro também conseguia ser afável e simpático com todo mundo. Parecia um modo acionado deliberadamente, contrastado com a cara ausente ou invocada, mas não por isso deixava de transparecer uma simpatia espontânea. Chamava alguém para acompanhá-lo para a varanda, para fumar seu cigarro de palha, e desatava uma cara satisfeita com o trabalho que estavam fazendo.

Gustavinho evitava encarar, mas deixava sua visão periférica absorvê-lo como podia. Não lembrava de ficar tão fascinado com uma pessoa de carne em osso antes na sua vida. Carmen Sandiego ou Lara

Croft não contavam.

Já foi descrito uma vez, mas não bastou. Evandro era um menino não muito alto, mas de pernas e braços compridos, a pele de um marrom batido de sol. Sua cabeça parecia pequena para o seu corpo, distante de tudo que acontece, um cabelo liso, reluzente de tão preto, cortado de cuia, de onde saíam mechas compridas do lado das orelhas. Tinha traços um pouco femininos que ele enfezava num arranjo mais severo o tempo quase todo. Na maior parte do tempo sua expressão parecia desativada de seu derredor imediato, metida em imaginações bem diversas ali de onde ele estava, e de repente se acendia num estado de convencimento extraordinário que precisava ser direcionado e extinto em poucos minutos. De repente percebia que precisava demitir ou contratar tal pessoa, criar um novo departamento, rearranjar uma equipe de roteiristas específica, redesenhar tal elemento da interface de inventário, fazer com que a espera necessária enquanto o jogo carregava um novo território fosse sempre ilustrada com algum artigo da já efervescente enciclopédia colaborativa do CABOL.

Os seus olhos se acendiam de alguma percepção dessas e ele na hora acionava a pessoa adequada. A pessoa era incumbida de ir encaminhando uma determinada atividade e ele podia relaxar. É basicamente isso que ele fazia o dia inteiro, quando não estava isolado programando, incontactável. Aceso todo dia das seis até as duas da manhã. Não assistia filmes, não lia, não parecia ouvir música. Vestia um mesmo uniforme consistindo de uma mesma camiseta cinza escola pública, calça jeans largas mal seguras por um cinto velho descascado marrom-claro e tênis de futsal, em absolutamente toda situação.

A sala do Evandro ficava sempre fechada, com gente entrando e saindo de lá com frequência, a maioria meio apavorada, fazendo antes de entrar uma recolhida dos ombros e um retesamento do pescoço como quem indicasse “puta que pariu, lá vou eu”.

Gustavinho passou a ir pelo menos duas vezes por mês em São Paulo, habituando-se ao escritório novo deles em Pinheiros, num casarão com pé direito enorme que eles dividiam com uma agência de publicidade e uma *startup* de entrega que viu seus concorrentes explodirem enquanto eles mal saíam do lugar, seus seis membros todos indistinguíveis, todos levemente acima do peso, brancos, prematuramente

carecas, barbudos e deprimidos. Gustavinho tinha até uma mesa com computador que reservaram com o seu nome, embora ele não tivesse muito o que fazer. Checava o e-mail, andava pelas baias, cheias de bonecos realistas de filmes nerd, Chtulhus de pelúcia e pôsteres do Simpsons, olhando por cima dos ombros do povo e tentando adivinhar o que eles estavam fazendo.

Ele queria participar, mas não entendia direito o jargão que o povo usava. Nunca jogou esse tipo de jogo, nunca programou nada. Concordava com o que Evandro parecia estar propondo, sempre, nas reuniões, quando recebia a palavra. Fazia parte agora das reuniões mensais do criativo, mas não entendia suas atribuições, e acabou faltando a uma delas por ter ficado chapado demais com um brigadeiro de tchose que conseguiu com Victor, indo dormir seis da manhã e acordando horas depois da reunião terminar. A idéia de que estavam fazendo um jogo em cima das suas imagens era muito excitante, mas ele não conseguia se envolver com aquelas tecnicidades todas, decisões envolvendo a interface, a mecânica de combate e as dinâmicas econômicas dentro do jogo. Todo detalhe era discutido em aspectos que Gustavinho nem imaginava existentes e que ele tinha dificuldade de entender a tempo de contribuir com algum comentário válido. Os quadros de pincel atômico se viam sempre com tarefas recém-completadas do tipo:

- Ajustado valor nutritivo do açai e das castanhas
- Necromantes demoram um pouco mais para fazerem as suas necromancias
- Coelhos 2x mais rápidos
- Agachar-se diante de um robô não mais te salva da sua linha de fogo
- Capacete de papel alumínio (+3 contra invasões telepáticas e interferências E. M. em geral) adicionado como item fabricável.

Na reunião seguinte a qual Gustavinho compareceu, o jogo já tinha mais programadores, uma equipe que ele mal conseguia calcular de

tão grande. Mais de quarenta pessoas, vários deles estrangeiros (alguns deles participando remotamente). Todos escolhidos a dedo pelo Evandro.

O universo do jogo agora era de uma complexidade que Gustavinho não sentia que compreendia totalmente. Embora tivesse sido de fato derivada daquilo que ele escreveu, de premissas que ele inventou, a coisa já tinha desembestado a ponto de virar outra coisa. Uma besteira que ele só rabiscou em dois quadros (um grupo de golfinhos sabotando um cabo de fibra ótica submarino), havia sido elaborada no jogo para virar toda uma civilização de golfinhos com treinamento militar, comunicando-se por sonar para derrubar navios pesqueiros, canhões laser atrelados às suas nadadeiras por ecoterroristas parceiros. A coisa toda ficava muito ridícula muito rápido.

A versão beta dava erro toda hora, vivia caindo, mas ainda assim tinha lá já suas quarenta mil contas e mais ou menos dez mil jogadores, depois de alguns meses. Apaixonados e fiéis, na sua maioria compreensivos com os frequentes travamentos. A rapidez de tudo pareceu normal para Gustavinho, mas leu depois em sites gringos que aquela era uma rapidez desconcertante para um jogo daquele tipo ser desenvolvido e apresentado ao público. Uma rapidez sem precedentes, na verdade, na qual era quase difícil de se acreditar.

Os gráficos eram rudimentares. Apesar da insistência de boa parte da equipe que a comunidade de jogadores sérios preferia gráficos realistas e modernos, Evandro insistia em manter os gráficos simples, querendo estabelecer uma estética retro, 8-bit, de jogos do começo da década de noventa. A aparência mambembe das interfaces também tentava fazer referência a plataformas antigas, a todo um quentinho nostálgico calculado para marmanjos de trinta a quarenta anos mas já disponível também para moleques espertos de quatorze, por outras vias.

Dizia que só dormiria mais de três horas por noite quando o jogo alcançasse um milhão de jogadores, que só aí ele iria descansar. Ele falava sorrindo, mas sempre enfezava se a pessoa risse daquilo.

Gustavinho jogava pouco, confuso demais com os erros e a interface ainda bugada, mas mantinha um fascínio eterno com o fato daquele



troço cada vez mais complexo ter alguma parcela de responsabilidade sua.

Os seus pais continuavam extasiados, contando vantagem para os amigos e parentes. Decidiram arrumar um apartamento para ele em São Paulo, pela primeira vez Gustavinho viu morando sozinho. Como acharam que estaria muito ocupado para montar um apartamento agora, alugaram um apart-hotel todo mobiliado por três meses. Até serviço de quarto tinha, camareira. Ele não precisava fazer nada. O lugar era muito confortável, com uma antessala e cozinha americana. Gustavinho acordava depois de meio-dia, sempre, fumava alguma ponta que estivesse recuperável pelos cantos e chegava a ficar cinco ou seis horas deitados direto no pufe.

Mantinha-se ocupado de noite com São Paulo, com as pessoas que de repente conhecia, todos aqueles contatos no celular que ele não acionava, mas continuava coletando, as pessoas que o adicionavam em redes sociais como se soubessem quem ele era. Ele não recebia salário da Synopticon, até porque o jogo ainda não era rentável, mas havia recebido duas jorradadas na sua conta bancária pelos direitos criativos. Como seus pais ainda pagavam por tudo, essa grana ele usava principalmente para comprar apetrechos tecnológicos e maconha com o povo que borbulhava em torno dele. Comprou um *Apple watch*, mas quando se viu usando achou meio ridículo, nunca teve coragem de usar em público. Victor insistia que fossem em algumas festas, de vez em quando, mas ele não costumava fazer mais do que tomar algumas cervejas, concordar com a cabeça com qualquer das atrocidades ditas a respeito dos espécimes femininos e ir pra casa de táxi bem antes dos outros. No máximo, ia ele, Victor e mais uns dois caras para alguma hamburgueria *gourmet* de madrugada, Gustavinho rindo ansioso das sucessivas piadas sobre gostosas do Instagram sobre quem Victor tinha profundas objeções morais.

Embora tivesse todo motivo para ficar animado, considerando tudo que tinha acontecido na sua vida, Gustavinho acordava todo dia tenso. Como se tivesse tido um pesadelo muito grave e muito ominoso, mas não conseguisse lembrar o que acontecia nele. Buscava ao seu redor algo em que ancorar esse sentimento, sem muito sucesso. O mundo estava na merda, claro, mas sempre esteve. Talvez fosse só uma

ansiedade sem objeto, acostumada com uma vida medíocre, confusa agora diante daquele sucesso todo.

Assim que chegou em São Paulo ficou sabendo de um assassinato que chamou muita atenção de alguns cantos da internet onde ele habitava, e que só fez engrossar essa sensação. Um cantor novo que tava começando a estourar em alguns círculos de vanguarda podreira. Um moleque magricelo chamado Jemerson, que dançava como o caramba e inventava as fantasias mais inusitadas, improvisadas com lixo e coisas que se compra barato em qualquer canto. Produziu ele mesmo seus primeiros vídeos na casa da tia-avó, onde morava, no Jardim Ângela, e as danças e fantasias ganharam o público mais inusitado, até gringo. Tinha acabado de lançar o primeiro EP, produzido por gente profissional, com alguma grana. Estava super feliz. As letras eram mais declamadas que cantadas, as músicas eram puxadas de sucessos do funk, pouco mais que desculpas pras coreografias espasmódicas criativas e as frases de efeito engraçadas (seu primeiro sucesso consistia numa repetição cada vez mais frenética dos versos “Cadê o pancake / Tou com a cara cagada / Cadê o pancake / O pancake da Mac”).

Foi encontrado em casa brutalmente espancado, ao ponto da deformação total. A polícia descartava crime de ódio, mas era só disso que falava os cantos da internet que já conheciam e valorizavam a carreira de Jemerson, que ainda engatinhava, mas com firmeza. Gustavinho pensou em conversar com alguém da Synopticon sobre aquilo, mas não conseguiu. Sabia que não devia ter nenhuma relação direta entre o incidente e tudo que acontecia na vida dele, mas acabava vendo sinais ominosos em tudo. A versão 1.0 finalmente seria lançada em dezembro de 2012. Um enorme calendário para contagem regressiva foi posto bem no meio do escritório da Synopticon.

(\*)

Gustavinho está sentado no chão do seu apartamento novo em São Paulo, ainda quase sem móveis, para o qual ele acabou de se mudar. A contagem regressiva no site termina e aparece uma mensagem dizendo que o jogo já está online. No dia anterior, deu pra ver que Evandro estava, pela primeira vez, muito nervoso. Ansioso pra saber como os servidores aguentariam o tráfego naquele primeiro dia. Estavam gradualmente deixando a nuvem gringa e estariam, pela primeira vez,

utilizando a arquitetura de rede inovadora idealizada por Evandro. Gustavinho nunca visitou o galpão na Zona Oeste com fileiras de computadores zumbindo debaixo de ar condicionado, mas achou as fotos emocionantes.

— Isto aqui é só o começo, bicho, Evandro lhe disse.

O jogo demora um bom tempinho pra abrir, mas tudo parece estar funcionando com poucos soluços. A luz azul que vem da tela é a única fonte de iluminação no quarto, que fica todo levemente tingido daquela mesma cor fraca e fria.

O mundo abre.”

## 15.

Nessa época começamos a frequentar um lugar nas entranhas do Lago Norte que chamava *Landscape*. Era uma boate meio desconstruída e desajeitada que reunia gente *alternativa* e *do rock*, mas como era também o único lugar noturno no raio de alguns quilômetros acabava reunindo gente desavisada de outras persuasões. Bêbados solitários e ecumênicos caídos pelos cantos e tentando agitar as partes mais dispostas do corpo junto com a música.

A parte de baixo era o típico inferninho suarento com palco apertado pra banda, com um segundo andar meio largado, onde havia uma banheira de hidromassagem desligada com camadas de poeira sedimentada, além de frases inspiradoras, na parede, de figuras ilustres do humanismo universal como Raul Seixas, Lenin, Renato Russo e Betinho.

Do lado tinha uma igreja evangélica e em volta mais nada, só prédios sendo erguidos e oficinas e lojas de materiais de construção, montes de barro revirado ali atrás das vias certinhas do Lago Norte. O nome oficial da área era Centro de Atividades. Não deixa de ser um nome adequado, lembro do Fernando dizer, várias vezes. Faziam-se, ali, afinal, *atividades*.

Lembro da gente reclamar com frequência do lugar e das festas, como se reclama daquilo que é muito próximo e familiar. Em algumas noites acontecia de tocarem o que a maioria de nós gostávamos, muitas vezes rolavam as bandas ruins ou boazinhas de amigos e conhecidos. Mas boa parte do tempo a gente ficava tirando de tempo os roqueiros mais velhos que apareciam lá pra ouvir *Smiths* e *The Cure* (nada contra), conversando e bebendo lá fora, passando calor e fumaceira no andar de baixo.

Hoje sei que não tinha nada demais no lugar e que o povo que ia lá nem era tão frito. Eu é que não tinha visto nada na vida até então além de bares da Asa Norte e do Cruzeiro e churrascos da minha família no núcleo bandeirante. Conseguia ter uma inocência ainda tão jeca nessa época que lembro que o lugar conseguia me parecer bem mais soturno e devasso do que era de fato. Primeira vez que vi alguém cheirando foi no banheiro de lá, primeira festa de maioria gay que eu fui também foi lá.

Lembrar desse período é lembrar com força pra mim da sensação de sair daquele lugar umas quatro, cinco da manhã, sem saber muito bem porque teria ficado até aquela hora ali, muitas vezes não conseguindo lembrar de ne-

num momento realmente agradável, procurando a chave do carro enquanto caminhava até ele num declive escuro de terra batida quase sem outros carros em volta, imagens midiáticas de sequestro e estupro se desenhando na cabeça na forma de dramatizações toscas em programas policiais. Você, a sua única companhia naquele caminho comprido até em casa, dirigindo com mais álcool no sangue do que devia, a fila de postes arrastando-se interminável no Eixão.

Eu repetia na minha cabeça com frequência a mesma formulação banal a respeito de como a vida de alguém com vinte e poucos anos revolvía em torno de festas daquele tipo. Mudava a música e o preço da bebida, mas a estrutura era a mesma por todo canto. Os rituais de fertilidade e acasalamento que ainda temos, a Bia falava (não tão solene), depois de sair, suada, do inferninho.

Sempre tive habilidade nenhuma em acasalamento e não tinha direito um grupo fixo de amigos desde o Ensino Médio. Então além de dormir tarde quase todo dia lendo livros do Henry James que eu nunca terminava, ou adormecendo diante de filmes antigos de Hollywood que eu revia mil vezes, tentava forçar a minha vida a se encaixar ao menos naqueles arcos narrativos, encerrados naquele núcleo fixo de personagens atraentes.

Aprendendo uns com os outros, servindo de equilíbrio, alívio cômico, complementação temática aqui e ali. Lembro de vê-los agrupados num canto, todo mundo dançando menos o Adriano, um se aproximando do ouvido do outro de tempos em tempos pra fazer algum comentário que causava, quase sempre, um estouro de hilaridade. Mesmo quando não conseguia ouvir o que tinham dito, precisava me segurar para não rir junto.

Na mesma época, encontrava a Bia e o Fernando com frequência na Biblioteca Central da UnB. Eu estava lá estudando pra algum concurso que estivesse pendente no horizonte com sua promessa apetitosa de resolução para parte dos problemas da minha vida. Já a Bia e o Fernando estavam lá pra estudar coisas mais nobres, digamos, e desinteressadas. Os dois tinham pretensões intelectuais, mas fugiam da academia. Marcavam de estudar juntos apenas para ter um horário fixo e um constrangimento para comparecer. Sentavam um diante do outro no térreo, numa das mesas maiores de leitura, tinham cada um uma pilha de livros de interesse e um caderno onde faziam anotações breves. De vez em quando, um apontava pro outro alguma coisa curiosa que tinha acabado de ler e o outro reagia silenciosamente de maneira ostensiva, querendo deixar claro que tinha entendido a específica graça ou

referência ou algo assim. Eu observava isso às vezes do outro lado da biblioteca enquanto fazia uma das minhas setenta idas ao banheiro e ao bebedouro, caminhadas ociosas esticando as pernas e repetindo em comitês erguidos na minha cabeça o tanto que eu era inútil.

Conhecem-se desde a pré-adolescência, os dois. Era meio evidente o tesão pairando ali entre os dois, ainda que complicado pelo Fernando namorar a irmã da Bia. Eu até tinha dificuldade de entender como que os dois não se atracaram antes, se eram tão parecidos e pareciam se dar tão bem. A tensão sexual parecia contida num carinho de amigo, mas nem sempre. Eu adorava ver como um olhava pro outro.

(Ainda não sabia como me portar diante do Fernando, aliás, sem saber o que diabos teria acontecido aquele dia na casa da Juliana, e sempre que os cumprimentava rapidinho na biblioteca tentava medir de alguma maneira a postura dele diante de mim, sem sucesso).

Vivia achando que encontraria os dois atracados juntos atrás da biblioteca ou no andar vazio de periódicos, naquele tipo de pegação clichê de filme em que as pessoas parecem tomadas de uma necessidade fisiológica incontornável. Parecia inevitável que aquilo acontecesse, mas claro que não era. A vida é toda cheia dessas possibilidades latentes e ainda assim cavadas pra dentro de si mesmas, inviáveis. Latejando pra sempre na porta, sem jamais entrar. Muros que se criam sem o nosso consentimento, mas que quando vamos ver já estão lá, incontornáveis como cotovelos e se estendendo até onde a vista alcança.

O que a Bia e o Fernando partilhavam, afinal, era uma mesma potência inerte, um mesmo talento agudo que não reunia de nenhum jeito verificável pro mundo, inteligências que não se amoldavam em formas que o mundo pudesse digerir.

Eu os via pela janela ou através do corredor da biblioteca em pé ali na frente, a Bia fumando e falando sem parar enquanto o Fernando segurava uma garrafa d'água vazia que ele amassava e desamassava, inflando na boca como um balão. Sorria e concordava com gravidade. Tentava imaginar a conversa deles, a conversa espaçada e tão iluminada. Mas é claro que não conseguia. Não há como alguém de imaginação tão curta como a minha conter gente tão mais vasta e diversa quanto aqueles dois ali. A Bia pelo menos parecia enfrentar o mundo, às vezes, ainda que dispersa, quase só discutindo com conheci-

dos em bares e com gente anonimamente imbecil na internet. O Fernando só tomava notas do mundo, deitado na rede, chapado.

Amigos e familiares arranjavam pra ele de tempos em tempos trabalhos de revisão e tradução, ou algum adolescente para ele dar aula de inglês, mas ele procrastinava, aparecia de chinelo pra dar aula, corrigia com notas arrogantes o raciocínio defeituoso de uma tese de doutorado em que ele só devia revisar o português. Procurava as formas mais previsíveis de autossabotagem abestada, de acordo com a Eloísa (que ao mesmo tempo se irritava com o tanto que o Fernando “se desperdiçava” e parecia achar romântica a postura que ele tinha diante do mundo, tão pura e excêntrica, tão de *artista*).

Os dois talvez só continuassem suas vidas especulativas e pouco práticas por causa da anuência dos namorados, mais bem arranjados e competentes com os instrumentos do mundo (a Eloísa, já mencionei, trabalhava com produção de moda e *design*).

Colocando de forma mais simples: Fernando e Bia eram as contrapartes mais interessantes e mais dispersas de Eloísa e Adriano. Considerando a necessidade de algum equilíbrio estético (que só deve existir na minha cabeça), era apropriado que os dois casais permanecessem exatamente como estavam.

Era provável que aquela tensão sexual dos dois se mantivesse daquele mesmo jeito implodida por décadas, as coisas não tem que caminhar pro seu desenlace mais dramático. Geralmente não caminham.

## 16.

O blog ficou parado de novo por um tempo. Aí voltou, mais esquisito do que nunca:

### **CABULOSO – PARTE 4**

O seu avatar anda uma terra devastada, prédios cinzentos mal acabados, com rombos nos lados. Crateras, carros empilhados, viadutos tombados. Olhando pra cima você quase sempre vê linhas emaranhadas, fios elétricos e postes em gambiarras amontoadas. Depois de semanas jogando horas por dia, Gustavinho ainda se assombra com os gráficos, com a beleza de sua simplicidade. A terra se espalhando num leve e ligeiro cogumelo marrom pixelado quando você pisa no chão.

O jogo se passava todo no Brasil pós-apocalíptico do seu quadrinho, só que com muito mais elementos. Além do aquecimento global e dos cataclismas ambientais concorrentes, a Europa e os EUA haviam sido destruídos por desastres nucleares. Por todo lado, a grande maioria dos Estados-nações caíram ou se mantinham em versões enfraquecidas. Megaorganismos corporativos estadunidenses e chineses construíam bases militares privadas, cidades e usinas livremente em território brasileiro. O interior dos Estados, as cidades pequenas, o cerrado, o sertão, as pampas, o pantanal. Esses lugares são todos terra de ninguém, assolados por grupos nômades, piratas e saqueadores, ladrões e vigilantes, caminhoneiros e torcidas organizadas. É nesse tipo de território que o jogo se concentra. Gustavinho morreu diversas, diversas vezes nas primeiras horas. Foi desmembrado, explodido, devorado, varado de balas e até queimado vivo por robôs. Não conseguia fazer nada ali, nem fazia jus à imagem tão legal do seu avatar, uma versão dublada de um herói de filme de ação dos anos noventa, com cabelo comprido, barba por fazer, um tapa-olho, um braço biônico e um sobretudo incongruente que esvoaçava quando ele pulava de lugares altos. O seu personagem havia sido feito para ficar bastante parecido com aquele que chegava mais próximo de ser o protagonista da sua história (que no quadrinho não tinha nome, mas que na internet alguns tinham começado a chamar



de Paraíba Blade, que Gustavinho não decidia se era engraçado ou preconceituoso). Explorou os territórios, fugindo dos combates, dos diálogos e dos gatilhos de aventuras, apenas vasculhando tudo que conseguia. Era um mundo muito mais específico, detalhado e complexo do que Gustavinho jamais podia ter imaginado. Deitado no pufe, as mãos esparramadas no teclado, o telefone pressionado contra a sua bochecha, ele agora conversa com seu primo Flávio. A voz do primo vem metálica.

— Bicho, tu já viu por aí um jogador que chama O DIVINO COMEDIA?

— Qual? Não.

— Um cara que joga com um avatar que parece o Caetano das antigas, tipo, um cara queixudo e cabeludo com casaco de pele, tipo. Epa, peraí, tão me matando aqui, rapidão.

— Ué, tu tá jogando agora?

— Tou sim, risos.

— Tu não falou nada, porra, eu também tou, doidão.

— Porra, é que eu percebi que da outra vez que tu me ligou, eu atendi, eu também tava jogando.

— E a vez antes dessa também, é verdade. Tá na fissa, hein? Tu não trabalha não?

— Porra, tive que desenrolar com o cara de TI aqui do escritório pra liberar o proxy, tu imagina? Agora tenho que salvar o bicho sempre que fumo no almoço, o que é foda, enfim. Cagou meu ritual todo. Mas é, tou jogando sempre, tá ridículo. Fico até com vergonha de te dizer. Risos.

— Vergonha do quê, tá doido, bicho. Mas tu tá onde?

— Aliás, até hoje eu nunca vi teu avatar, porra, como que ele é. Só no mistério.

— Ah, é um carinha assim normal, não tem nada demais.

— O meu tu viu aquele dia, né, ninjão só no estélfi. Cê tá louco.

— Mas o que tem o tal do comediante?

— Comédia. Ele é muito louco. Faz meio que umas cenas, assim. Uns

evento.

— Cenas?

— É, tipo umas *cenas*. Não sei explicar. Tipo tu tá lá em algum canto do jogo, de boa, e do nada aparecem outros avatares e começam a falar com o bicho, umas parada são invocada, aparece de repente um castelo, uns monstrinho, todo um teatro, assim.

— Teatro?

— É, tudo o bicho invocando, com máquina e magia. É muito cabuloso. E geralmente é engraçado pra caralho, tu tem que ver.

Alguns jogadores extrapolavam os termos de interação oferecidos do jogo, já criavam classes e comunidades adicionais àquelas oferecidas. Comerciantes de itens e *pinups* estilosas que ficavam só nas cidades e mal desenvolviam habilidades de luta. Em geral, a instrução na Synopticon era de incentivar essa criatividade. Era Evandro quem tinha teimado em acrescentar uma quantidade sem precedentes de possibilidade de classe e habilidades ali dentro, além de uma liberdade incomum na customização dos avatares. Dizia ter percebido que as pessoas queriam não só a possibilidade de serem piratas, ninjas, ciborgues, piratas, cangaceiros, homens-lagarto, mas elas queriam tudo isso *ao mesmo tempo*. Ele próprio tinha como avatar um licantropo meio pajé chamado ABRAXACO, uma versão mais realista do coioote coió que segurava um cetro poderoso de madeira nodosa e retorcida que só ele tinha (e que, segundo Renatinha podia criar qualquer artefato já criado no jogo).

Gustavinho se sente compelido a jogar horas por dia, só para tentar acompanhar. E sente que não consegue.

(\*)

— Cadê essa porra desse bicho, veio?

— Não é assim. Não tem um lugar certo pra começar, já te falei, po. Eu só sei que era por aqui o troço. A gente só tem que procurar o movi.

— O movi?

— É. Sempre começa a acumular uma galera em volta quando ele começar a fazer o negócio dele, saca? Eu não tou tão ligado nessa

história a ponto de perseguir o bicho, então demora, geralmente, pra chegar em mim o bizu. O que significa que quando eu chego já rola sempre um movi.

— Boto fé. Entendi. A gente tá onde agora?

— Chapada Diamantina.

— O que são essas paradas saindo de dentro do chão?

— Morreu aquele Megaprotozoário de silício gigantão aqui umas semanas atrás, aquilo tudo metido na terra era tudo parte do corpo dele.

— Caralho. Meio bonito, né?

— Eu ouvi dizer que a pala do corpo não ter sumido foi um glitch, mas ficou tão fera e todo mundo concordou tanto que ficou fera que os cara foram e deixaram. Tavam certos.

— Porra, como que tu sabe tanto mais do jogo que eu, veio?

— Porra, tu que me diga. Tu meio que criou essa porra e parece que não tá nem ligado das paradas.

— Tem coisa demais, bicho, é rápido demais, não dá nem pra acreditar às vezes.

— Real. Ainda mais sendo brasileiro, né?

— Mas porra, muito rude esse bichão morto, muito cabuloso.

— ‘Rude’, caralho, bicho, não fala isso aqui.

— Como assim?

— Porra de gíria da ‘Istoé’, velho. Ninguém nunca falava isso antes de sair num GLOSSÁRIO duma reportagem lamentável dos cara.

— Sério? Eu já ouvi uma galera falar, eu acho.

— Gíria inventada por jornalista tiozão. Dois dias depois da reportagem e todo mundo que joga sério revirava o olho pra todo mundo que saía quinem um idiota gritando ‘RUDE’ pra tudo achando que tava abalando e apenas constrangendo a si mesmo e aos seus.

— Tu tá escolado nessa porra, hein, veio? E eu mesmo nem tava ligado.

— Porra, ficava sem graça até de te falar o tanto que eu gosto. Eu piro

demais nesse jogo, véio, e tu simplesmente criou a parada, bicho, não consigo nem registrar isso de real. Eu te falava aquelas parada só pra te incentivar, não achava que tu ia chegar e pans.

Na real eu também não, Gustavinho pensou em dizer, mas só riu como resposta. A coisa ainda sucedia com um certo lag de processamento, todo dia ao acordar, ele às vezes ao tomar banho ou escovar os dentes se via emitindo um ímpeto involuntário e meio histriônico de incredulidade, agudo como um bebê ou golfinho, e que não costumava durar mais do que um segundo.

— É muito massa esse teu avatar, né?

— Pois, é, porra, tenho que merecer ele. Tou mandando mal há tanto tempo.

— Ah, porra, tu tá bonzinho agora. Eu te vi lá com as galerinha do Taison acabando com aquelas vespa japonesa amarelinha. Cabuloso, fi.

— Tu viu isso?

— Postaram, pô. Aquele canal dos uiliquite, uiliquete.

— Ah, eu nem tava com a galera do Taison, não. Só juntou ali na hora.

— Tu nunca anda com ninguém, né? Só o sinistrão.

— Dou essa pala.

— Ih, a-lá o movi, ó.

De fato, ali, entre o que se podia descrever como a Cinelândia e o MAM, nas escalas reduzidas e cartunescas do jogo, estava um acúmulo de quarenta ou cinquenta avatares irriquietos cercando o que parecia ser um minitemplo maia com um porco deitado em cima em oferta, mordendo uma maçã, vivo. Uma nuvem de fumaça preta de repente se formou por trás.

— TÁ TU-TU-TU-DO DOMINADO, FIAS E FIOS MARAVILHOSIS, TUDO PROGRAMADO, DO CERRADO AO VAREJO, DE BATE-PRONTO PRO ABATE-BATE, CERCADO, JÁ. UM ENORME PASSADO PELA FRENTE, ENGOLINDO O FUTURO COMO FITA ENGASGADA.

Aparece uma figura de fato bastante parecida com o Caetano Veloso circa setenta e tantos, o queixo cartunescaamente pronunciado,

vestindo só uma capa vermelha e uma tanguinha, posição de lótus, flutuando logo acima do templo.

— AQUILO QUE ACABOU COM O BRASIL ACABOU COM O BRASIL QUE ACABOU, HÁ PELO MENOS TRÊS DÉCADAS QUE QUASE TODOS OS DOCUMENTOS OFICIAIS E CARIMBOS DA IMPRENSA NACIONAL E PANFLETOS COLORIDOS COLECIONÁVEIS E SUPLEMENTOS DE INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO DOS ESTADOS UNIDOS DELLO BRASILE ÚNICO E INVISIVE É MASSA DE MANOBRA TECNOCONSUMISTA PARA A GRANDE BESTA QUE TUDO ENGOLIU. SÓ EXISTE UM MODO DE VIDA. UMA CASA, UMA FAMILIA. UM CAUBÓI EXECUTANDO UM ÍNDIO NA FRONTEIRA.

Um sol com pernas metidas numa bota vermelha, mãos enluvadas como as do Mickey e bigode, sorridente, aparece pendurado por uma cordinha, aterrissa no minitemplo, sorri e põe-se a devorar brutalmente o porco, cujo choque se fixou numa expressão exasperada e cujas tripas continuam se projetando para fora repetidas vezes, em loop. O sol se alimenta e cresce um pouco, seu brilho fica mais forte.

Um telão enorme é trazido por duas capivaras mutantes, no telão sucede um panorama acelerado em traços coloridos e simples. Um relógio marca que estamos há 4.5 bilhões de anos atrás, e contando. A terra se forma. O relógio corre acelerado. Formações geológicas dando lugar a formas de vida diferentes, os estratos se acumulando e se dispersando em poucos segundos. Até que, por volta de um milhão de anos atrás, uma formação se destaca, ereta, começa a fazer ferramentas e a dominar todo o resto. O relógio acelera. Depois de dominar a superfície da Terra, começa a extrair as camadas anteriores para alimentar sua expansão. Depois desse resumo apressado, sem palavras, a formação dos continentes e das espécies é retomada e recapitulada, ainda mais rápido. A espécie derradeira anda de carro pra todo lado, triunfante, e a gasolina em todo carro vindo de um tempo profundo. Toda a memória sedimentada daquela vida explodindo motores continuamente e minando aos poucos a atmosfera. O panorama se espalha pelo templo todo, geleiras aparecem do nada, em volta dos espectadores, e já começam a derreter.

— A MAGIA DELES NÃO É A ÚNICA. HÁ MAIS JOGOS E OUTRAS MATEMÁTICAS.

— A ÚNICA ESPERANÇA ATUAL PARA A REVOLUÇÃO MUNDIAL SIMULTÂNEA DOS MODOS DE TROCA SENDO, NATURALMENTE, A LUA-ÚTERO DA MÚSICA POPULAR DESSE TERRITÓRIO QUE TEM O DEVER SAGRADO DE REDIMENSIONAR O ESPRITO EM SUAS ANDANÇAS E SACRAMENTAR O DEVIDO CAMINHO RÍTMICO-CORPORAL PARA TODA A HUMANIDADE. ANTÍDOTO PRO COMPLEXO IMPERIAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, A MATRIZ MARIARCA DE MITOS DE PINDORAMA PERMITIRÁ REFAZER OS FLUXOS, EXPANDIR OS LAÇOS, ACABAR COM OS ACÚMULOS CANCEROSOS, DISTRIBUIR O AXÉ E O MANA ONDE CONVÉM. PARA TODO MAL UMA CURA.

— O QUE SE SEGUIRÁ NATURALMENTE NO PRÓXIMO CICLO, O PRIMEIRO CATACLISMO, AS SETE CABEÇAS OFERTADAS, O SEXTO CICLO CONSUMIDO, O ESPÍRITO REFEITO E INVERTIDO, O MERCADOR VIRANDO PEDRA, A ROCHA LIQUEFAZENDO E A RASPADINHA ENDURECENDO, A AMÉRICA ENFIM SE REALIZANDO.

— PONTACABEÇANDO.

Uma lua igualmente antropomórfica também desce, ao lado do Sol, detrás de onde sai um homem mulato e forte, de camisa listrada, segurando um violão, e passa a, aparentemente, copular com o Sol, que a princípio se assusta, antes de explodir de prazer. A Lua infla e começa a crescer, ascendendo aos céus e explodindo quando está enorme e bem no alto. Todo o templo e os aparatos invocados em volta se desfazem em tubérculos, bulbos e raízes tuberosas. Em questão de segundos, tudo desaparece, deixando só os espectadores circunstanciais, que logo se dispersam.

— Hoje eu não achei legal, não, sabia, achei meio zoado, mas ele faz muito direitinho, né, muito show as luvinhas do sol, tu não achou?

— ...

Gustavinho estava sem reação. Aquilo era muito familiar. Onde ele já tinha visto aquilo? Ele já tinha visto aquilo em algum lugar.

## 17.

Este parece um momento tão bom quanto qualquer outro para descrever a adolescência do Fernando, que conheço por um relato da Eloísa, na única conversa mais comprida que a gente teve na vida. Era uma festa de um amigo em comum em que nós não esperávamos nos encontrar. O Fernando estava viajando, eu e Eloísa não tínhamos amigos próximos na festa, acabamos ficando de conversa por horas, com a indisposição mútua de socializar com uma galera que mal conhecíamos.

A festa era do Saulo, baixinho de cabelo raspado e voz grossa, gay, ansioso e muito engraçado, com quem a Eloísa fazia faculdade na época, e que era meu primo de consideração. Eu demorei anos para descobrir que ele era de um jeito nos eventos de família em que eu o encontrava e de outríssimo jeito com os amigos ou na rua (quando falava bem mais rápido, dez vezes mais engraçado e impetuoso).

A sua mãe tinha casado com um tio meu, Everton, um cara quieto e calvo que só queria na vida comprar aparelhos eletrônicos e resenhá-los no Facebook. Parecia muito constrangido e sem jeito diante da personalidade arrojada do Saulo, que aos poucos foi conseguindo se afirmar em casa (mas não diante da vó, não diante dos tios). Lá na festa Everton estava sentado num canto, tentou dançar uma hora com a garotada, mas não durou nem dois minutos. Ficava olhando pra tudo meio abismado, mas gentil.

Quanto mais bêbada a Eloísa ficava, mais ela se abria. Eu cuidei de parar de beber para poder lembrar de tudo, mas continuava beliscando devagar uma caipirinha para não desencorajá-la. Achando muita graça, ela começou a me contar que o Fernando quando tinha uns quatorze anos começou a se interessar por ecologia e vegetarianismo, nesse movimento de começo de maturidade de encontrar essas afiliações políticas e levá-las a sério de uma maneira purista, geralmente meio ingênua. Misturado com uma vontade de se definir e se distinguir dos outros, demarcar sua personalidade.

A princípio só evitava carne como podia, depois de alguns meses começou a tornar isso claro a todos os amigos mais próximos, passou a exigir uma dieta vegan em casa, proselitizando seus familiares quando esses reclamavam. Chegou a pichar no prédio da família dele, perto da garagem, um VEGAN enorme que todo mundo obviamente sacou quem tinha feito, com a tinta ver-

de-escura que o pai tinha comprado pra pintar a casa na árvore de um primo deles.

A mãe, que era psicanalista e muito segura de suas próprias crenças, trouxe aquilo com a condescendência com que tratava toda convicção adolescente, em especial as políticas. Riu, falou que não duraria nem três meses e que ele estava mais do que convidado a aprender a cozinhar, no meio tempo, se não quisesse comer a comida da casa. Ou ficar só no feijão com arroz.

O pai, procurador federal criado numa fazenda goiana, ficou foi puto com tudo que via implicado na decisão. Perguntava se Fernando se achava melhor que a Djanice, que trabalhou durante décadas na fazenda do seu avô torcendo pelo menos um pescoço de galinha por dia.

— Claro que não e a ideia não é me sentir melhor que ninguém. É uma questão política. Não é moral.

O pai bufava, a mãe gostava era de argumentar.

— Claro que a ideia é se sentir melhor que os outros. O vegetarianismo no Ocidente se popularizou assim, uma maneira da elite se sentir mais pura. Como a esquerda toda, né? Ou você vai dizer que o seu motivo é religioso, que você virou budista de repente? Faça-me o favor, Fernando.

Mas ele não parou aí. A partir dos quinze sua vida passou a se concentrar em ler fóruns e blogs vegetarianos e da extrema esquerda eco-socialista, destrinchando todos os vários sistemas de destruição nos quais o mundo todo parecia estar metido.

Se você pedisse pra ele descrever na época, Fernando dificilmente conseguiria emitir mais do que uns resmungos inarticulados, mas conseguia sentir as ligações todas com agudeza, as conexões grossas entre todas as formas concebíveis de opressão amarrando tudo que ele via num mesmo feixe. Desde violência policial até crueldade animal em criações industriais, destruição ambiental e trabalho escravo. O Imperialismo, o colonialismo, a escravidão do homem e de outras espécies. Tudo tinha só mudado de nome e de terno. Afrouxado aqui pra poder apertar ali. No geral o mundo melhorava para poucos, a história continuava a ser esse coturno pisando em cima de um rosto, e só. Não havia como escapar de nada disso, tampouco haveria como deixar de ser cúmplice.

Tudo se amontoava na sua cabeça num denso e vago emaranhado. Nada



parecido com ação coletiva se desenhava pra ele como possível, apesar de alguns textos que lia e das pessoas que dizia admirar. Fernando só conseguia fantasiar com gestos terroristas grandiosos de heroísmo tresloucado ou com uma vida ascética duríssima que ao menos rejeitasse os termos padrão deste mundo com veemência. Por alguns meses, esteve obcecado com o Unabomber.

Passava os dias e as noites quase todos sentindo-se atado nessas teias de relação, responsável pelo massacre de focas inocentes no ártico e pelos defeitos congênitos sofridos pelos bebês de uma vila indiana cujo córrego foi contaminado por uma empresa farmacêutica de que ele era consumidor. Sentia-se tão implicado nesses crimes quanto os executivos inescrupulosos ou os capatazes diversos metidos nas entidades corporativas que movimentavam essas forças no mundo, os intermediadores de fluxos de interesses e capital.

Cada vez mais, Fernando não conseguia enxergar nenhum alívio nos pequenos atos de redenção. Andar de bicicleta, usar bolsa de pano ao invés de saco plástico, preferir empresas locais amigáveis e boicotar as marcas e empresas com pior histórico de danos ambientais e direitos trabalhistas. Para ele era muito claro que a dependência que tudo tinha de todo o resto não permitia que essas pequenas distinções fizessem muito sentido. Nós todos participávamos daquilo. Com graus variados de culpa e destrutividade, claro, até aí ele concedia. Mas só de ter nascido numa situação confortável num lugar como o Brasil você já tava do lado errado da gangorra. Ser neto de português num fazendão de escravos já seria o bastante pra pesar uma vida toda.

Isso não quer dizer que ele não fizesse coisa alguma, Eloísa dizia. Rindo. Na real, nessa época ele fazia tudo que conseguia imaginar, colava adesivos veganos no carro de estranhos, organizava protestos de quinze pessoas no intervalo da escola, montava vídeos sobre aborto de bebês anencéfalos para chocar a tiazinha que lhe dava aula de religião. Fazia, mas não achava que tinha qualquer importância, admitindo aos seus amigos que esses esforços individuais não passavam de algo que se faz para se sentir melhor sobre si mesmo, não para ter qualquer efeito apreciável no mundo. O mundo já foi. Um cinismo que todo mundo achava estranho num moleque de quinze anos e que acabava o afastando dos poucos amigos radicais que fazia, a maioria online.

Esse sentimento foi oscilando em seriedade e comprometimento até que culminou numa tentativa de retirada do mundo, lá quando o Fernando tinha uns dezessete. Eloísa contava essa parte gargalhando, como quem descreve

algo excêntrico, mas também muito fofo, de tão ingênuo. Saiu de casa e inventou pros pais que passaria uma semana numa comunidade alternativa em Valparaíso (algo que ele jamais faria, pela falta de paciência que ele tinha com hippies de maneira geral, principalmente com aqueles que transformavam privilégio em gratiluz e vaguidões da Nova Era).

Foi morar na rua. Não durou nem dois dias, parece, pelos motivos mais prosaicos e previsíveis do mundo, medo e incômodo físico, vontade de tomar banho quente e Guaraná gelado. Achou uma merda dormir em bancos, um saco ficar com formigas frequentemente subindo nos seus pés e ficou assustado com um mendigo bêbado que veio conversar com ele de madrugada sobre o filho dele que tinha sido preso no Rio, amigo do Vagner Love, segundo ele, e que passou a noite sem falar coisa com coisa.

Voltou pra casa fedendo horrores, falou pros pais que dormiu na casa de um amigo e acabou nem terminando o terceiro ano pelo tanto que estava deprimido.

Eventualmente foi retornando aos poucos pros padrões, hoje nem vegetariano ele é mais, embora acho que ainda tente comprar as marcas menos escrotas. Se você conversa com ele sobre o assunto, depois de vencer umas várias camadas de resistência, acaba admitindo que na real ainda acha que estava correto nos seus dezesseis anos. Que comer carne, ainda mais carne de boi, ainda mais industrializada, é uma canalhice. Em princípio ele ainda concorda com quase tudo aquilo que lhe parecia tão urgente e grave quando era moleque. O tempo só confirmou tudo aquilo, só aumentou ainda mais o drama. Ele só não continuou a sério com aquela vida engajada e comprometida porque não tem fibra moral nenhuma.

É assim que ele coloca, “fibra moral nenhuma”. Já o vi também dizer que não tinha dentro dele “nada nem próximo de um caráter”. Falava sempre rindo e eu nunca entendi o jeito que os amigos mais próximos reagem, não era nem rindo nem levando a sério, parecia só irritado.

Segundo a Eloísa (que até essa parte me contou rindo, não entendo bem porque, realmente não vejo qual poderia ser a graça), ele ainda acha, no fundo, que o mundo inteiro continua a ser uma ciranda arrastada e grotesca de uns mesmos traumas coletivos violentos. E que as classes altas — nas quais ele nasceu e foi criado — só continuam a sustentar essa situação porque nela quase só tem vampiros e frouxos.

## 18.

Dois anos antes daquela noite no apartamento da Juliana, aconteceu a Copa do Mundo da África do Sul. Firmou-se que os jogos do Brasil seriam assistidos no apartamento da Bia e do Adriano, no final da quatrocentos sul (e que era da avó dele até uns meses antes).

Todo um evento se criou, sem que a Bia e nem o Adriano se encarregassem disso, pessoas chegavam com balões verde e amarelos horas antes do jogo e assistiam as intermináveis análises e preparações em todos os canais esportivos. Isso tudo para que os jogos acabassem sendo desenxabidos, peladas contra a Costa do Marfim e a Coreia do Norte. Havia uma única criança novinha no grupo, o filho do Paulinho e da Natália e a sua excitação genuína e convicta legitimava um pouco a vontade que vários marmanjos tinham ali de também vestir uma identificação direta com essa entidade tão estranha que é a Seleção Brasileira de Futebol.

A criancinha (não consigo lembrar se era menino ou menina) era linda, tinha olhos meio orientais inexplicáveis pelas feições dos pais e parecia tomada de uma identificação mística com a seleção. A mera aparição de seus jogadores em campo era motivo para que ela começasse a se debater de êxtase incontido.

Para cinco dos homens ali, a Copa do Mundo sempre havia sido um evento de extraordinária importância. A única coisa em que o Brasil ganhava do mundo todo. O campeonato mais importante do jogo mais popular do mundo. O mero fato dos jogos se revelarem tão sem graça não conseguiria, por mais insistente que fosse, desmontar a gravidade e a centralidade daquele evento, daquele mês tão fantástico de prazeres que mais se antecipavam e se pós-analisavam do que se desfrutavam diretamente. Pra mim era como qualquer outro jogo de futebol, tudo parecia bem parecido.

No segundo jogo do Brasil, contra a Costa do Marfim, decidiram jogar um jogo-de-bebida centrado no Galvão Bueno. Aquele era um costume importado por um deles, o João Pedro, dos Estados Unidos, do período em que esteve estudando acho que biologia, acho que em Ohio. Sempre que o locutor utilizasse alguma das seis frases de efeito batidas que haviam anotado com canetinha numa cartolina afixada acima da televisão (“bem amigos da rede globo”, “isso tá certo, Arnaldo?”, “não pode deixar eles gostarem do jogo”,

etc), os cinco teriam que beber pelo menos meia dose de cachaça. A ideia era promissora em sua destrutividade e os cinco pareciam previamente satisfeitos, antes do jogo, ali já sentados ou arrumando os preparativos, com o comprometimento que todos demonstravam em relação à Copa do Mundo enquanto fenômeno total de entretenimento.

— A gente é bom? A gente vai ganhar?, a Eloísa perguntou, num tom meio infantil que me pareceu forçado.

— Mais ou menos. Temos sentimentos muito diversos em relação a essa seleção aqui mesmo dentro dessa sala.

— A seleção do Dunga destrói. Destrói todo mundo.

— Você tá defecando pela boca.

— A seleção do Dunga vai destruir todo mundo. Vai ser um constrangimento. Só o Felipe Melo vai fazer uns doze gols de canela.

— Felipe Melo é um cretino.

— Mas pra qual que a gente vai torcer se o Brasil perder?

— Nem se fala uma coisa dessas.

— Eu tou quase te expulsando dessa casa agora e a casa nem é minha.

— É como nascer um filho e mal ele nasce e você fala ‘nossa, ah, se esse morrer vamos ter outro?’

— Não pode ter energia negativa.

— A Espanha não é boa?

— A Espanha é um bando de Zinho. O Lúcio vai comer o fígado do Iniesta. Vão ter que chamar as Nações Unidas, vai ter mó treta.

— O rei da Espanha vai falar pro Lula pedir desculpa, o Lula vai dar dedo pra ele.

— Eu adoro os africanos eles dançam quando fazem gol.

— Todo mundo dança quando faz gol.

— Não, os americanos não dançam. Eles não conseguem.

Etc..

Eu nunca vi graça em futebol, mas gostava das pessoas reunidas em torno de alguma coisa que conseguia ressoar pra todo mundo, nem que fosse

de maneira esvaziada e irônica, pra alguns (pra mim, inclusive). Quem mais parecia levar aquilo a sério, curiosamente, era o Fernando, que ficava mais calado, mexendo nas unhas, grave, resmungando pra si mesmo algumas horas e, nos lances mais agudos, gritando interjeições incompreensíveis com os olhos esbugalhados, incrédulo, parecendo ligeiramente envergonhado da própria seriedade. A Juliana era a única que fazia questão de não assistir os jogos, de sempre zoar a seriedade com que os homens levavam a coisa.

Nesse dia cheguei na casa da Bia e do Adriano quase na metade do primeiro tempo, saindo de casa bem tarde pra poder pegar as ruas desertas, a cidade como que desativada, a estranha sensação de poder andar por extensões tão compridas de prédios e saber com certeza que praticamente todas as pessoas guardadas ali estavam processando o mesmo evento, ainda que de maneira bem diferentes, todos estavam seguindo os mesmos movimentos de atletas profissionais milionários a milhares de quilômetros dali correndo num campo marcado e seguindo regras de um jogo que nem é tão antigo assim, que facilmente poderia não existir ou funcionar de maneira diferente.

Você quase consegue acompanhar de fato o jogo pelas imagens que você vai pegando sem querer de relance nos bares, nas janelas das casas de primeiro andar com televisões gigantescas, fragmentos entrecortados de uma sincronia afetiva que talvez só aconteça aqui de forma tão generalizada nesse evento. Era disso que eu gostava, só.

O jogo terminado, todos ficamos em volta ali da televisão ainda digerindo alguns de seus detalhes, alguns discutindo alguma distinção pequeníssima e de pouquíssimo sentido (se algum lance específico havia sido *violento* ou *muito violento*, se tal volante inexpressivo de nome tipo Kleber ou Kleberon era ligeiramente melhor que outro volante inexpressivo).

O dia aos poucos vai retornando ao normal. Pessoas lembrando que é quinta-feira, que vão trabalhar amanhã, algumas delas ainda hoje, no final da tarde. Todo mundo foi embora e ficamos só eu, Bia, Adriano, Paulinho e um amigo do Adriano, que estava bem bêbado, e continuou a falar sozinho sobre futebol, uma latinha já vazia apoiada no peito. Eu não queria ir embora, na época minha perspectiva imediata ao chegar em casa era trancar a porta e provavelmente passar umas cinco horas vendo besteiras na internet e fuxicando a vida dos outros, alguma apostila de concurso do meu lado com o mesmo parágrafo lido umas dez vezes, dez janelas abertas com coisas alheias.

Comecei a ficar com vergonha de continuar lá enquanto a noite corria lá fora e a Bia e o Adriano pareciam querer ficar sozinhos, o Adriano sendo gentil ainda e sorrindo, mas a Bia de tempos em tempos sumindo em algum quarto e reaparecendo com uma expressão muito mal dissimulada de ‘ah, vocês ainda estão aqui, que surpresa’. O que havia de comida na mesa era de tempos em tempos pilhado de maneira desinteressada, um salgadinho frio que se mastigava sem gosto, no automático.

Fechei os olhos uma hora e comecei a fingir que estava dormindo, uma solução tola pra vergonha arrastada de continuar ali olhando sem assunto pros três e a vontade de ficar ali ainda mais um pouquinho. Depois de um tempo notei que o amigo do Adriano estava dormindo de verdade, do meu lado, sobrando então no sofá paralelo ao nosso só o Adriano e o Paulinho acordados, conversando meio baixo. Uma hora eu ouvi distintamente os dois ali comentando o fato de que nós dois estávamos dormindo, como isso era engraçado, será que ficaríamos dormindo ali por horas, acordaríamos só de manhã cedo, etc.. Estava morrendo de vergonha e me achando bastante idiota, mas em parte já começava a gostar da possibilidade de ouvir alguém falando sobre mim, a ideia de me poder estar ausente e ainda assim observar sempre me pareceu um estado quase ideal de relação com o mundo.

Devo ter ficado quarenta minutos assim, chegando a pescar um pouco por alguns segundos, mas nunca dormindo direito, tendo uns sonhos apressados e esquisitos onde eu estava ali na sala mesmo, mas alguma coisa se via distorcida. Eu abria meus olhos e estavam ali as quatro pessoas olhando pra mim e sorrindo, planejando alguma coisa, ou a televisão passava exatamente a nossa imagem na sala, como se estivessemos sendo filmados, a cena toda duplicada, um mapa de si mesmo. Escutava pedaços do que falavam sem entender, minha consciência oscilando, até que uma única frase chegou em mim inteira, recortada, ainda que compreendida com nitidez só um pouco depois de ser recebida.

A frase dizia que alguém teria encontrado na internet um vídeo de conhecidos nossos trepando. Não tenho certeza de como foi formulada, mas era basicamente isso que dizia.

Lembro do meu interesse ter se aguçado, mas alguns instantes depois já não tinha certeza absoluta de que eu estava consciente quando a escutei. A minha cabeça tava fraquejando tanto nas bordas ali da consciência desperta, naquela zona de penumbra, que era possível que eu tivesse sonhado. Pelo tom

meio secreto com que os dois estavam conversando, pelo conteúdo da frase, não parecia muito adequado abrir os olhos de repente e tentar confirmar se de fato aquilo era verdade.

Acordei de verdade quando a Bia ligou a luz da sala e conversou alto. Eu e o moleque amigo do Adriano acordamos ao mesmo tempo e nos levantamos com algum constrangimento, tentando nos recompor e reassumir uma figura aceitável pra sair e encarar o mundo lá fora.

No caminho pra casa a frase voltou pra minha cabeça, eu a segurava como um objeto com todos os meus disponíveis instrumentos de análise, verificando seu peso. Revirava por todos seus ângulos e tentava definir se de fato eu a havia escutado. Tentando apanhar a memória sem esfumaçá-la, como asa de mariposa. Alguém teria achado na internet um vídeo de pessoas conhecidas transando. Quem achou, quem estava no vídeo? Se de fato isso tinha acontecido, as chances de eu conhecer pelo menos uma das pessoas envolvida era enorme, considerando o que é a classe média e alta de Brasília, a sua densa interrelação.

Era bem possível que eu tivesse sonhado aquela frase, entre palavras desconexas e risadas fortes. Seria típico da minha imaginação completar uma frase banal *exatamente* assim, aliás. Mas o fato já se apresentava com toda convicção.

## 19.

Foi em julho de 2010, então, que eu comecei a achar que havia disponível em algum lugar da internet um vídeo de conhecidos meus transando. Mas acho que foi só em 2012, depois da coisa com Juliana e Fernando, que eu comecei a procurar mais a sério. E foi muito, muito tempo procurando. Não tinha ideia de como começar sem ter nenhuma informação real. Passei a ficar vendo páginas e páginas de vídeos amadores de sexo em português que apareciam nesses indexadores de *streaming* com muitas categorias.

De cara já encontrei muita merda, naturalmente. Mas eu já tinha sulcada essa disposição meio arquivista de procurar coisas de maneira obsessiva na internet. Não era tão diferente de desenrolar centenas de perfis que confirmaram presença num showzinho para ver se encontrava uma cara nova e interessante que tinha chamado a atenção na noite anterior. Ou, poucos anos antes, voltar páginas e páginas para trás nos recados de alguém para entender uma piada interna dita dias depois.

Mas no caso não tinha chance nenhuma, eu sabia. Eu só ia desenrolando aquelas listas intermináveis de gente anônima trepando e constatando como nosso pornô amador conseguia ser no geral ainda mais toseco do pouco que eu conhecia do amador gringo. Eu passava por quase tudo sem abrir, já dando pra ver de cara que a maioria dos vídeos não era o que eu tava caçando. Mas às vezes a curiosidade mórbida me ganhava.

Um vídeo em particular me incomodou demais. Era de um homem muito branco e um pouco gordo, alguns pelos do corpo já grisalhos, que aparecia da barriga pra baixo, pelado, com o pau torto e roxo, só meio duro, sendo gentilmente masturbado por ele mesmo. O vídeo chamava *empregada putinha me pega batendo uma bronha e adora*.

(Não me pergunte porque eu assisti um vídeo com esse título, eu me vejo direto clicando justamente nas coisas que mais me trazem repulsa, a doença é muita, a atenção voa bruxona & desimpedida).

O áudio no vídeo era péssimo, mas dava impressão de que ele chamava pelo nome de alguém e em seguida a porta do quarto abria. Uma senhora, que aparentava uns cinquenta anos, de óculos e uma camisa apertada multicolorida, entrava e parecia se assustar com o que via, dando um pulinho pra trás, falando algo inaudível. Em seguida voltava pro batente da porta e fazia



uma cara sem graça, com um sorriso doído de canto de boca, enquanto fechava a porta. O homem continuava se masturbando. Não assisti até o final.

Nunca tive tanto o hábito de ver pornografia, embora eu me masturbasse com frequência desde os quatorze. Vi um pouco na pré-adolescência, por curiosidade. Mas depois sempre achei meio ridículo quando tentei, embora em tese ache a ideia de filmar gente trepando muito natural e sensata e às vezes fique com tesão vendo cena de putaria em filme normal. Pornografia mesmo sempre me pareceu falso demais, sendo que falsidade jamais me incomodou em filmes, nem nos mais falsos do mundo (tipo musical ou comédia romântica, que na verdade acabam sendo meus preferidos).

Muitas vezes botava “DF” ou “Brasília” nas buscas e, fazendo isso, fui percebendo que os vídeos que faziam menção a uma localização específica costumavam também dizer o nome da mulher envolvida (nunca do homem). *Carolzinha corretora de imóveis de Samambaia, Juliane da Engenharia Civil*. Davam a entender que a ideia do vídeo não era só alimentar de mais corpos a máquina masturbatória masculina, não era só de exibir a proeza, a conquista do comedor, mas de humilhar publicamente, e delimitar essa humilhação no espaço. Pela qualidade da imagem, a maioria parecia ter sido filmada há uns bons anos, embora seja difícil de dizer.

Talvez justamente porque eu não tenho um interesse, digamos, tão instrumental em pornografia que a minha busca pelo vídeo foi virando algo formal, uma necessidade de provar pra mim mesmo que aquilo não estava disponível. Porque era possível que estivesse. Isso que deixava meus dedos coçando pra clicar na página seguinte de resultados. Refinar os termos de busca com as redundâncias que iam aparecendo. Meus olhos digerindo a sucessão de resultados e busca numa obsessão mecânica e resolvida, cada vez mais eficiente (como tantas vezes nas minhas buscas por sinais sutis de fofoca e treta em outras plataformas).

Sempre me incomodou, eu percebo agora, que tivessem coisas que as pessoas fizessem que eu não conhecia. De que rolariam jogos dos quais tão me excluindo, digamos. Era em parte o que eu sentia quando, adolescente, eu comecei a notar que tinham pessoas que assistiam filmes e ouviam músicas que quase ninguém mais conhecia. Sentia primeiro uma raivinha de não fazer parte e, depois, uma vontade violenta de participar, de pertencer àquela galerosidade possível. Digamos. Lembro que por muitos meses na adolescência eu gostava mais da minha camisa do *Sonic Youth* (com a capa do *Goo*) do

que propriamente de Sonic Youth. Comprei a camisa no Conic, no centro, na Kingdom Comics, embora tivesse ouvido falar da banda na semana anterior – no fotolog da Bia – e só tivesse baixado uma ou duas músicas (pelo Kaza) que nem me fizeram na hora uma impressão forte. Eu imaginava encontrá-los e perceber neles o reconhecimento quando vissem minha camisa.

Então tinha isso. Além de procurar na bacia do atacadão de putaria por um vídeo (de existência duvidosa) onde conhecidos meus transavam – como uma pessoa adoentada – eu estava na verdade fazendo algo quase acadêmico, empreendendo, do meu modo, a minha antropologia amadora. Então é assim que a gente da nossa terra e do nosso tempo se filma trepando. É assim que os moleques tão moldando a libido deles. Ok \*toma nota\*.

## 20.

Um pouco depois do post do Cabuloso, veio um novo do Mundo das Plantas (eu gostava de chamar assim):

### **PARTE 3 (de 3) – O VERDE NOS OUVE!**

“Depois de estabelecido seu vasto sistema de recepção e amplificação, o Verde-Preto de Amônia refina e refina sua escuta ao longo de dezenas de milhares de anos. A paciência de samambaias. Com essa nova ânsia pelo Fora, começam a brotar especulações sobre outras formas de vida em outros sistemas. Mas, assim como nós, eles não recebem nada além de estrelas, buracos-negros, pulsares e que tais. Nenhum sinal de vida.

Permaneceram assim, nessa quietude ruidosa, por um tempo enorme (mesmo para o Verde). Milhares e milhares de anos terrestres. Até que se desdobra no Verde-Preto de Amônia a fatia da atual era cósmica equivalente ao nosso novembro de 1916 (por mais que dizê-lo dessa forma seja pouco mais do que força de expressão). Nesse momento, começam a chegar, viajando na velocidade de Luz, as primeiras transmissões de rádio feitas na Terra. Fraquinhas, fraquinhas, fótons débeis decaídos à míngua, mas chegam. Causando muito alarde e total incompreensão. Mesmo sendo fraco, mesmo sendo incompreensível, é o primeiro sinal de algo vivo que vinha totalmente de Fora. Para a escala temporal das plantas, acostumadas a transformações graduais, o que se sucede então nos anos seguintes é uma verdadeira explosão, alucinante de tão ruidosa, com cada momento aumentando a massa de ruído que chega do esferoide. Além disso, logo irrompem transmissões ainda mais escandalosas, mais largas, em outras bandas do espectro. Ainda mal havia-se começado a tentar compreender o sentido daquelas transmissões iniciais quando esse novo tipo de ruído passa a ser berrado pelo esferoide apressado. Entende-se, depois de muita depuração, que essas novas transmissões guardam pontos de luz modulados. Depois de alguma especulação, brota a possibilidade de que estas sejam formas de vida que usavam a luz como comunicação de maneira espacial. Uma estratégia tão... rudimentar (ainda

que engenhosa, a seu modo).

Aquilo deixou o Verde-Preto de Amônia enternecido como nunca havia ficado antes. A luz! A mesma luz que para eles era pura energia e velocidade, que era o limite do limite, que se espalhava em todas as trajetórias possíveis computadas no seu emaranhado antes do caminho mais eficiente surgir. Essa mesma luz. Usada assim. Era como quando humanos veem um animal tentar realizar de maneira canhestra uma tarefa que consideramos humana. Usar a luz para se comunicar dessa forma seria o equivalente, para uma planta, a usar um galho de árvore ou um abacaxi para riscar orações complexas na terra. A luz naquele planeta nunca havia se desdobrado em campo de visão e agora se plantava pela primeira vez na história dessa galáxia a situação de plantas espertíssimas tentarem traduzir para os seus próprios termos a ideia de visualidade animal. As plantas nunca haviam desejado algo tanto quanto desejaram entender os pontos ordenados de luz que chegavam misturados em ondas velhas daquela esferoide. A inventividade resolutive da luz não se acabava de seus infinitos truques, de seus mistérios, pensaram alguns nódulos do Verde-Preto de Amônia. E quase todo ele concordou consigo, com uma parte substancial das suas raízes já se metendo a construir formas de transduzir aqueles pontos num campo de vibrações inteligíveis para o Verde. Mas apesar da excitação, do assombro que tudo isso causava, as plantas também se assustaram com a rapidez das transformações naquele esferoide. Há muito o Verde registrava a rapidez de reprodução variada de microorganismos, alguns chegavam a aventar a possibilidade de existir vida complexa com metabolismo bem mais acelerado do que o do Verde. Alguns protótipos nesse sentido foram logo abortados, assim que bem-sucedidos, e com horror, pelas raízes mais anciãs. Criar uma vida mais rápida do que eles próprios parecia uma armadilha pronta para se voltar contra eles.

E mesmo esses nódulos mais cautelosos do Verde não conseguiram antecipar essa aceleração tão vertiginosa, essa vida tão alucinada de tão rápida. Nas décadas em que começavam a compreender e traduzir muitas de nossas transmissões, o que logo se recuperava era uma destruição obscena e acelerada do Verde daquele planeta. Havia, afinal, vida análoga ao Verde ali. Gloriosa e vasta, recobria quase

toda a superfície daquele esferoide. Mas estava sendo rapidamente destroçada pela espécie dominante. Era isso que aquela forma de vida apressada trazia. Um império expansivo de Morte. Algo que trouxe ao Verde-Preto de Amônia uma visão material do inferno que aquele planeta – até então – jamais seria capaz de conceber. O pavor se instalou naquele esferoide como nunca antes havia se instalado, junto com o fervilhar de um sentimento inteiramente novo, e mesmo avesso à própria plácida textura emocional do Verde-Preto, até então.

Ódio. Alastrando-se como fogo num milharal seco.”

Eu fazia questão de tentar entender aquela barafunda. Mas cada vez mais parecia que não havia conexão entre as duas histórias. Ainda não tinha nem certeza se era o Fernando mesmo quem escrevia as duas.

## 21.

Em 2012, depois da morte da menina do avião, com os blogs já rolando, eu fui numa quinta-feira ver um show da banda nova do Alexandre no Balaio.

Alexandre (também conhecido como ‘Xandão’ e ‘Furaco’) era um homem enorme, pra cima e pros lados, com uns quarenta e poucos, um mesmo cava-nhaque preciso emoldurando sua boca desde que o mundo é mundo. O seu círculo de amigos e conhecidos não só era gigantesco como abarcava pelo menos três gerações distintas. Criado em Taguatinga, desde moleque tocava com várias bandas do DF todo, alternando e acumulando grupos, instigando várias pessoas a tocar. Antes da internet, ele descobria novos estilos alternativos por causa de fitas cassete que um primo seu que morava em Boston mandava pelo correio.

Montou bandas de metal e hardcore, de variações diversas de punk e pós-punk, derivativos cabeludos de grunge, duas bandas feministas históricas e agressivas nas quais ele era o único homem. Brevemente até tocou bateria numa banda de metal cristão (embora ele mesmo se dissesse ‘pagão panteísta’ pra qualquer rede social que perguntasse).

Só depois de passar num concurso do GDF e se acomodar nos arredores ali dos cento e vinte quilos é que ele começou confiar em si mesmo o bastante para cantar. As letras variavam entre indignações políticas vagas e angústias igualmente vagas misturadas num mesmo tom agressivo e sentido gritado num falseto que constrangia mais da metade das pessoas que ouviam.

Viveu uns bons dez anos assim, sendo perfeitamente ignorado com suas dezenas de bandas que tocavam em qualquer lugar na cidade que o aceitassem. Até que lá pra 2008 uns playboys indies que o viram tocando na praça de alimentação do shopping Pátio Brasil acharam ele o máximo e decidiram adotá-lo (ironicamente, a princípio, com um tipo singular de crueldade que só gente muito privilegiada é capaz de executar). Depois de um tempo, passou a ser incluído como mascote, promovendo seus shows ao redor daquele punhado de lugares e bandas no DF que compunham uma cena que se entendiam como alternativa a alguma coisa.

Havia um debate intermitente se a adoção das bandas do Alexandre era só irônica e/ou se o povo, a essa altura, realmente gostava dele e das músicas. Eu não sei dizer com certeza, as pessoas em geral nos shows pareciam ter cari-

nho por aquele cara tão honesto, querendo comunicar raiva e dor e comunicando apenas o espetáculo torto de si próprio. Mas ficava claro também que não era só carinho o que tava rolando.

Apesar de começar a frequentar um grupo extenso de meninos e meninas charmosos de vinte e poucos anos, com calças justas, óculos *vintage* e batons vermelhos vivos, ele era tratado como um velho inofensivo e café-com-leite pela maioria. Não era raro que ficassem rindo durante o show dele todo. Depois tiravam fotos abraçados e o mantinham por meia hora em suas mesas de bar. Mesmo os seus companheiros de banda evitavam se aproximar mais ou sequer escutá-lo por muito tempo.

A lenda rezava que quem o fizesse era sempre submetido a um mesmo monólogo interminável sobre diretores de cinema asiáticos. E se você fosse educado e demonstrasse interesse pelo monólogo, ele invariavelmente se animava e te convidava pra casa dele para assistir algum daqueles filmes na mesma hora. Ele fazia isso com qualquer pessoa, de qualquer idade e sexo. Não sei de ninguém que tenha ido.

O Balaio ficava no começo da Asa Norte e os shows aconteciam no subsolo, mas a maioria das pessoas ia mais pra se acumular em volta do bar, no térreo, perto da rua e da expansão desabitada de grama e barro que ficava atrás da comercial, alguns dos pouco espaços ainda não construídos do plano que ainda sobreviviam (e que nos anos seguintes seria preenchido por uma sede nova do Banco do Brasil).

Acontecia com frequência de não ter mais nada para se fazer na cidade, de juntar ali naquele espaço em volta do bar centenas de pessoas, chegando a parecer que toda a sua rede social estendida estava ali, incluindo pessoas que você só conhecia de vista e gente que nem de vista se conhecia, mas que sabia que devia estar no máximo a dois graus de separação de você, pelo estilo e ambiências.

Do lado de fora não tem música, mas a densidade de gente bebendo e conversando deixa com cara de festa. Ando por um tempo enorme sem me deter em nenhum grupo. Tento observar as interações entre as pessoas. Os caras bebendo pra criar coragem pra chegar em minas que eles estão rodeando há duas horas, algumas pessoas chegando já montadas, outras tantas saindo aos poucos de suas fantasias mais falsas do trabalho e vestindo suas fantasias mais autênticas de festa. Compro uma cerveja que eu bebo durante horas,

levo à boca de tempos em tempos sem dar gole nenhum, apenas para ter o que fazer com as mãos e para legitimar um pouco a minha presença tão dispersa e solitária.

Dois moleques com o mesmo capacete de cabelo cuidadosamente bagunçado discutem que Cavaleiros do Zodíaco eram, tipo, cara, campos discursivos se encontrando, mitologias antes numinosas transfiguradas ali na zoeira em bonecos articulados pra atenção infantil globalizada. Os dois estavam muito felizes com essa formulação e gostavam de repeti-la com variações.

Tinha um cara engraçadíssimo que pairava ali, infalível, toda semana e era basicamente uma batata com pelos, parrudinho e sem pescoço e com uma barba contínua correndo desde acima da bochecha, descendo pelo pescoço e omoplatas.

A sua parrudice e hirsutez extremas quase o faziam parecer de outra espécie (o que digo com simpatia, nenhum apego a esta), o que ele exagerava falando de uma maneira cartunesca e deixando sua massa suja de cabeloira metaleira chegar até a cintura. Chamava-se de Paruk, ou Parruque, ou Parhulk (havia variantes fonéticas).

Ele conversava com qualquer pessoa ali, não necessitando que ele a conhecesse e nem que estivesse inserida num contexto em comum, num círculo de pessoas menos ou mais estendido, como os que se formam em volta do pingue-pongue, da Kombi que vende cerveja ou, mais cedo, de uma galera que faz roda de capoeira ali perto. Parruque parecia considerar que estava numa mesma conversa contínua com todas as pessoas que existiam. Facilmente vivava e falava contigo de uma banda, de algum detalhe engraçado de novela ou seriado que ele lembrava, do nada, ou de alguém ali na festa que se parecia com alguma celebridade que as pessoas nem costumavam conhecer, gente obscura (como por exemplo: o pai do Alf), que o Parruque empregava com uma erudição admirável, ainda que nunca identificada por nome.

— Aquele moleque ali ó, aquele moleque, é igual ao playboyzinho babaca bonitão daquele filme onde o Curinga faz o cabeludo que os cara paga pra namorar com a menina loirinha feminista, tá ligado? E caralho, a menina com quem ele tá falando é muito obviamente aquela gordinha daquele outro filme lá do espaço que é remake dum seriado das antigas, sabe?

Tem uma menina chamada Paola que se veste como se vivesse na década de 20, costuma interagir intensamente todo final de semana com pelo menos



umas vinte pessoas e ainda assim não parece ter amigo nenhum. Ninguém gosta dela, ninguém conversa com ela por mais de cinco minutos sem começar a olhar pros lados com ansiedade crescente, mas ela ignora ou não percebe e fica perseguindo algumas pessoas a noite toda.

Não é tão claro se ela acha que tem um relacionamento saudável com todas essas pessoas ou se sabe que a ignoram e tentam evitá-la e insiste mesmo assim, por desespero, por não saber mais o que fazer. E quanto mais a ignoram mais ela bebe, quanto mais ela bebe mais ela se aproxima das pessoas e as segura pelo braço e começa a perguntar se ela está incomodando, tentando contar vantagem do carro que ela está prestes a comprar (forçada a trocar com frequência, movida por forças que mal entende), da promoção que ela recebeu no escritório de advocacia onde trabalha, umas exibidas descontextualizadas que parecem causar só constrangimento para todo mundo envolvido.

E o pior é que essa menina esquece, depois, que fez isso tudo, não tem nenhuma noção que ficou enchendo o saco das pessoas a noite inteira, acaba que nem entende nos dias seguintes como que pode ter essa vaga lembrança de ter conversado com várias pessoas e ainda assim ninguém ter uma proximidade maior com ela depois, ou mesmo mencionar o que fizeram.

Ela se vê em várias fotos e pensa que deve ter se divertido muito se foi fotografada sorrindo tantas vezes e não entende quando ninguém vai no aniversário dela, que ela faz numa creperia e só consegue atrair três pessoas, com mais umas quatro (eu entre elas) vendo ainda de dentro do carro, antes de estacionar, o tanto que a mesa está vazia e dando meia volta, indo comer em qualquer outro lugar.

Tento procurar gente mais próxima, mas não encontro ninguém. Talvez estejam todos eles em algum outro lugar, algum outro programa do qual eu não esteja sabendo. A Eloísa esteve mais cedo lá com umas amigas antigas dela, com quem ela parecia se comportar de maneira bem diferente, rindo muito e comentando de canto sobre todo mundo que passava pela frente. Nem me cumprimentou.

Na rua ficam alguns moradores de rua se propondo a guardar os carros de quem estacionava. Um deles fazia isso há horas, mas parece ter desistido, se concentrando agora a ficar meio esfregando as costas nas escadas dos blocos comerciais com lojas fechadas. Na diagonal que corria ao lado da escada

do bloco, ele se recosta, desce e sobe, dançando numa lentidão que tornaria o que ele está fazendo estranho, mesmo se ele estivesse num contexto onde dançar seria esperado. Algumas pessoas bebendo perto de seus carros se divertem em volta, tiram fotos e riem, ele percebe e parece indeciso entre tentar divertir o público por querer e se ofender por ser alvo de ridículo. Continua dançando com um rosto contrariado, como se quisesse manifestar as duas disposições contrárias ao mesmo tempo.

Passo horas analisando essas pessoas, conversando rapidinho com algumas e tentando captar pequena sutilezas na forma com que elas se comunicam entre si. Consigo fechar os olhos e traçar aquelas relações até que engrossem, imaginar aquilo tudo como uma trama conectada até o infinito, um enredo fofocado e comprido, ridículo de tão complexo e sem motor, sem direção, uma figura que ganha complexidade até perder qualquer proporção apreciável. Eu queria poder engolir os metadados de toda aquela gente de uma vez, de gute-gute. Conhecer-los melhor que eles mesmos. Sacar as conexões que só uma visão onisciente saca.

Penso no vídeo que talvez exista solto na internet, de amigos meus transando e no fato de que toda a putaria do meu círculo de amigos parecia sempre acontecer ao redor de mim. Não só sem me envolver, mas sem nem passar muito perto do meu corpo. Devia ter alguma coisa na minha pessoa, no meu jeito, no meu corpo, que desativava o tom erótico de qualquer ambiente. Era só eu sair que as surubas começavam, tenho certeza.

Quando estou saindo de lá encontro Juliana no cachorro quente do outro lado da rua, com duas amigas do trabalho que eu não conheço, mulheres um pouco mais velhas que parecem talvez estar achando aquele lugar meio esquisito. Eu tento puxar conversa, mas ela parece dispersa demais, indo cumprimentar pessoas em todo canto e eu prefiro vazar.

## 22.

Só depois de conhecer Fernando por anos é que fui descobrir essa coisa dele de criar vários perfis falsos na internet. Foi o Paulinho, se não me engano, já em 2012, que me linkou um perfil muito engraçado no Orkut de uma senhora chamada “VANJA CHRISTINE” (assim em caixa alta) que se dizia Mãe, Promotora Pública e Pastora e ficava postando teorias conspiratórias inteiramente ridículas nas caixas de recado de estranhos.

“E APENAS ASSIM COM FE E A COMPREENSAO CALCADA EM CRISTO (3C) É QUE PODEMOS ESCAPAR DAS PROGRAMACOES DO ALGORITMO DO CAPITAL”.

“TEMOS TODOS NOSSO PAPEL SINGUAR NAS CONTRUCOES DO IMAGINARIO O RAP O CORDEL AS ARTES POPULARES BRASILEIRAS JUNTAS”.

“SOMOS TODOS PARTE DO MESMO MEGAZORD O DEUS QUE COM SEU CORPO ESTENDIDO REALIZA OS TRABALHOS BENFAZEJOS DO ESPIRITO, RESFOLEGOS DO FOLE DIVINO”.

“AQUI EM ANEXO .PPT SOBRE AS CONSPIRAÇÕES AGREMIADAS PELOS AGREGADOS DE INTERESSE QUE EU ENDERECEI NA ÚLTIMA POSTAGEM (QUINTA-FEIRA)”.

“E INTEIRAMENTE CLARO O DOMINIO DE TODAS INSTANCIAS REPRESENTATIVAS POR PARTE DOS INTERESSES CONJUNTOS DA (1) SOJA (2) CARROS (3) TELEVISORES / TELECOMUNICACAO (SISTEMA FINANCEIRO)”.

Eu achava graça desse perfil por uns dois meses antes do Paulinho me contar que era o Fernando ali. Parece que ele fazia isso há anos. Criava gente de mentira, com contas em redes sociais, fotologs e blogs. Deixava comentários nos lugares mais nada a ver. Hoje se chamaria de ‘fake’, ele chamava de ‘bogus’. Vozes exageradas de tão ridículas que, ainda assim (pelo menos pros meus ouvidos) pareciam sempre possíveis, sempre plausíveis. Não conseguiam ser mais absurdas do que algumas que a realidade oferecia na cara-dura.

Eu não sabia qual era a intenção do Fernando ao inventar aquele povo todo. Se ele estava apenas tentando ser engraçado ou se efetivamente queria convencer os outros de que aquelas vozes eram de verdade, se estava tentan-

do provar algum ponto. Não parecia nada tão elaborado, pra falar a verdade, mas eu não via a coisa de cima.

Quase todos os perfis bogus do Fernando morriam depois de algumas semanas ou meses. O que durou mais tempo foi o Rinaldo Rotércio, um conservador caricato que não sei como começou a arrebanhar dezenas de leitores sérios e ser linkado em alguns blogues com nome em latim. Fernando o manteve por três anos. Vivia vociferando contra a ditadura gayzista e femi-nazi, contra o império bolivariano do Foro de São Paulo, elogiando a coragem patriótica e religiosa daqueles que ousavam resistir ao cerco totalitarista do politicamente correto. O problema era que o Fernando não gostava de ser óbvio demais, então a ironia acabava passando longe de ser percebida por gente mais sem noção. Não há nada como a vastidão da internet para destruir qualquer ironia pretensamente controlada. Eu não sabia se a ideia era só satirizar essas posturas ou se a graça era enganar alguém, mas chutaria a segunda coisa.

A maioria tinha lá suas poucas irrupções e logo morriam, se desmontavam, suas vozes se esvaziando, os poucos dados que remontavam sua existência perdurando indefinidamente. Que moravam em Osasco, em Vitória, no Recife, em Blumenau. Que torciam pro Vasco, que admiravam a memória de Getúlio Vargas. Que achavam a pena de morte o maior absurdo ou uma necessidade moral para qualquer país sério. Informações genéricas, mas ainda assim pontiagudas, que conseguiam parecer genuínas, pareciam reportar alguma realidade recuperável.

Comecei a coletar todas as vozes que sabia que eram dele, geralmente passados pela Juliana ou pelo Paulinho. E acabava que toda hora que eu encontrava algum comentário ou perfil improvável por aí uma parte de mim se perguntava se aquele talvez não seria o Fernando curtindo com a nossa cara.

Mesmo a suspeita sendo meio arbitrária, quase sempre, ela passou a se esgueirar. Vai que era? Ninguém quer nunca ser o trouxa.

## 23.

Depois de descobrir os inúmeros pseudônimos do Fernando, comecei a ler o CABULOSO com outros olhos, como se todo tipo de pista críptica pudessem aparecer ali. Não queria perder nada.

### **CABULOSO – PARTE 5**

“Era cada vez mais difícil extrair do jogo uma mensagem coerente, apesar dos esforços de jogadores e jornalistas nesse sentido. O substrato mais claro era de uma crítica ecológica aliada a uma vaga postura revolucionária, com o *ethos* hacker figurado em versão brasileira, romantizando a gambiarra como uma possibilidade heroica diante dos vastos e perversos sistemas técnicos de controle que se digladiavam no território antes conhecido como o Brasil (território que era, nas palavras de um professor da Unicamp de rabinho-de-cavalo que jogava como centauro de braços biônicos, “um microcosmo híbrido e pós-colonial da terra culturalmente devastada pelo neoliberalismo triunfante do capitalismo tardio”).

Os jogadores latino-americanos que escolhem a fase tutorial começam como um adolescente que manifesta desde cedo habilidades extraordinárias de hacker, em alguma cidade pequena e derruída em Mato Grosso, no Pará ou no Goiás. Conseguindo acessar redes clandestinas, tomar o controle de robôs-caminhões-pipa e entrar nos computadores da prefeitura de madrugada para redirecionar verbas públicas desviadas para a construção de estradas e escolas.

Depois de dois ataques de DOS (ou negação de serviço) a sites estatais terem sido reivindicados usando imagens e termos retirados do jogo, a imprensa começou a noticiar esse aspecto do CABOL. Um deles, no site da polícia militar do Paraná, ostentando o símbolo da guilda dos ANARCOTRAFICO, cujos membros se utilizavam do imaginário gangsta do hip-hop americano e brasileiro somado de bandeiras vermelhas, citações eventuais do Che e slogans contra polícia militar. Os ataques foram inofensivos e não duraram muito, mas foram noticiados de maneira alarmista.

Pelo que Gustavinho conseguia notar, dentro da Synopticon havia

ambivalência a respeito desse tipo vandalismo hacker e da aparente identificação que eles tinham com o jogo. O Evandro sorria, dizia que apreciava a publicidade gratuita, mas Gustavinho já também o tinha visto falar, num dia em que estavam comemorando a marca de quinhentos mil usuários do jogo, que era muito fácil agradar esse povo, que eles tinham uma sensibilidade muito previsível.

— É só botar aquela máscara do V de Vingança e murmurar umas besteiras envolvendo abre aspas o sistema fecha aspas que os truta ficam tudo alvoroçado. É quase fácil demais.

Gustavinho ficou surpreso com o aparente cinismo. Na hora não disse nada. Evandro o encarou como esperasse por sua reação. Mas quando Gustavinho foi entrevistado por uma revista inglesa especializada em jogos *multiplayer* online e pediu que Evandro o ajudasse com as respostas, recebeu uma retórica diferente. Evandro escreveu que: “Aquela era a questão central do nosso tempo, que a informação quer ser livre. Qualquer estrutura que tente negar ou conter isso será desmontada em seu tempo, seja com ou sem o consentimento das estruturas usuais de poder.”

Gustavinho achou as respostas eloquentes, mas depois estranhou ver no site da revista aquelas palavras em negrito, em inglês, embaixo da sua foto, a gravidade que pareciam tomar. Ele não conseguia encontrar naquela frase nem a sua voz e nem a de Evandro. Parecia uma outra coisa qualquer falando ali.

E velhos caolhos assando antas mutantes em carcaças de caminhões te contavam à noite de lendas que não se sabia se vinham dos programadores e roteiristas, ou se haviam brotado de dentro do jogo criadas pela imaginação fértil de jogadores borbulhando depois de virar três, quatro noites jogando. De que haveria entre as centenas de milhares de jogadores um único avatar que seria o escolhido, um profeta, um Romário da vida, um salvador-da-terra com poderes especiais. Ou salvadora (começaram a emendar, claro).

Gustavinho ouviu essa lenda duas vezes em conversas alheias, e nas duas notou o ânimo extraordinário com que isso era contado, como se antessem de fato ali a manifestação de uma força sobreterrena. “Falam que esse herói aí pode se manifestar a qualquer momento e pode

ser qualquer jogador, qualquer um.”

A versão mais precisa da lenda, Gustavinho ouviu de um cara que jogava como um homem-lagarto bombado com uma barbatana que parecia um moicano. Nela constava que eles haviam programado o jogo de forma que um jogador aleatório (dentro o primeiro meio milhão de jogadores iniciais) manifestaria essa qualidade *quando chegasse a hora*.

Esse jogador (ou jogadora) viraria um semideus dentro do servidor principal, passando por toda uma narrativa mítica meio clichê acompanhada por milhares de pessoas. E tudo isso culminaria em algum momento com a aparição de algum monstro dentro do servidor, uma ameaça sinistra que precisaria do esforço conjunto das várias comunidades distintas dentro do jogo para ser derrotada.

Um ninja piauiense, com quem Gustavinho matou diversos drones sentinelas de uma subsidiária chinesa de mineração, disse-lhe com frieza que tinha como certa a vinda de uma criatura dessas. Conseguia notar no ritmo dos movimentos do jogo a anunciação desse troço. O avatar do piauiense erguia sua katana como um fanático e dizia já vislumbrar em breve com certeza o aparecimento no servidor principal de um Mal ao mesmo tempo primevo e novo, onisciente e toco, simplório e sinistro, “um Google da vida, um facebook, mas pior”, uma nuvem-máquina que tomasse o lugar, agregando tudo dentro de uma metaconsciência perversa. Mas, ao contrário do caso dessas empresas, não seria algo produzido por gente.

Essa nuvem-máquina se aproxima aos poucos, ele diz. Vem de longe, ominosa e avassaladora, como um cogumelo atômico congelado no horizonte. Move-se pelos gerais e surge no meio das cidades, devorando-as por dentro. Cresce de tamanho a partir do centro num redemunho de aparatos técnicos associados em formações súbitas como cardumes ou revoadas de pássaros. Celulares, notebooks, e-cigarros, torradeiras, tablets, cabos e teclados, motos, placas soltas. Na mesma sincronia fina e na mesma falta de qualquer coisa parecida com volição. Tudo que é da mão do homem conjurado na mesma conspiração.

Um mal desse tipo, quando aparece (o ninja insistia) cria uma comunidade nova. A comunidade que precisa nascer para destruí-lo. Gus-

tavinho já queria cortar a conversa, mas não sabia como. O cara não parecia estar bem da cabeça.”

Não me escapava a graça de que o protagonista do Fernando estava fundo numa paranoia tão infecunda quanto a minha.



## 24.

Tentando reconstruir a história da forma mais linear possível, achei aqui um chat com a Juliana logo depois de encontrá-la no showzinho:

J: — Vêi, não tá fácil pra ninguém. Você não viu o cara com quem dizem que eu fiquei aquele dia no Balaio.

E: — Que cara?

J: — Porra tão falando que eu fiquei com aquele gordo que vende cerveja atrás do balaio na Kombi dele.

E: — Haha.

J: — E nem é aquele simpático, não. Foi aquele que é todo tatuado, com bafo, horroroso, chato pra caralho. Sabe?

E: — HAHahaha Desculpa, mas se for quem eu tou pensando é um cara muito zoadado.

J: — Pode rir, eu sei. Tão especulando que eu teria feito como parte de uma aposta, o que puta que pariu, né, se for verdade tou atingindo profundidades nunca dantes navegadas de merda, cheguei no pré-sal aqui da merda.

E: — Quando eu vazei você não tava tao bêbada.

J: — Quando eu vazei de mim mesma também acho que não estava não. Lembro de tirar várias, várias fotos com aqueles dois caras que tavam vestidos de vampiros, e só. E isso quando já tavam fechando. Daí contam que ainda fiquei mais umas duas horas e fiz toda sorte de absurdos.

E: — Hahaha

J: — toda sorte.

E: — Puts, você também tem isso de esquecer quando bebe, né. Eu sou especialista nisso.

J: — Sinistro. Mas eu só esqueço quando bebo cachaça. Outras coisas não fazem isso comigo não. cachaça é que destrói qlqr prudência ou juízo

E: — Pois é. Eu não lembro nada que rolou aquele dia na tua casa, lembra? Que tava só eu, tu e o Fernando.

J: — Quando isso?

E: — Não lembra? Uns meses atrás.

Ela não respondeu, simplesmente. Ficou calada por pouquinho tempo e de repente engatou uma outra história.

J: — Eu infelizmente gosto de homem, mas cacete como eles são imbecis. Sério.

E: — O que houve?

J: — O cara que eu tou pegando usa guardanapo do Vasco em casa. Tipo eu lá tentando levar o cara a sério e ele com os guardanapos do Vasco. Dormi lá e de manhã a gente foi comer umas bisnaguinhas com requeijão e café, sei lá, e o os guardanapos da casa dele tem o emblema, o logo lá, sei lá como chama do Vasco. E eu porra? Como que eu vou lidar com essa pessoa? E ele percebe que eu tou olhando pro guardanapo do Vasco há tipo meia hora, fala que ele compra esses aí porque eles são mais baratos. São a marca mais barata do Supermercado onde ele compra. Assim, ele é vascaíno sim, tal, mas ele compra por ser mais barato. Perguntei se ele compraria do mesmo jeito se só tivesse do Flamengo. Ele ficou ofendido, eu não entendi se porque a resposta era sim ou porque era não.

Eu ri e continuamos conversando, mas eu entendi toda aquela verborragia derramada e súbita (que a Juliana ligava como quem aperta um botão, mas quase nunca comigo em chat) como uma forma de desconversar do que eu tinha perguntando.

Foi logo depois da gente ter essa conversa que eu descobri que ela tava grávida. Tinha ganho uma barriguinha pronunciada nas últimas semanas, mas era dessas pessoas cujo peso nunca para quieto, está sempre oscilando, então ninguém nem comentava.

Eu estava na fila para comprar um cerveja no Balaio quando ouvi alguém comentar num tom maldoso que teria encontrado a mãe da Juliana e que ela estaria baqueada, quase instável, pelo fato da filha estar grávida e não contar quem era o pai.

Só fui acreditar quando a Juliana começou a postar quase todo dia alguma coisa pelo menos tangencialmente ligada à gravidez e à maternidade. Algum texto feminista falando sobre instinto, cultura e papéis de gênero, alguma música cuja letra, se você prestasse bem atenção, pareciam ser sobre o amor de uma mãe pela filha. Um ensaio fotográfico com minas alternativas francesas grávidas e peladas sem maquiagem. Esse tipo de coisa.

Queria saber se era verdade, mas jamais teria coragem de confrontá-la diretamente sem uma desculpa melhorzinha pras minhas suspeitas. Nossa intimidade não era tanta.

Com isso na cabeça, acabei fazendo uma conexão. De todos os padrões possíveis que se apresentavam, este se levantou, como naqueles desenhos que podem ser vistos de mais de uma maneira e que de repente se afirmam numa interpretação só, a única configuração que subitamente parece inequívoca e derradeira (não dando mais para enxergar as outras nem tentando). Que o vídeo do qual eu tinha ouvido falar mostrava o Fernando e a Juliana transando e que ele seria, portanto, o pai do filho dela.

## 25.

Comecei a projetar no conto do Fernando o espectro de uma paternidade ansiosa. Mas não parecia vingar muito.

### **CABULOSO – Parte 6**

“Gustavinho conversava muito dentro do jogo, mas gostava mesmo era de pegar pedaços da conversa de estranhos. Os papos faziam referência a tantos eventos, tantas tretas dentro de tretas, que ele muitas vezes não conseguia ter certeza se estavam falando de algo do universo do CABOL ou do mundo dito de verdade.

Gustavinho hoje está na 25 de março virtual, hordas de avatares vendendo armas, adereços, bots, scripts. Avatares chamativos e cheios de membros adicionais fazem propaganda de clínicas clandestinas de transplantes e implantes orgânicos e biônicos, edição e suplementação genética. Quinhentos avatares numa mesma rua e o tráfego se dá sem problema. Os avatares se acumulam num mesmo ponto do espaço, impossivelmente denso.

As caixas de texto também se acumulam rapidamente, sobrepostas numa sucessão difícil de ler, um palimpsesto acelerado.

Demorou para entender que um assassinato brutal discutido pelos jogadores se tratava de um evento de carne e osso. Dois dias antes haviam matado uma ativista trans que tinha ficado famosa recentemente, Samara Reyes. Tinha viralizado um vídeo no Carnaval onde ela discutia com um coxinha de camisa pólo que dizia que ela não era mulher porra nenhuma, era uma aberração. Ela dava um banho de argumentação no coxinha, cujo sotaque paulistano parecia forçado de tão caricato, e pontuava suas frases chacoalhando um leque e, numa ocasião, rodopiando com o seu vestido azul brilhoso. Vinha de Alagoas e estudava gênero na Antropologia da UNIFESP, dizia a sério em alguns vídeos que considerava entrar para a política daqui a uns anos, que antes ia dar muita aula em escola e na rua “pra ir ensinando esses marmanjos mimado e malcriado duma figueira pôdi como que se respeita uma mulher”.

Foi degolada na rua, encontrada de manhã cedo por dois garis junto duma caçamba em Diadema. Na internet falavam de crime de ódio, de novo, e a polícia descartava, falava que havia sido uma briga relacionada ao tráfico de drogas (isso por terem encontrado quase nada de pó na sua bolsa).

A conversa na hora era que ela jogava CABOL (como SAMARA SILMARÍLIA) e tinha seus fãs ali dentro. Apresentava-se com um programinha didático-humorístico tido por brilhante numa casa burlesca na São Paulo do jogo, já tinha aparecido junto com o DIVINO COMÉDIA em duas cenas dele, meses atrás. Por isso sua morte reverberava bastante agora, mesmo com a maior parte do CABOL não sendo, naquela época, tão receptiva com ativismo LGBT. E se tinha muita gente respeitando e fazendo luto por ela, também tinha adolescentes fazendo piada, misturando aquela brutalidade concreta com a brutalidade cartunesca do jogo. Gustavinho sentiu o estômago embrulhar.

Desde o início de junho ele sentia que alguma coisa tava prestes a acontecer, mas não sabia o quê. A sensação era de que os cabos da realidade e os da internet estavam se engalfinhando. Sempre se envergonhou de não ser mais interessado em política, mas passou a sentir isso de maneira mais aguda depois dos protestos. Foi pra rua em dois dos dias mais movimentados, pra Paulista, naqueles em que milhões de pessoas também foram, no país inteiro. Correu de bomba de gás, abrigou-se num mercado. Sentiu-se parte de uma coisa maior. Mas viu também uns carecas gritando contra nordestino, uns senhores meio tantan da cabeça envoltos em bandeira e pedindo volta da monarquia. Percebeu que aquela vaguidão tumultuada anunciava alguma coisa, só não sabia ainda o quê.

Era como se o registro atual de realidade do país e do mundo estivesse prestes a romper, como se todo mundo estivesse diante de um ponto de ruptura ou mudança de fase. Mas devia ser só paranoia sua. O Brasil sempre foi violento, afinal, o real sempre esteve saturado e rompido. Ele só devia sentir isso tudo de um jeito tão dramático assim porque sua vida tinha mudado de forma radical e rápida, ainda difícil de entender. Alguns jogadores falavam da morte de Samara como se tivesse acontecido ali dentro. Falavam de como fariam um enterro digno pra ela, igual ao que os gringos fizeram praquela jogadora de WOW

que morreu maratonando das antiga. Era como se não mais diferenciassem o dentro e o fora do jogo.

Gustavinho demorou um pouco para separar os fios e entender o que tinha acontecido. Assim como demorou pra entender que o tal de Jader que todo mundo começou a mencionar era um jogador de futebol no assim-chamado mundo real. Aquele que se dava ao vivo e a cores (a expressão já soava tão velha). Depois de ouvir o nome várias vezes nas últimas semanas, decidiu descobrir qual era a onda.

Jader surgiu nas categorias de base do Vasco em 2008. Nasceu no interior da Paraíba e foi pro Rio bem novo. Era tido como craque desde os treze, mas estreou no time principal com dezessete, no carioca. Habilidade pra caramba, tinha desenvolvido uma versão particular e mais eficiente do elástico do Rivelino e mandava uns cruzamentos compridos, ridículos de tão precisos. Mas era ainda franzino demais, qualquer trombada derrubava. No começo jogava sempre só cinco minutos quando uma partida já tava ganha ou perdida, tentava umas firulas e quase nada dava certo. Pouco tempo depois um vídeo seu dançando no vestiário viralizou. Imitava um funk da época fazendo com as mãos como se dirigisse uma moto e de repente metendo um tranco muito rápido com a bunda e a virilha pra trás e pra frente, emitindo um barulho ruidoso, babado e destrambelhado de moto em seguida, os companheiros estourando de gargalhar em torno.

Logo depois do vídeo ficar famosinho, Jader destruiu sozinho um jogo contra o Fluminense, quartas de final da Copa do Brasil. Entrou no segundo tempo, criou a jogada do primeiro gol e fez o segundo dando um balãozinho no goleiro. Na comemoração, fez o começo da dança da moto, sem ir até o fim, o que rendeu comentário em tudo que é programa esportivo. Todos elogiaram seu talento e simpatia e concordaram que ele ainda tinha muito pra mostrar.

A torcida do Fluminense começou a vociferar na internet que Jader era viado, que só o arrombado do Vasco pra ter uma bicha daquelas no time. Se esse xingamento pode ser invocado a troco de nada, ainda mais nesse contexto, no caso os comentários quase sempre se centravam na voz e na maneira de Jader se mexer em geral. A voz era feminina e cantada, mas também, em momentos, agressiva. Mesmo driblando, alguns notavam, o quadril dele tinha umas quebradas muito

derramadas e líquidas. No começo ele não falava do assunto quando perguntado em entrevistas, só ficava tímido e falava algo próximo de “que isso, tá doido. sou normal, ô.” Mas alguns colegas começaram a contar coisas diferentes, ainda que isso só saísse em blogs e perfis menos respeitáveis. Muitos torcedores do Vasco começaram a expressar seu desconforto com a situação, tanto em comentários na internet quanto em faixas e gritos da torcida. Alguns chegavam a sopesar que o negócio não era a vida pessoa dele, isso aí é de cada um com si próprio, o negócio era ele se mexer daquele jeito usando a camisa do Vasco. Aí é que tava o problema. Mas fora isso o menino era bom, não dava pra negar. Firulento, mas talentoso. Essa tensão foi escalando em fogo baixo durante o primeiro ano do Jader. Mas se o Vasco não foi rebaixado em 2012, foi por causa dele. Baixou uma coisa no menino lá pro meio do brasileiro e ele passou a se especializar em feitos inacreditáveis. Salvar de uma derrota com o Atlético Paranaense na Arena da Baixada, numa chuva horrível, sofrendo e revertendo um pênalti pra empatar e depois virando num contra-ataque em que passava por quatro jogadores exaustos e putos do Atlético, rindo como um diabo, o campo pesado d’água e ele boiando leve por cima, a bola colada no pé. Depois, num jogo duríssimo com o Flamengo empatado até o finalzinho do segundo tempo, ele enfia uma bola por falta fazendo a curva mais estranha e arrependida que já se viu desde aquela aberração do Roberto Carlos contra a França. Só esses dois jogos seriam o bastante pra cimentar o moleque na consciência coletiva vascaína por um bom tempo.

E foi em 2013, também, talvez por causa da onda de protestos toda, talvez pela autoconfiança que Jader foi ganhando, que ele passou a se posicionar publicamente a respeito de tudo que achava. A coisa começou com ele fazendo uma conta de Instagram e querendo compartilhar tudo que ele refletia sobre o mundo. No início era mais sobre as séries de abdominais que ele fazia, Harry Potter e Senhor dos Anéis, os seus cantores preferidos de sertanejo e os salmos que ele tinha aprendido com a família. Mas depois de uns meses, alimentado pelo que ele ia descobrindo com pessoas que ele conhecia em eventos e pela internet, terminou por absorver todo um vocabulário de coisa de política pro qual nunca tinha prestado muita atenção. E engatou a falar dessas coi-

sas em vídeos do Youtube, as pessoas achavam graça, linkavam pra ele mais vídeos sobre política, falavam que ele era fofo e que era imbecil.

Em poucos meses ele passou a fazer vídeos sobre a escravidão nas Américas, sobre a invasão europeia e o Imperialismo europeu e norte-americano. E foi num programa da Globo com uma apresentadora loira que ele decidiu, um dia, de improviso, assumir que ele até gostava de mulher, mas gostava mesmo era de homem. O mundo caiu, naturalmente. Nunca havia acontecido de um jogador estabelecido sair do armário. Por alguns dias só se falava nele em todo canto, desde gente ativista e artista até basicamente às rodas todas de homens bebendo Brasil afora. Gente de ativismo LGBT elogiando a sua coragem e fãs de futebol revoltados destilando sua homofobia (e os ativistas LGBT que são também fãs de futebol, claro, amarradões na situação como ninguém mais). Alguns vascaínos que afirmavam não ter nada contra gay diziam que não queriam o moleque no time, outros pareciam tão embebidos do jeito do moleque jogar que falavam que ele podia dar o cu dele o quanto quisesse, contanto que continuasse a jogar assim.

A melhor coisa que Gustavinho ouviu dizer sobre o assunto foi de um senhor que tava no caixa de uma padaria onde ele tava tomando café da manhã ao meio-dia. Diante de uma reportagem sobre Jader, ele fez uma cara muito séria, nem animada nem preocupada, mas séria, e falou:

— Esse moleque vai mudar o país. Anota aí.

Gustavinho assentiu com a cabeça. Não falou nada. Algo de bom tinha que surgir no meio de tanta coisa ambígua e sinistra.

Naquela noite, depois de parar de jogar, os olhos ainda carimbavam aquelas formas no mundo, sua imaginação amputada daquela interface, mas incapaz de aceitar aquele quarto sem móveis, escuro, como aquilo que era o caso. Espectros de avatares escandalosos e caixas de texto fantasmáticas piscam sobre o escuro. Uma camada fraca de tumulto de carros e motos vêm de fora, lá da Paulista. O sono vem tenso, Gustavinho tem o primeiro de muitos pesadelos com a tal força sinistra proposta pelo ninja piauiense, que nas circunstâncias sonhadas se via misturada ao próprio jogo, como se o jogo fosse essa consciência que quer se replicar a todo custo, quer se estender até se tornar uma



reprodução 1:1 do mundo. Ou até pior, mais complexo, uma repetição mais ruidosa do que a coisa repetida, uma reprodução mais detalhada do que aquilo que tenta reproduzir, um mapa mais voraz que o território.”

## 26.

Sempre tive essa disposição paradoxal de ter todo o interesse do mundo em qualquer treta humana e, ao mesmo tempo, ter uma vergonha enorme de iniciar fofoca sobre a vida alheia. Fico sempre arrodando maneiras de obter informação, ao invés de chegar e perguntar pra alguém como uma pessoa digna.

Uma vez a Bia postou algo sobre o assunto que me marcou muito. Sem exagero, devo pensar nisso pelo menos uma vez por semana, desde então. Que a fofoca era antes de tudo um dispositivo de socialização. Você se aproximava de alguém ao botar uma informação pra circulação e em certo sentido se distanciava da pessoa sobre quem falava.

Nunca aprendi a fazer isso. A socializar com informação. A única coisa que me ensinaram foi discrição, e como variante do medo. Mas não sei o que minha personalidade teria sido se eu não tivesse já amadurecido num mundo de ICQ, fotolog e MSN, depois Orkut e Facebook, Instagram e Whatsapp, etc.. Acostumei desde cedo a ter trânsito mais fluido nesse duplo virtual do meu mundo do que nele próprio. O que vinha naquele canudo de realidade era limitado, mas bastava.

É muito fácil se acostumar com a versão comprimida do mundo que as plataformas te dão. A superfície complacente e responsiva, com interface viciante. O estranho pra mim é que agora estas plataformas durem. Acostumei a migrar de uma pra outra depois de uns anos, de repente estamos envelhecendo no Facebook e no Twitter. A internet foi ficando cada vez menos livre, cada vez mais parecida com um corredor ansioso de ensino médio (inclusive para os adultos).

Eu tentei sair algumas vezes. A ansiedade diminuía, mas o sentimento de que eu estava perdendo eventos e memes importantes logo se tornava insuportável. Aquelas eram as telas onde o mundo se dava agora. O que fica de fora não acontece de maneira verificável. Cada vez mais aqueles termos de interação e estilização começam a parecer naturais, inevitáveis como um repertório linguístico comum ou o espectro eletromagnético.

Uma impressão teimava em se apresentar pra mim todo dia quando deitava para dormir, sedutora e escrota. De que só de encarar aquelas redes sociais, esquadrihando com cuidado as relações possíveis, cruzando re-

ferências, você poderia chegar num quadro total da vida daquelas pessoas. Mesmo das mais discretas, sabendo como combinar as lacunas de um com as protuberâncias dos outros. E por mais que eu não achasse aquelas vidas tão interessantes assim, em sua maioria, algo naquela possibilidade material deixava a minha imaginação formigando, ávida, querendo dispor de todas as peças possíveis como um agente da NSA.

São quase dez anos, já, boa parte da minha vida desperta, vivendo sob esse regime. É difícil sequer lembrar que já houve outra internet, que dirá lembrar que já existiram e ainda existem no planeta outros modos de troca e de vida.

A Bia linka um texto gringo sobre a automação do mercado financeiro. A postagem raivosa dela diz que a falta de limites dos operadores do mercado já havia causado a crise de 2008 e agora, que tanta atividade estava na mão de algoritmos ultrarrápidos, a próxima crise tinha tudo pra ser ainda mais acelerada e destrutiva. Lembrei do Adriano na hora. Comentei com Paulinho, que contou que a Bia havia descoberto que o Adriano perdia adoidado no mercado há mais de um ano. Pegou dinheiro emprestado com o pai e voltou a trabalhar algumas horas por dia na concessionária da Honda do seu tio-avô. E ainda tinha mentido pra ela a respeito por um tempão, por orgulho. Os dois brigaram feio, de um jeito talvez irreversível.

É assim que eu reajo a um texto sobre o mercado financeiro, pensando no que significa para as novelas que eu faço da vida alheia. Todo o patrimônio cultural do mundo disponível, o melhor da ciência e da arte, ao alcance dos meus dedos e eu aqui consumindo no automático a primeira merda que as linhas do tempo produzem pro meu focinho. Comentários de alguém que eu conheci seis anos atrás na escola e de quem eu nunca gostei sobre os jogos olímpicos, sobre a Lava-jato, sobre um vídeo de uma mulher maltratando um cachorrinho. Como se toda essa autorreprodução incessante de uns mesmos filtros, mesmas poses, cumprisse alguma função além de gerar valor para californianos onipotentes e desejos de automutilação em adolescentes. Parafraseando o Fernando: não há nada mais real do que a relação, nada mais potente do que uma rede. E no entanto virou isso aí.

## 27.

O Fernando costumava ficar quieto no perfil que levava seu próprio nome. Mas isso mudou com força em junho de 2013, quando os protestos começaram a estourar em Brasília na Copa das Confederações (e em São Paulo por causa da passagem, depois no Brasil todo por causa da polícia, de tudo). Ele, que de maneira geral era irônico em relação a protesto, mesmo quando concordava com as causas, de repente estava postando várias vezes por dia em caixa alta, comemorando tudo que acontecia e xingando os opositores com virulência.

Eu também me emocionei com os protestos, como geral na época. Até então eu só tinha ido uma vez a um protesto pela legalização do aborto (anos antes, com a Juliana) e achado a coisa toda muito desajeitada, pra não dizer inútil. Mas fui pra esplanada naqueles dias mais cheios, meti as canelas no espelho d'água do Congresso e me senti parte de uma multidão de um jeito que nunca tinha acontecido antes. Cheguei sem mais ninguém e fui entrando na massa de gente, fugi rápido quando a polícia começou a jogar gás, antes de quebrarem os vidros do Itamaraty.

Admito até que uma hora que começaram a cantar o hino eu cantei junto uns dois ou três versos. Depois que todo mundo começou a descer lenha na coisa patriota e nas camisetas da seleção eu percebi que aquilo era tolo, mesmo, que estavam cutucando um gigante perigoso com vara curta. Mas ali na hora achei bonito, gostei de conseguir compartilhar algo com aquelas tiazinhas confusas com quem nunca compartilho nada.

Alguma coisa pareceu estalar na cabeça do Fernando nessa época. A princípio só vi pela internet, onde o tom dele mudou súbita e completamente, mas logo surgiram sinais fora dela também. Uma coisa que ele repetia várias vezes nesse período era que a internet “estava vazando pra rua” pela primeira vez. No Brasil, mas não só aqui, no Egito, na ocupação de Wall Street. Ele falava isso quase em transe. E eu continuava acompanhando todos aqueles fantasmas dele, checando pra ver se esse novo estado se manifestava em algum avatar antigo.

E o pior é que nessas andanças acabei achando uma atualização recente. Era no flogão da Susana Domingos, uma mina falastrona que vivia xingando todo mundo e falando mal de tudo que existia (mas particularmente do Luciano Huck e da Rede Globo). O site estava abandonado há mais de um ano e

do nada surgiu um post novo e sério dela, em junho daquele ano, numa voz sóbria que até então nunca tinha tido:

*“Saber que o seu amor por alguém é um engano total, um truque dos mais rasteiros, ilusão de ótica tacanha. Que o trem não tem substância alguma, sobrevive na sua cabeça com essa inércia por condicionamento bruto, desde Goethe até toda e qualquer música melosa, todo filme cretino, goela abaixo desde sempre. Sem que isso signifique nada exceto babaquice patriarcal europeia e hormônios.*

*Exceto que, ok, beleza, qualquer sentimento pode ser descrito como uma combinação de cultura e bioquímica, o sentimento mais forte do mundo pode ser destrinchado como a soma de suas partes, pode ser desmontado em seus puxões e alavancas, suas pecinhas de plástico. Isso não muda nada. Não tira o sentimento de onde ele tá, em suas quatro patas.*

*Como alguém que acreditasse ter experimentado uma revelação mística mesmo depois de lhe ser explicado os distúrbios cognitivos responsáveis pela visão que teve. Tudo que você encare como algo a ser desmontado pode ser desmontado, porque tudo que acontece se monta, tudo tem rastro. E daí? Não dá pra argumentar contra algo que funciona. O tesão continua do tamanho do cosmos, de uma melancia.”*

Eu não sabia como interpretar aquilo, o que fazer daquele fragmento tão solto, saído de uma voz já tão esvaziada.

Dois dias depois, o mesmo aconteceu com o Fernão Pachinko Pedrosa, um bogus do Fernando que se dizia antropólogo professor da UFF e mantinha um blog hilário de tão mal escrito, onde relacionava qualquer evento sociopolítico global com anedotas pessoais suas com a tribo (ao que eu saiba e o Google indicasse, inventada) com a qual ele teria morado por duas semanas vinte anos atrás.

O blog não tinha atualizações há dois anos e de repente do nada apareceu um post novo e bastante atípico:

*“Sempre que eu vou bolar um beque preciso botar a Flannery pra fora do quarto, senão ela acaba pulando em cima da mesinha e espalhando tudo (já aconteceu duas vezes e não acontecerá de novo).*

*É uma bosta isso, porque ela fica do lado de fora toda chorandinho e*

*unhando a porta e eu me sinto horrível, acabo ficando nervosa e bolando o beque mal, todo pastelão. E beques pastelões são um desrespeito enorme com toda as gentes que morreram para que meu tchose chegasse aqui.*

*E de desrespeitoso basta você, né?”*

Não dava pra entender porque o Fernando estaria postando aquelas coisas, quebrando a voz daqueles personagens. Especulei que as duas coisas deviam ter sido postadas por alguma outra pessoa.

Mas quem?

## 28.

Final de junho daquele ano, eu estava procurando onde estacionar no meio de muitos carros dispostos numa linha mal ajambrada em cima de barro e grama rala. Era uma festa meio qualquer coisa para a qual eu nem queria muito ir, no Setor de Clubes Sul, perto do lago Paranoá, mas que foi se colocando como única opção daquele sábado para não ficar em casa. Acontecia no clube de alguma categoria de servidores públicos, não lembro qual (auditores fiscais, servidores do Senado, que só alugavam o lugar para eventos, fosse de forró, de sertanejo universitário ou de hipsters).

Eu estava lá tinha cinco minutos, procurando vaga, mas na verdade tentando ainda determinar se reconhecia alguém ali na porta, se eu queria ficar ali ou não afinal. O carro da minha mãe dava ré no barro, tentando se meter num canto, quando ouvi um grito atrás de mim.

— Eta! Ó quem tá aquiiii.

Era a Juliana com uma lata de cerveja na mão e dois caras do lado. O sorriso infantil que ela só mostrava às vezes e que me trouxe inclusive uma leve lisonja besta. Os caras pareceram incomodados com a minha presença, mas a Juliana os desconsiderou de um jeito quase grosseiro, parecia querer falar comigo. Eu estacionei de qualquer jeito e fui encontrá-la com um sorriso enorme.

— Tudo bom, malemolência?

— Tudo bem, sim, querida.

Ela apresentou todo mundo a todo mundo, ficamos ali meio bobos, os caras teimando em não ser simpáticos, caras de enfado. Logo reconheceram um amigo ali perto e falaram que voltariam logo.

— Ê, roqueiragem, né? Porta de festa de cada dia. Não vai entrar não?

— Não sei. Vinte conto por festa com música ruim e uma galera meio assim. Tinha combinado com uma galera que deu pra trás.

Mentira.

— A galera aqui tá foda, mesmo. O Guigas até me ligou e perguntou qual o nível de receptividade da balada pra um Ford Ka cheio de bichas bêbadas que descobriram que o Galeria tava fechado hoje. Supondo boto fé que era a gale-

ra lá dele de cênicas que tava nesse Ford Ka, eu falei que a balada era bem de playboy heterão top e portanto teria um nível precário pra quase agressivo. O que tu acha? É tipo isso mesmo, não é?

— É, acho que sim. Não sei se agressivo, necessariamente, mas tem uns tipo aqui que ficariam bem confusos se chegasse aquela galera do Guilherme de repente.

— Rolaria um constrangimento.

— Rolaria um constrangimento.

A Juliana fez uma cara atenta pro que eu disse, mas não dava pra dizer se ela estava escutando ou não. Como se tivesse na verdade prestando atenção em alguma coisa acontecendo por detrás do que eu tava falando. Na minha expressão, no meu rosto.

— Sei. Tá querendo falar da barriga, não tá? Fala, ué. Todo mundo fica nessa viadagem. Só porque eu sou gorda o povo parece que fica com medo de perguntar. Eu sou gorda, mas também não tem Alien aqui, gente, olha essa porra desse, desse MONTÍCULO.

Eu ri muito, talvez demais. De fato quase todo mundo devia evitar a pergunta por aquele motivo.

— Eu sou gorda, mas também não apresento o Vídeo Show, né, vamo lá.

— Nada ver, ué. Galera só fica com vergonha normal. Ninguém gosta de perguntar se a pessoa tá grávida. É uma pergunta zoada de se fazer.

— Mas você já sabe, né?

— Já ouvi falar, mas não sabia se era verdade.

— É sinistramente verdade, porra. Cinco-meses-verdade, como assim, não sabia, criatura?

— Cabuloso. Mas você que não conta, ué, como que eu vou saber? Que doídura, hein?

— Pois é, a vida é muito life, sempre digo. Mas eu não tou contando assim esparrado mesmo não, porque sei lá, essa porra de internet, de gente falando merda, ficando de fofquinha escrota, a gente cansa, sabe?

— Claro. Não, na real eu entendo sim, é foda isso de ficar mostrando a vida pros outros toda hora.



— Essas paredes são fina quinem papel, porra. Já dizia os caras.

— E você tá achando ótimo?

— Pior que sim. Pior é que eu sempre quis ter filho, serião. As pessoas parecem que não acreditam nisso, sei lá, só porque eu sou toda desorganizada, bebo pra caralho e etc.. Como se, porra, por causa dessas merdas eu não pudesse ser uma boa mãe. Vai se foder.

Eu não disse nada, tentando só manter uma expressão atenta e preocupada e que a encorajasse a continuar falando, mas talvez meus olhos tenham rapidamente pulado pra latinha de cerveja que ela tava segurando.

— Isso aqui não é meu, porra, nem tou bebendo hoje. É do Ricardo que me deu pra ir mijar.

— Eu nem tinha notado.

— Vou ser uma mãe sinistra, esses bosta vão ver. Vou apavorar. Vou sair em capa de revistas Mamãe & Cia, vou ganhar prêmios. Não tou nem aí.

— Boto fé. Acho massa.

— E digo mais, vou parir mais umas cinco vezes e aposto que nenhum filho da puta vai aparecer pra cuidar. Não tou nem aí, vou virar uma gordona sinistra com seis filhos que ainda por cima ajuda a criar o filho dos outros. Tomar no cu. Nego vai ter medo de mim 'A-lá a gordona doida que tem altos filhos' e eu vou chegar lá e dar um tapa na cara do pai cujo filho tá jogando areia nas outras crianças e falar pra ele virar homem. Ou melhor, desvirar, no caso. Vou enfiar areia no cu dele, o filho dele lá chorando e os meus tudo rindo falando se fodeu, babaca.

Eu ri muito do que ela falou, mas tentei também não rir demais.

— Caralho, Juliana.

— Vou fazer exatamente isso. Cês vão ver.

Ficamos igualmente olhando pra um ponto indefinido vago perto ali do acúmulo de gente na entrada da festa, de onde saía um som com graves agressivos e, pra mim, pouco convidativos.

— Só tu, né? A discricção em pessoa.

— O quê?

— Você é a única pessoa que não me perguntou quem era o pai. Assim, de

gente mais próxima, tal.

— Ah, eu não sabia se você ia gostar, poxa. Sei lá.

— Ah, mas é de boa. Eu não me incomodo. E a merda é que isso ainda tá assim semi em aberto, ainda. Assim, tenho quase certeza quem é. Quase certeza. Mas na real, assim, real-mesmo, tem dois pretendentes. Por isso não tou falando ainda.

— Eu conheço?

Ela sorriu e olhou bem nos meus olhos, eu não entendi se querendo com aquilo dizer alguma coisa ou fazer um juízo a meu respeito antes de dizer o que ela queria dizer.

— Quê que você acha? Brasília, né, vei?

## 29.

Foi por aí, maio ou junho de 2013, que eu ganhei meu primeiro telefone desses mais posudos e cheio dos aplicativos, com 3G, repassado da minha mãe quando ela trocou por um mais novo. Não vou usar o termo abestado que se usa, mas vocês sabem. Até então eu tinha um aparelho desses bem básicos, tijolinho de plástico com teclado. Minha relação com internet se dava toda no computador de mesa de casa, que só era meu durante a madrugada. Por meses eu usei este novo celular só com WI-FI, antes de fazer um plano com internet, mas ainda assim já sentia o impacto que tinha aquele patamar novo de interação.

É muito danada essa coisa de carregar consigo por aí um dispositivo que é alimentado a todo momento da linha do tempo (como se diz) das redes sociais. A gente se acostumou rápido, mas isso é muito frito. Essa tela que se toca com os dedos e que é atravessada por todo mundo que você conhece, além de todos eventos mundiais computáveis. Isso muda tudo.

Antes eu lembro da ansiedade que dava pra chegar em casa e poder entrar na internet, naquela conectividade extensa e anônima na qual a gente se perdia. A sensação era de sair de onde eu estava (Cruzeiro – DF). Agora a gente nunca sai disso. A gente acorda e vai dormir dentro de uma banheira tépida e ansiosa.

Nessa época, o Instagram tava ficando enorme. Eu não tinha imagem pra postar, nunca que vou ficar tirando foto da minha cara, mas fiz uma conta semi anônima pra acompanhar a vida alheia. A Eloísa postando os adereços que fazia e os ensaios de moda que ela produzia, a Juliana postando a barriga dela cada vez maior, além de fotos mal tiradas de coisas aleatórias (a unha encravada do pé dela, um doritos no chão) que ela mandava de madrugada e que sempre me tocavam e me faziam rir.

Tinha saído um edital muito polpudo do TCU, então umas três, quatro vezes por semana eu saía de casa com apostilas de estudo impressas em papelaria de arquivos repassados por um amigo antigo que fiz num cursinho anos atrás, que tinha se tornado professor desse mesmo cursinho e tinha acesso a um banco de dados com apostilas de exercício atualizadas.

Eu não estudava de fato, não dá pra dizer que eu fazia isso. Sentava em alguma das bibliotecas pequenas setoriais do plano, da 312/313, ou da 108/308,

às vezes na da UnB, ou de alguma padaria, e ficava lá olhando pras páginas e pensando em quase qualquer outras coisas. Mexendo no celular, jogando por duas horas algum joguinho desses idiotas, de esquilo subindo árvore, duma fazenda que você tem que proteger de alienígenas que ficam caindo em cima dela, de um tamanduá que tem que construir um foguete pra chegar na lua. Jogava às vezes três horas um negócio bobo desses, sem me divertir, sem me depositar no que tava fazendo. Às vezes levava algum dos romances que tava lendo há um tempo enorme (pareciam anos, mas deviam ser meses). Henry James, quase que só. Vivia dormindo em cima das apostilas, o espiral de plástico se imprimindo nas minhas bochechas.

Tava nessas quando minha mãe ligou pedindo que eu comprasse salgadinhos. Eu vi que tinha uma confeitaria na rua onde eu tava, e quando estava ainda no balcão asseverando os preços e a de qualeira geral dos salgadinhos (frescos, satisfatórios), percebi de canto de olho a Juliana sair de um carro estacionado lá fora, com uma cara séria que eu não lembrava de jamais ter visto nela (e que percebo agora que devia ser apenas a sua expressão natural desativada, sem que ela estivesse falando com ninguém, sem nenhuma vaibe específica vestida, a cara que temos para nós mesmos dirigindo, lendo).

Comprei o que tinha que comprar, peguei o prato de papelão embrulhado com os salgadinhos e fui embora sem pensar, mas enquanto dava a volta num bloco para chegar no carro da minha mãe, percebi que tinha dado a volta por um caminho pouco prático, que me fazia passar por perto do final da comercial, onde estava lá, na mesa de um restaurante árabe que também funcionava de bar, a Juliana, com cara de enfado, mexendo no celular. E eu vi que tinha alguém chegando na mesa, de costas, que eu demorei mais do que deveria pra sacar que era a Bia.

As duas se cumprimentaram com uma cara séria, que eu estranhei, a Juliana erguendo as sobrancelhas e puxando ao mesmo tempo os dois cantos da boca. Era engraçado encontrá-las daquele jeito. Não conseguia lembrar da última vez que algo do tipo tinha acontecido. Você encontrava gentes em eventos à noite, showzinhos, essas coisas que todo mundo vai e todo mundo sabe que todo mundo vai. Eu nunca encontrava gente assim solta na cidade, Brasília com sua coisa modular não se prestava muito a esse tipo de acaso.

Eu tinha que levar os salgadinhos pro trabalho da minha mãe, no Ministério da Cidade (o aniversário de um chefe chato de que lembraram de última hora e iam comemorar de forma improvisada, fingindo que planejaram há

semanas). Eu já tinha sentido o meu celular vibrar no bolso e sabia que não podia enrolar mais tanto assim.

Então vi chegar uma outra menina, que deu uma volta e pareceu titubear um pouco antes de se decidir e chegar na mesa. Ela cumprimentou à Bia e Juliana de forma entredada, meio constringida. Gordinha, baixa, pouco arrumada, cabelo crespo rente à cabeça, num moletom grosso que devia estar insuportável de quente naquela hora do dia, o sol ainda se derramando sinistro em tudo.

Eu continuo andando em volta do bloco, agora do outro lado, olhando pra mesa delas de dez em dez segundos, mais ou menos. Eu tinha como que recortes rápidos e intercalados do que se passava.

Pela terceira vez sinto meu celular vibrando e percebo que é melhor atender logo.

— Calma que eu já tou indo, já tou indo.

— Não é pra isso, não. É que eu só te pedi empadinha de frango e coxinha, não foi?

— Foi.

— É pra comprar quibe, também.

— Ah, tá.

Sorri sem querer com essa determinação superior que me fizesse voltar para lá com uma desculpa. De volta na padaria, na fila, eu fiquei de costas só esperando que me reconhecessem, tentando manter minha cara virada pra frente e atentando pra minha visão periférica, ao mesmo tempo. Bem na hora passam na frente da padaria as duas, aparentemente saindo do restaurante árabe. A Juliana me vê e faz com a cabeça pra trás, surpresa.

— Opa, eu digo, num tom de quem tava fazendo algo errado.

— E aí, a gente nem tinha te visto aí.

Eu respondi da forma mais desajeitada e ridícula possível, uma expressão de espanto e reconhecimento que eu reproduzi sem nem pensar direito, como um puxão de músculos sequencial retirado de alguma gaveta. Deu pra perceber que a minha expressão foi troncha, porque as duas meninas fizeram uma cara de estranhamento, entortando bem levemente as cabeças pra lados opostos.

Cumprimentei as duas melhor, depois disso, com o prato de salgados na mão.

— Por que você tá falando com sotaque mineiro?

— Ah, eu tive em BH agora por uns dias, minha família é mineira, tal. E eu meio que pego o sotaque e demoro pra largar.

Isso não era verdade, eu não vou a BH desde a infância. Sei nem porque eu tinha (aparentemente) falado com sotaque mineiro sem notar e muito menos porque tinha mentido a respeito. Tudo saiu, só.

— Que engraçado.

— É sério. O bagulho entranha e eu fico falando assim sem nem notar.

— Boto fé. Sotaque mineirin é bom demais.

— Quem era aquela menina com quem vocês tavam?

— Ah.

As duas se entreolharam com uma expressão cúmplice e como que de preguiça desalentada diante da pergunta (que eu me ressentí delas não terem nem tentado mascarar um pouco).

— Ah, é uma menina aí, a Juliana finalmente disse, olhando pra baixo.

— Na real é que tão rolando uns dramas, e eu — melhor, a gente — tava servindo de mediadora, assim.

A Bia acabou falando, me olhando mais direto e parecendo querer julgar alguma coisa a partir da minha reação.

— Dramas? Como assim dramas? Eu falei sorrindo, tentando tornar a coisa toda engraçada, leve.

As duas fizeram uma expressão meio cansada, de novo, evitando olhar pra mim.

— Boto fé. Não devia ter perguntado, né, foi mal.

— Não, não, relaxa.

— De boa perguntar, claro. A Bia disse ainda olhando pra mim, mas agora com o olhar meio esvaziado, de boneca. Continuou olhando pro longe, como que buscando orientação na paisagem ou em algum membro escondido da produção.

— É só que é todo uma treta idiota, é difícil até de começar a explicar, sério. Nem vale a pena. Depois eu te conto, prometo, mas puta que pariu que agora a gente já tá até cansada aqui.

— Mas quem é aquela menina? Isso pelo menos dá pra dizer?, eu insisti. Eu nunca insisto.

— Tu nunca viu ela?, a Bia de novo perguntou com uma cara meio suspeita que eu não entendi de onde veio.

— Ah, até acho que talvez já tenha visto por aí, mas não sei quem é. Qual nome dela?

— Lu-ísa? a Bia disse, meio baixo, tentativamente, olhando pra Juliana, que respondeu com uma expressão de surpresa incongruente.

— Não é Luísa?, a Juliana.

— Não, ué, é Natasha. Não é?

— Natasha? Claro que não, “Natasha”, a mina é russa? Nada ver.

— Cê tá louca? Natasha é o nome mais comum do Brasil. É tipo Pedro. Toda sala que eu estudei tinha pelo menos doze Natasha.

— Vocês não sabem o nome dela? Vocês tavam agora com a menina na mesa, ué.

— Ah, bicho. Tu não sabe da missa uma porra. Essa mina aí é toda uma história. Toda uma novela mexicana.

— É.

— A mina é toda afetada, esquisita.

— Como assim?

— Pra começar ela tem umas noias de só usar pseudônimo na internet. De não usar o nome dela de verdade nunca. Ser toda misteriosinha do cacete.

Tipo o Fernando, eu pensei. Mas não falei nada.

— Ela fala de um jeito estranho, eu não consigo descrever. Como que tu descreveria, fia?, Juliana perguntou, levantando o queixo e olhando pra Bia.

— Não sei. Mas é estranho, mesmo. Um negócio meio robô assim.

— Nossa, isso, é exatamente isso. Ela é tipo robô desses bobos de ficção científica que fa-lam me-ca-ni-ca-men-te.

— Mas sem essa voz anasalada absurda que você fez agora.

— É, essa voz foi meio nada a ver. Mas no mais ela parece mesmo um robô.

— Mas vocês não sabem nada dela?

— Ela estudou no sigma, eu acho, por um tempo.

— Ela não é daqui de Brasília, por isso o sotaque dela.

— Não é não?

— Eu ouvi que ela fez o ensino médio em escola pública em algum lugar muito louco do interior. Brasil profundo. Por isso tem também essa coisa meio roceira, brutona.

— Então, sim e não. Parece que isso é coisa do pai dela. Mas foi pouco tempo. No mais morou em cidade grande normal.

— Esse que é o bagulho, o pai dela é um deputado aí, não tem isso? Um cara famoso.

— Eu ouvi isso também. Famoso-FAMOSO não. Mas meio importante aí em algum partido. PDT, talvez? Mas acho que não tem grana, não.

— Como que ela é tão misteriosa assim, meu deus? Nesses dias de tanta internet?

Falei desse jeito meio bobo imitando a Juliana, como piada. Ninguém riu.

— Enfim. Ela tava com umas tretas aí e eu tava mediando. Besteira. E pronto.

— Com o Fernando, né?

Eu não sei o quê que me deu pra fazer essa pergunta, assim, com tanta desfaçatez, mas quase que saiu sozinha. E ainda saiu meio dissimulada, natural pacas, como se fosse bastante óbvia a ligação dele com a cena. Juliana não reagiu ao que eu falei, ficou mexendo numa pulseira e olhando pro lado. A Bia que ficou me encarando com uma cara claramente confusa, sorrindo de canto.

— É, como sempre eu tentando arrumar as bagunça que o pulha me faz.

— O próprio faz-merdinha, né, a Juliana agora disse, mais séria, acendendo um cigarro.

— Uai, é? Sempre achei ele dos caras mais tranquilos, tão na dele.



Sempre na biblioteca, pensei. Namorando uma menina tão quieta. Quase sem querer, de repente, imaginei a menina que estava sentada com elas chupando o pau do Fernando. As duas continuaram caladas por um tempo até constrangedor, até que a Juliana emendou, expelindo fumaça, baixinho:

— Que isso, fia, o Fernando come geral.

— Comia, você diz, a Bia corrigiu, a sobrancelha já engatilhada.

— É, claro, comia.

— Como assim?

— Como assim o que?

— Esse gestinho que tu fez com os olhos.

— Fiz exatamente zero gestinho com os olhos.

— Então tá, então. Tome tento, né, Juliana? Vamo nessa que já deu de focar em pé, já, né?

A Bia de repente ficou séria, já se despedindo de mim e cortando qualquer conversa. Eu aquiesci, tentei me despedir do jeito mais natural e simpático possível, paguei no caixa e fui levar os quibes e o resto dos salgados pro carro, sabendo que teria todo o trânsito arrastado do Eixo Monumental naquela hora pra ficar revirando aquilo. Alegria purinha, purinha.

## 30.

Chegando em casa, vasculhei os contatos em redes sociais do Fernando pra ver se encontrava alguma Natasha ou Luísa que eu não conhecesse (ou, quem sabe, Natascha, Natacha, até Nataxa, as grafias de nomes no Brasil tendo, ao que bem se sabe, nenhum limite exceto os da própria imaginação). Não achei ninguém interessante.

Lembrei que a Bia tinha dito que ela não usava o nome dela de verdade em redes sociais. Isso poderia significar uma presença dessas mais esguias e espertalhonas, que se preservam de ficar disponíveis demais, cuidam de ter uma relação mais própria com essas reproduções desenfreadas.

Transitar por círculos de gente conhecida na internet tem direto isso de encontrar perfis e extensões que você a princípio nem sabe de quem é, mas que ainda assim vão engrossando numa personalidade na sua cabeça, a partir das manifestações às quais você tem acesso eventual.

Você vai juntando o nome com a imagem de avatar (seja a cara da pessoa, seja o Zé do Caixão, seja o Larry David, seja a Daria do desenho animado), com os comentários irônicos ou diretos, os gostos e opiniões, vai delimitando uma miniatura de pessoa a partir dos posicionamentos, dos detritos que se acumulam.

Eu fazia (e faço, na verdade) isso com dezenas, dezenas de pessoas. Com muito mais gente do que deveria. Convivia com as suas vozes e ideias muito mais do que com as vozes dos familiares com quem compartilhava, na época, uma casa e três refeições diárias.

Já não sabia onde procurar traço da garota, minha atenção foi voltando para seus cantos de sempre. E aí encontrei algo que reluziu na minha vista. Eram comentários deixados nos posts do Cabuloso. Todos recentes. Não pareciam guardar nenhuma relação imediata com o texto que comentavam, e tampouco lidavam com a sua própria incongruência, com o fato daquilo não ser um comentário sobre o post. Lembravam de cara os posts também bizarros nos boguses do Fernando. Era ela. A própria. Tinha que ser.

**“Dá quase quatro e vinte e eu procuro o beque que tinha bolado horas atrás que tava numa caixinha de fósforo. Fiz com muito carinho no fi-**

nal intenso de uma onda de Ritalina que eu tomei pra estudar e acabei gastando com seriado imbecil. Um beque curto e cotocado, grosso, como o pau do meu marido (que não é, de fato, meu, embora seja de direito).” (4:10)

“Eu tenho paranoia do cheiro de beque estar chegando nos vizinhos, todos religiosos e chatérrimos, mas estamos no décimo segundo andar, meu apartamento é de canto. A varanda é toda fechada com aquelas telas de tecido pras gatas não caírem. Uma vez uma gata que morava comigo caiu, num rombinho da rede que tinha enfraquecido, alargado com o tempo e que eu não tinha notado. Mesmo depois de ver o corpo dela estatelado horrível no chão, disforme, eu duvidava que era possível que o corpo dela caísse por aquele buraquinho tão pequeno. Se eu dissesse que aquela foi uma das coisas mais horríveis que eu já vi te daria a impressão que a minha vida foi dessas de gente de apartamento, ovomaltine da vovó (etc.), quando não foi. Eu já vi muita coisa que seria considerado pior pra maioria dos juízos. Eu sei como é o cheiro de carne humana queimada, por exemplo. Mas eu gosto muito de gato. Muito mesmo. Então aquela foi uma coisas mais horríveis que eu já vi.” (4:25)

“O mapa que a gente faz de um corpo com quem a gente transa de verdade e que continua aqui, todo dobrado.” (4: 22)

“Foi o terceiro gato que morreu antes de dar um ano comigo.” (4:27)

“O primeiro foi quando eu era ainda adolescente. Atropelado. O segundo foi mais recente, mas já tem anos. Esse último tem tipo uns seis meses e foi talvez o mais triste. Ela era malhadinha, caolha e dependente como um cachorro. A única explicação é que seja amaldiçoada.” (4:28)

“Tou ouvindo um show no qual estive dez anos atrás e que alguém arranjou agora os mp3s pra mim que eu nem sabia que existiam. Dá pra me ouvir gritando entre músicas. Tenho quase certeza que sou eu. É de uma banda de uns amigos, Galactus. Sabe? Ela não é boa, pelo menos não de verdade (do jeito tão inequívoco e demonstrável que, digamos, Racionais, ou Goethe, é bom, mas ali quando a gente era moleque e tava ali junto com eles num lugar tão pequeno e tosco o momento fazia muito sentido. Eu tento recuperar a onda, mas não dá.

Já foi.” (4:30)

“Hoje mais cedo tomei muito café e fiquei lendo A doença para a morte do velho capitão Kirk. Como ele faz mal. Devia ser proibido. Leitura apenas supervisionada, e ainda sim dosada. Sempre se apresenta a possibilidade maluca de um dia ir estudar dinarmarquês só pra ler essa porra desse cara. Uma língua inteira só pra ler um único filho duma puta. A vontade de visitar o lugar é exatamente zero.” (4:34)

“Eu não sei porque estou falando disso aqui Lombardi.

Sra você não tá bem.

...

Sra?” (4:40)

“Lembro do teu pau levantando devagar e do jeito que a sua barriga entrava pra dentro quando cê tava quase gozando. A cara que cê fazia, que ia de tensa-tensa pra solta-solta. O pescoço repuxando todo igual corda de instrumento e a cara de raiva possessa que vinha logo antes da explosão te rebentar. todo em ondas curtas, duas ou três. Vocês gozam tão rápido. Mesmo que demore pra explodir, a explosão é sempre de uma vez. Qual a graça? Por isso vocês são assim. Obrigado por virem ao meu Ted Talk.” (4:45)

“Gostaria de escrever melhor. Eu juro que eu escrevia benção quando era mais nova, não tentava imitar ninguém, não tentava emular nenhum registro. Só ia lá e tchans. E vrau. Uma tranquilidade que parece ter morrido aqui dentro, que eu tento simular em mim mesma, mas é como imaginar um membro inexistente. Um braço que me saía da boca, como de um peixe linguarudo. E que não sai mais.” (4:53)

“Lembro da tua cara de devoção enquanto você me chupava. O teu olho grande todo entregue. E eu acreditando, imagina. Você bebendo o meu tesão de um gole só. Que o que você curte é isso, deixar alguém completamente babando por você e aí largar. Não é? Quando a gente se arreganha mesmo aí perde a graça, não perde? A graça toda tá em estragar.” (4:58)

“Toda imediatidão é desespero, o bichão lá diz.

Sério mesmo.

Seríssimo.

Toda.

Absolutamente todas, (exceto algumas)

Do que que você tava falando antes?

O quê?

Antes deu chegar, vocês tavam falando.

Tava não.

Tava sim.” (5:01)

“Até ontem tinha quanto tempo que eu não saía de casa Lombardi? Olha pelo menos seis meses.” (5:54)

“Tem uns sonhos em que eu tou transando contigo mas é como se fosse teu fantasma, eu sinto e não sinto a carne, sua imagem pisca, aparece e some, aparece e some. Isso enquanto a gente transa. É péssimo. Teu pau chega me trespassando toda igual a lança de Cristo na Teresa, o quarto vai enchendo de luz, eu acordo mais molhada que um pântano.” (5:58)

“Cuido que a minha casa não tenha cheiro nenhum, nem de sujeira nem de sabão, exceto dentro do lavabo mínimo que nem faz sentido existir, que explode de odorizantes diversos que eu boto pra competir entre si. É nauseante, não consigo ficar lá muito tempo. Mas às vezes entro nele só para que ele exista, por pena. Deito no chão e fico olhando pro teto, abro e fecho a torneira. O prédio é muito feio, a região não me interessa (tampouco o resto da cidade).” (6:05)

“Você é a única outra pessoa que já esteve aqui nesse apartamento desde que eu me mudei. Meu marido acha que a gente tinha de chamar empregada aqui pra casa, ainda que só às vezes. Nunca entendi como que alguém tem alguém em casa pra te servir, desse jeito. Diarista é mais compreensível, mas para quem não sai de casa, como eu, ainda parece estranho. Não acho errado, só não consigo entender como que isso acontece, que coisa esquisita e constrangedora não deve ser ficar lá uma pessoa na casa esperando que você fale Rosângela por favor passe um cafezinho, costure minhas anáguas, me faz um cassoulê (mentira, eu acho errado sempre sim; a não ser que você seja,

digamos, uma mãe solteira que precisa trabalhar todo dia na cura do câncer).” (6:15)

“O nosso filho deve ter quatro meses, agora. Nunca pensei num feto como sendo uma pessoa, nunca fez sentido pra mim. Mas agora que é na minha barriga eu acabo pensando assim, sem nem me tocar. Como se já tivesse uma pessoa já pronta rolando aqui dentro, e não um acúmulo amuado, ainda amplamente e indiferenciado, dobra antes de desdobrar, olhos fechados, cara amassada, mal se debater se debaten-do ainda.” (6:17)

“Eu posso ser há mais de dez anos incapaz de manter quase qualquer espécie de interface prática com o mundo exterior, mas consigo agachar e limpar um banheiro e varrer a casa toda semana. Além de cozinhar e lavar minhas roupas. Pode não ser o lugar mais organizado do mundo, mas é perfeitamente habitável.” (6:19)

No dia seguinte, os comentários já tavam apagados. Mas eu os tinha colado na minha conta de e-mail e salvo como rascunho, naturalmente. Comecei a achar que quase com certeza aqueles comentários eram da tal da menina e acabei me lembrando de uma outra coisa.

Havia um indexador de links e imagens onde o Fernando tinha conta há uns três anos com o nome DUNSESCROTO. Só as pessoas mais próximas conheciam, pouca gente usava o site. Eu só descobri porque vi aberto uma vez na casa da Juliana e ela me contou. Lá ele vivia linkando quadros, gravuras, estátuas e fantasias provenientes de todas religiões e mitologias mágicas imagináveis, desde as mais populares até as mais obscuras. Muita coisa budista. Talvez houvesse alguma sucessividade ou mínima relação entre os objetos e as divindades elencadas, mas eu não conseguia verificar nenhuma.

Tinha três contas da mesma plataforma que DUNSESCROTO reverberava com muita frequência, uma delas chamava *todoynada*, e além de umas citações eruditas que passavam quase todas muito por cima da minha cabeça (muitas do tal do Kierkegaard, que pra mim era só um nome complicado), tinha também fotos de um gato malhado e do que me parecia ser o pôr-do-sol visto do alto de um prédio em Águas Claras, o bairro do DF que tinha explodido de arranha-céus num espaço curtíssimo de tempo, sem muito planejamento ou cuidado. Um bando de volumes parecidos apinhados com ruas

apertadas que engarrafavam um absurdo nas horas de pico. Eu tinha um tio que morava lá e sempre comemorava o aniversário do meu priminho, Lucas, no play do condomínio.

Indo para trás no arquivo do perfil do Fernando, vi que ele tinha reblogado pela primeira vez algo da *todoynada* onze meses atrás e que logo de cara tinha reblogado seis postagens distintas dela (uma Madonna peruana, uma máscara mortuária sabe-se lá de onde, um xamã asiático fantasiado e três citações complicadas em francês).

Fiquei com quase toda a certeza disponível do mundo que aquilo ali era a tal da menina e que foi aí que eles se conheceram. Aí pra desgracar de vez a minha cabeça encontrei no *todoynada* o endereço de mais um blog (eu sei, eu sei), que era postado sem comentário nenhum, e cuja voz me era ao mesmo tempo esquisita e familiar:

## 31.

“13/09/2001

Os dois estão deitados num colchão de solteiro com o lençol quase todo caindo no chão. Suados, arfando. Ela pega uma moringa ali do lado e derrama água num copo de vidro, ele bebe o copo de uma vez. Pelados, as pernas de um mesmo matiz de marrom engalfinhadas. Duas da manhã. Ela faz cafuné nele, que está com uma cara mais distante e pensativa:

— Mas nem pra mim? Isso é que eu fico de cara.

— ...

— *Égua*, quê que você acha que vai acontecer?

— Nada. Não vai acontecer nada.

— Então me fala.

— Não. Não é assim. Foi mal.

— Mas você não fala que é tudo besteira? Que mito é tudo mentira, manipulação, não sei o quê?

— Eu nunca falei isso, você é muito dramático.

— Falou praticamente isso, sim.

— Eu só prefiro a transformada de Fourier a qualquer história. É diferente. Eu não desprezo o resto, pô. Não é assim também.

— Tá bom. Mas qual problema de você me falar a merda do teu nome? Hein? Pro teu irmão.

Ele falou isso com sua cara dramática, esgarçando as sobranceiras. Quase rindo. Ela sorriu também, mas de um jeito mais retraído.

— Eu lembro da minha tia, que foi quem me deu meu nome. Falando no meu ouvido. E falando pra proteger aquele nome. Eu não acredito em mito, mas acredito em magia. A gente toma as coisas pelos nomes delas. Isso não é besteira, não é pouca coisa. É quase tudo.

— E você tem medo do quê, então? De que eu vou te possuir, se eu descobrir teu nome?



— ...

— É isso? Fala que é isso.

— Você é sagaz demais pro teu próprio bem, Emerson. Cê sabia disso?

— Vai te danar. E o meu nome cê usa e abusa, né?

— Você já tem tudo. Você já me tem, criatura. Eu não tenho nome nenhum.

Os dois ficaram calados. Ele encarando o mamilo direito, o mais arrebitado.

— Cê saiu de lá muito nova, né?

— Muito. Com onze.

— Mas cê lembra bem das coisas?

— De muita coisa. Mas não de tudo. Já esqueci muito da língua. Verdade que eu nunca fui muito de pensar em palavra, também. Nunca fui. E também eu conversava pouco quando morava lá. Era bem bicho do mato, mais do que hoje.

— Difícil de imaginar, viu?

— O quê? Eu ser bicho de mato?

— Não, né? Jaguatirica. Isso é fácil. Difícil é te imaginar ser mais bicho do mato do que tu já é hoje.

— Mas era. Era muito arredia. Revoltada à toa. Tinha raiva das coisas antes de descobrir os motivos verdadeiros pra ter raiva. Que não faltam, né? Eu amava muito algumas pessoas ali, amava o cerrado, mas eu tinha que sair. Não tinha jeito. A sede era demais.

— Mas quê que cê lembra de bom?

— Lembro de ver o povo mais velho rindo na corrida de tora, as mulheres gritando enquanto os caras corriam, fazendo graça e torcendo, da vontade que eu ficava de comer o paparuto enquanto ele assava. Lembro dum velho doido que brincava com a gente em dia de festa.

— Paparuto?

— É um trem de carne com mandioca que põe dentro dumas folhas e assa debaixo da terra. Eu achava a coisa mais gostosa do mundo. Acho

que é bom mesmo, mas a onda toda era a expectativa que dava, a coisa enorme que todo mundo fazia junto por um tempão.

— Que mais?

— Lembro de ficar catando fruta no mato com todo mundo quando era bem pequetinha.

— Catava o quê?

— Pequi, tucum, mangaba, bacuri.

— Conheço nada disso aí. Parece que cê tá juntando sílaba só. Bibim, manava, xuripó.

— Abestado. Boyzinho de apartamento.

— Sou mesmo.

Ela abocanha o pescoço dele, ele ri e o retorçe, escapando dela.

— Que mais.?

— Lembro de uma velha que contava sempre do massacre. Um que teve quando ela era criança. Depois eu fui pesquisar direito, foi em 40. 1940, né? Um fazendeiro cuzão do caralho desses veio com um bando de homem. Matou mais de vinte mehin. Por nada, por alguma besteira. E queriam ter matado mais. Queriam matar todo mundo. Mas a velha contava que elas foram se descabelar e gritar com todo mundo na cidade até que veio uma intervenção aí. Nessa época já ficava feio, né? Lá fora e tal. Mas se não tivessem ido lá se descabelar até alguém fazer alguma coisa, tinham matado todo mundo. Tinha virado só mais um povo extinto. E pronto.

— Cacete.

— Ele mesmo.

— ....

— Então não. Por isso que não. Eu não me considero nem goiana nem brasileira. Se eu sou alguma coisa eu sou mehin. Mas nem isso eu sei se eu sou mais direito.

— Lembro da aldeia raiada e de pensar naquele círculo, no sol e na lua, em como uma coisa puxava a outra, que puxava a outra. Lembro de achar bonitas algumas coisas que me falavam, mas de desconfiar

de tudo e de achar que o mundo devia ser maior do que aquilo.

— ...

— A coisa mais impressionante que eu achava na aldeia era o rádio que eles tinham. Que só dois adultos sabiam e podiam operar. Conversavam com um posto do Ibama, com a polícia rodoviária e com mais umas aldeias que também tinham.

— Ah, claro. Cê ali já sacou tudo com certeza. Já sacou o mundo todo.

— Eu desmontei o rádio quando eu tinha nove anos. Ficaram putos comigo, mas depois que eu montei de volta ficaram foi impressionados.

— Te vejo todinha fazendo isso. A cara de danada.

— O mundo explodiu tanto quando eu cheguei na cidade, quando eu entrei na internet pela primeira vez. Foi tanta coisa, tanta coisa, de uma vez que sei lá, foi uma avalanche que veio e que apagou muito do que tinha antes. Em pouco tempo. Muito pouco. Vai fazer só quatro anos que vocês foram me visitar lá. Parece que tem dez.

— Verdade.

— Dali foi o quê? Dois, três meses até eu fugir pra Goiânia. De lá pra Belém, foi mais um ano e meio. Tudo que eu engoli desde então foi tão estranho e tão grande. O que eu ainda lembro lá da aldeia eu lembro nuns flashes assim, quase que fotos, mesmo, mas como que correndo por um, dois segundos e voltando.

— Tipo um GIF.

— Isso. Um instante correndo gravado, curtinho. Mekaro

— Hein?

— Nada.

— Você lembra de alguma história?

— História?

— Tipo, dos mito lá deles. Seus. Dos krahô. Digo. Dos mehin. Tu sabe.

— Ah. Eu nunca fui dessas coisas que nem você, né?

— Dessas coisas de trouxa, né?

— É você que tá dizendo.

— Vá se danar, vá.

— Quem costumava contar era essa velha. Não lembro o nome dela por nada. Eu gostava mais dessas histórias de verdade do que as mentirada. Ela contava de tudo. Ela era como que minha vó, pra vocês, mas não era mãe da minha mãe. Nossa mãe.

— Vocês quem?

— Foi mal. Vou nem te explicar os parentescos que você não vai entender nada. Eu nunca me dei muito com essa velha, porque eu não levava nada a sério. Mas na real tinha um único mito que eu gostava, sim. Ou melhor, que eu acho ainda muito doido. Forte, assim. Me impressionava. Eu lembrava de ouvir ele quando era bem novinha, depois de perguntar e ouvir que não existia. Não sei porque que me vieram com essa, mas vieram. Pararam de contar depois que a gente ficou maior. Pelo menos pra mim.

— Conta logo.

— É assim. Tem uma mulher que tá grávida, aí o bebê começa a conversar com ela de dentro da barriga. Ele claramente é mágico ou alguma coisa assim. A mulher fica assustada. Ele vai e nasce, e em poucos dias já tá crescendo, consegue se transformar em tudo. A família se assusta ainda mais com o poder dele e com o jeito danado que ele tem de falar. Um tio joga ele dum barranco e ele vira uma folha seca pra cair devagarinho. E depois desvira.

— Massa. E aí?

— Aí ele quer inventar arma de fogo, mas os índios não querem. E ele resolve dar a arma pros brancos. É um trem assim. Não lembro mais o que rola. Mas o começo era demais, era o que eu mais gostava.

— Cê é ruim demais de contar história, hein? Pelamor.

— Mas sempre lembro disso. Imagina um bebê falando contigo de dentro da barriga. Que medo da porra.

— Né?

— Aliás, cê não quer lavar esse trem na tua perna não?

— Você sempre com isso, caraca. Os bicho não vão sair pulando pra dentro de você, não, relaxa.

— ...

— Eu sei que a gente tem que ter ainda mais cuidado do que o normal, tudo mais, mas porra. Calma também.

— Nem é porque é você. Não é. Eu já falei. Eu sempre tive isso. Desde que eu era garotinha e me falaram que mulher engravidava. Depois disso eu nem triscava nos moleque, com medo deles me botarem um bebê na barriga. Ficava morrendo de medo. Só brincava com menina.

— Mas por que?

— Como porque? Ficar grávida é um negócio horroroso, uma porra dum parasita inchando tua barriga. Eu comecei a ter uns pesadelos horríveis de que eu ia parir e quando via saía uma porra dum monstro de mim. Já saía comendo minhas pernas. Ou então saía só um troço deformado, horrível, todo troncho, morto.

— Vixe.

— Pois é. Então não é por isso. Não é porque é você. Podia ser qualquer um.

Ele limpa as pernas com o lençol. Ela continua deitada em cima dele, as pernas abertas. Bem na beirada do colchão, perto da parede. Ela de repente ergue o torso, levanta uma das pernas de um jeito troncho e vira o corpo ao contrário, os dois começam a se chupar devagar, ela de olhos fechados, imersa, ele de olho aberto e inquisitivo encarando a fenda dela, as sobancelhas como acentos circunflexos, reverente, recuando de vez em quando pra olhar direito o que tá fazendo. Renato no canto da varanda, junto com tralhas de ferramentas, telhas, azulejos marrons de banheiro nunca usados, alguns quebrados em cantos, seu corpo escondido pelo escuro e pelas samambaias.”

Aquilo era dele, então, também? Ou dela? Quantas porras de blogs o filho da mãe tinha, afinal? Aquilo tinha alguma coisa a ver com a outra história?

O mais desagradável era que justamente a sensação boa que eu tinha às vezes com essa minha obsessão ridícula — de estar juntando pistas e conseguir mais ou menos dominar a situação —, justamente esse lado desinchava, demonstrava o tanto que eu na real não tinha noção do que se passava.

## 32.

### “CABULOSO – PARTE 7

Conta criada em: 12/02/2013

Tempo corrido de jogo: 870 horas

Nível: 36

Mortes: 783

Criaturas mortas: 1.450

AD: indefinido

Alianças: 0

Feitos: 83

E-mail (escondido): gdeadpool@gmail.com

Inventário (60/80 kg)

Água potável (6)

Água contaminada com céσιο (2)

Água suja (3)

Maço de cigarros de palha (4)

Camisa do Palmeiras 1995-1996 ensanguentada

Panfleto informativo sobre a Cidade-Condomínio Michel Foucault

Projektor 5d Holotech (avariado)

Espingarda de caça

Peixeira de luz (avariada)

Munição .308 (43)

Sobretudo rasgado

Botas biônicas propulsoras (+15 corrida +30 salto)

Panfleto (Les Mots et le tchese)

Manuscrito (O Livro Goiano dos Mortos)

O jogo tinha ficado ainda mais doido nos últimos meses. Só pela

quantidade de gente e a liberdade que eles davam pra geral criar seu próprio conteúdo. Tinha começado a aparecer não só uma multidão de cidades e lares subterrâneos e torres enormes de sucata, mas ainda eventos inesperados que atravancavam os territórios e tornavam o trânsito pelo CABOL sempre imprevisível. Multidões de vacas mutantes disparavam pelas cidades, libertas de uma fazenda por uma brigada ecológica revolucionária, multidões de bots-vendedores com scripts irregulares explodiam de uma só vez no meio de uma feira, cidades diminutas enjarradas de repente cresciam e se sobrepunham a uma cidade que já estava ali, resultando numa terceira configuração híbrida e quase toda destruída, com prédios dentro de prédios, ruas atropelando ruas. Spam-bots de todos os tipos imagináveis, bem um terço deles pornográficos, irrompiam de contêiners jogados do céu nas grandes extensões desérticas do jogo. Era tudo bem excessivo.

Crateras enormes no cerrado queimado com multidões de avatares saqueando corpos. Jogando CABOL, andando pelo seu vasto e derruído mundo, Gustavinho vivia tendo a impressão de que algum evento tinha acabado de acontecer, que ele por pouco perdeu algo grande.

Vivia encontrando pequenos palcos improvisados montados nos lugares mais inauditos. Alguma encenação do DIVINO COMÉDIA, ou de um imitador, abandonada no meio, com caixas de som, fundos de papelão armados com algum logotipo oriental, microfones e defletores. Num subúrbio de Cuiabá, dentro de um supermercado saqueado na Bahia, do CT de um time de futebol de série D no interior de Minas. A repetida impressão de que você por pouco não viu algo cabuloso acontecendo.

No momento, Paraíba Blade estava em cima de uma torre de sucata revirando seus inventários atrás de um mapa que tinha retirado dos escombros de um encouraçado subterrâneo tripulado por homens-toupeira.

Gustavinho amava aquilo tudo cada vez mais. Paraíba Blade estava há um tempo parado enquanto seu detentor revirava os itens e amaldiçoava a sua atenção dispersa, até que de repente caiu bem na sua frente um avatar. Um robô rosa todo estiloso, de tipão japonês, com uns arabescos arroxeados saindo das costas.

— Finalmente te achei. Coé, Gustavinho.

— ...

— Não tá me reconhecendo? Sou eu, Renata :p

— ah, oi, desculpa. É que eu não costumo usar meu nome aqui no jogo.

— ah, foi mal, verdade. então, a gente tava fazendo umas armas novas e o Evandro falou pra te mostrar umas e ver se você gostava. Vou te dropar ela aqui, rapidão.

De repente brotaram na frente do avatar uma série de espadas, machados e metralhadoras.

— opa, valeu

— disponha, pega isso aí e depois me diga o que acha.

— é impressão minha ou alguns territórios tão floodando de galera nova desde ontem?

— ah, tão mesmo, tão pra caralho. Foram vinte mil novas assinaturas só hoje de manhãzinha. Tavam achando que ia dar cinquenta mil no final do dia, mas acho doidura. Mas sessenta mil também é doidura, né? E na real a expectativa grande mesmo do Evandro é com o final do dia na Coréia, lá parece que o negócio tá estourando mesmo na mídia especializada.

— cacete, porque isso?

— pô, acho que é por causa do anúncio que a gente fez, né, finalmente. O Evandro não conseguiu aguentar mais.

— que anúncio?

— do evento, ué.

— que evento?

— você não tá sabendo?

— dsclp sequelei um pouco essas semanas

— A coisa toda lá do jogador sinistro overpower e da ‘ameaça cabulosa’? o maior-evento-da-historia-de-todos-os-videogames-quiçá-da-cultura-ocidental?

— mas isso não é lenda?

— não! A gente tá trabalhando nisso tem semanas,oras! o Evandro finalmente vazou ontem no blog oficialmente!

— eu não tinha ideia. É real essa historia toda então?

— é sim! você ta falando sério que não sabe ou ta curtindo com a minha cara?

— é sério. me conta então.



— a gente vai sortear um jogador ou jogadora do primeiro milhão de contas criadas e conferir poderes absurdos, “SEM PRECEDENTES”, como o Evandro diz sempre, pro bicho. e logo depois vai rolar uma ameaça reunindo todos os servidores oficiais do CABOL, uma ameaça que mesmo a maior parte da equipe não sabe direito o que vai ser. a gente só fala disso nas últimas reuniões.

— eu tive jogando tanto que eu faltei algumas

— Menino.

Assim que deslogou do jogo, Gustavinho foi procurar as reverberações daquilo. Estava tão distraído com tudo que aconteceu em junho que não tinha notado o tamanho do burburinho que já se avolumava no seu e-mail, ganhava corpo em todo canto da empresa nos post-its em cores distintas de urgência nas baias de todo mundo. Nas comunidades dos jogadores mais viciados e sérios havia muita preocupação com a possibilidade levantada, aparentemente a sério, de todos os mundos de todos os servidores serem irreversivelmente destruídos com a ameaça.

ELES NÃO PODEM FAZER ISSO EU CONSTRUI UMA CIDADE INTEIRA NO SERTÃO LA NEGUINHO VAI DESTRUIR PORRA EU NÃO TENHO MEUS DIREITOS? COMO QUE FAZ?

EMERSON – SANTA RITA – PB – 2:32

Bicho claro q é cao deles relaxa qual a chance dos caras destruírem a ‘galinha dos ovos de ouro’ deles tem investidor o caralho de repente vai acabar com tudo? Duas palavras: ri-sos.

Cláudio, Montes Claros – MG 2:36

Evandro apontou pessoalmente num outro post oficial, no dia seguinte, que se todos lessem os contratos que assinaram ao criar uma conta (contratos com os quais certamente todos concordaram sem ler, ele mesmo brincava), ali havia a previsão de que o mundo fictício administrado e mantido pelos servidores principais do jogo poderia sofrer mudanças “drásticas e unilateralmente determinadas” a qualquer momento. Mesmo os usuários que pagavam por contas premium e itens raros haviam concordado com isso.

Evandro leu esse trecho numa reunião da empresa toda no dia seguinte, seu sorriso esperto pontuando a frase. Gustavinho só conseguia

focar no fato de que ele tinha um papagaio no ombro enquanto falava isso. Tava todo mundo tão metido no assunto que Gustavinho não viu ninguém comentar o papagaio e ele não quis ser o único (vai que ele existia há muito tempo).

A notícia reverberou levemente na mídia tradicional, com alguns jornalistas tendo dificuldade de explicar o que estava se passando. Uma matéria que Gustavinho apanhou no dia anterior, num jornal a cabo, alternava entre descrever a situação como uma jogada de marketing engenhosa de um jovem empreendimento brasileiro e tentar lograr um tom brincalhão cúmplice com seus jogadores, no fim da reportagem, por um repórter cinquentão de óculos inventivos fingindo por um instante levar o evento a sério enquanto uma ameaça messiânica integaláctica.

Evandro se divertia muito com a falta de jeito dos jornalistas mais velhos de lidar com aquilo.

— Você viu ontem na Globo News eles falando? Naquele programa metido a modernoso deles? Eles parecim até assustados com o negócio, velho. Bom demais.

Gustavinho não achava que os jornalistas estavam assustados com aquilo. Mas ele estava. O papagaio riu um riso parecido com o do pica-pau, engatilhado triplamente e todo mundo em volta riu. Alguns de nervoso.”

### 33.

Chegou a hora, enfim. Da noite fatídica. Perdão pelos clichês, mas é o que tem. Eu vou tentar ter o máximo de precisão possível sem tornar o trem insuportável. Sigam-me os bons (e os mais ou menos).

Setembro de 2013, fui pra uma festa na Asa Sul na casa de gente que eu não conhecia, convidada pela Juliana, um duplex enorme, o maior em que já estive na vida. Senti alguma vergonha quando entrei sem mais ninguém, encontrando de cara apenas desconhecidos na sala, mas senti minha presença legitimada pela caixa de cerveja que eu carreguei até um grande isopor cheio de gelo na estreita área de serviço, depois da cozinha. Lá encontrei Adriano e Bia e outros amigos foram chegando.

Comecei a beber rápido, mas queria me manter por um tempo consciente de onde tava todo mundo, do que estavam fazendo. Tinha tempo que não encontrava todo mundo, esse tipo de festa em apartamento ou casa de amigos de amigos tinha começado a rarear. Ou era só eu que não ficava mais sabendo com frequência. Eu sempre gostei muito mais delas do que festas pagas (e não só pela economia).

Ali, na hora, de onde eu estava no canto da sala, conseguia ter uma boa noção da Juliana, do Paulinho, da Bia, do Adriano e do Fernando. A Eloísa não estava ao meu alcance, mas eu podia ver a porta da cozinha e eu sabia que ela tava lá dentro (então até certo ponto a sua presença também tava computada). Não sabia onde estava, no momento, nem a menina branca pra caralho de batom vermelho retinto, nem o cara de camisa laranja florida que tinha um cabelo que parecia uma pirâmide afro baixinha, duas pessoas incrivelmente bonitas cujos nomes eu desconhecia e que tinham adquirido um protagonismo meio claro ali desde o começo da festa.

Tinha na sala duas projeções acontecendo ao mesmo tempo, uma delas sendo dum joguinho antigo que se jogava no console original, um Megadrive ligado com um adaptador no projetor, com uma fila estabelecida para que todos que quisessem pudessem jogar. Oito pessoas, sete delas homens, se acumulavam em torno.

Logo que Fernando chegou, ele comentou:

— Os cara tão muito orgulhoso da onda toda, dá pra ver, né?

— É, eles ficam casuais e bebendo, fingem que não e pá, mas ficam em volta, só rondando, a Eloísa concordou.

— Só rondando, mas prestação que se alguém mexe em algo que não deve ou dá alguma treta ali no adaptador e as imagens param de aparecer, ou o console trava, mobiliza de cara uns cinco pra mexer nos negócios e botar tudo pra funcionar de novo.

Era verdade, os organizadores da festa, um casal de barbudos baixinhos e sobrevestidos que pareciam levar tudo muito a sério, passavam pelos projetores e pelos isopores de biritá falando de tempos em tempos no ouvido de um rapaz alto e sem queixo com um macacão jeans, que sempre assentia de olhos fechados com muita gravidade. Eles não bebiam, mas tiravam muitas fotos com quase todo mundo que chegava, fazendo sempre a mesma cara, que me parecia, nos dois, de uma insegurança de extensão quase infinita.

De onde eu tava não dava para ver o jogo, com as minhas costas encostadas no canto da parede onde a projeção acontecia. As pernas das duas colunas fixas, uma latinha já quente de Antártica girando devagar nas minhas mãos. O que eu via era o reflexo diminuto da projeção numa mesa circular de vidro e a reação ao que acontecia nos rostos transfixos dos marmanjos barbudos.

A outra projeção acontecia na parede à minha esquerda, distorcida por uma prateleira e pelo ângulo meio torto. Fiquei muito tempo tentando encontrar alguma espécie de ordem pra sucessão de imagens que tava rolando nesse outro projetor, mas não parecia ter nenhuma. Telas capturadas de fóruns gringos, fotos dum casamento no interior da Bahia, hentai, o acidente dos Mamonas Assassinas, eventos de celebridades de terceiro escalão, animais bonitinhos usando roupa de gente, stills de filmes do John Waters, Elke Maravilha e Ronald Golias.

Era como se alguém tivesse se esforçado em reunir imagens díspares. Aquilo me incomodava um pouco, então passei a prestar atenção no jogo, apesar de só conseguir vê-lo pelo reflexo diminuto. A conversa de Bia e Eloísa sobre um brechó quebrava sobre mim como ruído de fundo.

Depois de um tempo acabei entendendo como funcionava o joguinho, quase sem querer. Não conseguia evitar me inteirar do motivo das exultações e lamentos gritados ali na minha frente. Os dois seres controlados pelos jogadores eram alienígenas em busca de pedaços da sua nave, espalhados pela terra. Peregrinavam por uma terra surreal, com bordas por onde você podia

cair direto no vazio cósmico, com cientistas malucos e mulheres deprimidas vestidas de cenoura. Subiam de fase entrando em elevadores que apareciam do nada. Eu nunca tinha visto aquele jogo antes, mas claramente tinha um apelo nostálgico praquela galera ali. Ouvi mais de um dizer, entusiasmado, que nunca havia zerado aquele jogo na infância, mas que naquela noite eles iam zerá-lo finalmente. A melodia funkeada, hipnótica e repetitiva da trilha sonora era repetida com a boca por vários deles. Chegava a abafar a música dançante que saía de dentro da casa.

Tinha algo de patético na cena, pra mim, talvez porque videogames nunca fizeram parte da minha vida. Talvez a nostalgia alheia sempre seja constrangedora.

Bia e Eloísa foram dançar, Juliana me chamou para ir junto. Eu precisaria de mais uma duas cervejas, pelo menos.

Encostado na parede onde a outra projeção acontecia ficou por um tempo um rapaz alto de cabelo castanho em rabo-de-cavalo, queixudo, com uma mochila virada pra frente, no peito. Ele ficou uns cinco minutos apenas se oferecendo pra estampar aquelas imagens, de olho fechado, levíssimo sorriso, pleno, sem saber o que se imprimia e se distorcia nas suas roupas e pele.

Mais cedo na festa ele havia tirado fotos de praticamente todo mundo, com uma câmara de tipão profissional, com lente comprida acoplada, e mais tarde voltaria a fazer o mesmo por mais tempo. Descobri com a Bia que se chamava Damião e que algumas pessoas o chamavam, desde a escola, de “Anticristo”, por gostar quando adolescente de botar fogo em animais de todo tipo e por ter supostamente feito no banheiro do Marista um ritual satânico com um gato que ele encontrou morto no estacionamento do colégio. Hoje é um fotógrafo profissional, razoavelmente bem-sucedido, tanto jornalístico quanto de paisagens naturais, segundo seu feed.

O Fernando e o Adriano estavam na janela conversando há um tempo. Eu conseguia ver que ele tava ficando exaltado com alguma coisa, então fui tentando chegar perto pra ouvir. Até onde eu pesquei, eles discutiam os protestos recentes e aquilo que na televisão sempre chamavam de vandalismo.

— Tu vai ser anticapitalista hoje em dia? Anarquista, sei lá o que tu é. A sério, assim? É só uma postura, assim, estética, na real. Uma coisa é concordar que seja uma merda, concordar eu concordo, mas quê que tem pra botar no lugar?, Adriano falava sorrindo, irônico, segurando na esquadria da janela

e gangorrando o corpo pra cima e pra baixo, preguiçosamente, como numa paródia de exercício.

— Eu nem falei em capitalismo, você que falou.

— Ih, o Adriano já tá falando em capitalismo, é?

Bia falou isso claramente brincando, tendo ouvido só a última frase do Fernando, chegando da cozinha com uma longneck pra ela e outra pro Adriano, que ao pegar a garrafa pareceu expressar desagrado com a sua temperatura, depois de agradecer.

Fernando parecia impaciente.

— Tou falando daqui, do Brasil. Um país de gente miserável sustentando a farra de meia dúzia de bilionário, uma lei que ninguém entende e que só vale de verdade pra parte de baixo. É uma parada escrachada demais, esparrada demais. Como que tu vai dizer que alguém que quebra a vitrine de um banco tá quebrando um pacto social. Que pacto é esse? Quebrar vitrine de banco é o mínimo.

— Eu não chamei ninguém de vândalo, não finge que eu sou coxinha desse tanto, Fernando. Eu não sou um songo-mongo da GloboNews só porque sou liberal. Não fico chorando pelas vitrinas do Leblon. Eu só acho que não adianta, que só ajuda a gangar a parada toda. Só isso.

— Não dá pra ser tudo limpinho e organizado. Tou falando de revolta de verdade, Adriano.

— Uepa!, o Adriano fez, apertando os olhos e olhando pro lado, ironizando, como se a frase lhe doesse nele de tão pretensiosa.

— Se foder.

— Sua vida foi muito sofrida, né, Fernando?

— É sério, porra. Tu fica com esse teu sorrisinho aí, mas essa tua ironia é parte da merda toda. Tu pode não ser reaçã pra caralho, sei que não, mas tu tem essa mesma ironia contra qualquer mera possibilidade do mundo ser outra coisa. A mesma postura arrogante que acha que só gente muito ingênua ou idiota acredita em qualquer outra coisa além do mercado. Como se esse fosse o único jogo disponível. Não é. Nasceu ontem e pode deixar de existir. Ou melhor, vai deixar, né, mais cedo ou mais tarde. Porque tá destruindo o mundo no processo.

— E cê sabe que eu levo isso a sério, né? Não sou teu espantalho de liberal sonso. Mas e aí? O único jeito de lidar com crise climática é mexer nos incentivos, arrumar um jeito de que salvar a terra seja lucrativo. Eu não quero que o mundo seja assim, mas o mundo é assim, Fernando. Já era antes de Europeu dominar outros continentes. Já era uma concorrência, já era um bando de mônada com vontade de poder. Não é bonito, não.

— Não é, concordo. Já era cabuloso. Mas tudo acelerou e piorou muito desde que essa brincadeira começou. O capitalismo foi o maior desastre que já aconteceu nessa terra. A crise climática é a conta dessa porra.

— Ah, pronto, o capital é tudo que tá errado nesse mundo, tudo que é ruim e malvado nesse vale de lágrimas. Porque antes tava tudo ótimo. Minha nostalgia com essas porra morre assim que eu penso no meu dentista.

— Vai se foder, tu sabe que eu não sou tão ingênuo assim.

— Não sei se eu sei não, véi. De verdade. Cê parece que regrediu.

— Eu só cansei dessa merda conciliadora que finge que é natural, essa porra de esquema-pirâmide monumental do tamanho do mundo onde geral tem que ser empresário e publicitário de si mesmo, todo mundo fica ansioso metrificando o próprio valor o tempo inteiro, ninguém aguenta mais.

— Eu tou de boa, pessoalmente. O Adriano disse com um sorriso irônico, olhando pra Bia e erguendo as sobrancelhas.

— Eu concordo que o capitalismo é uma merda, que é o próprio demo, mas você não tá falando nada com nada, velho, foi mal. Tá tipo adolescente. A Bia disse, olhando pra frente e negaceando com a cabeça. O Fernando franziu o rosto, ficou sério e abaixou a cabeça um tempo.

— Se tu quer mudar alguma coisa, se organiza, ué? Tira a bunda do sofá.

A Bia deu um gole na cerveja e pareceu constrangida. Ele voltou a falar no mesmo tom.

— Isso aí que a gente tem tá aí porque foi herdado, foi importado, mas ninguém acha de verdade que funciona. E ninguém acha que convence. É isso que o vândalo tá manifestando quando quebra a vitrine do banco. Que não é aceitável.

— Não precisa ser convencido de nada, ué, só de viver em sociedade que você já aceita tacitamente. Tu é o próprio Bakuninzinho, e tudo mais, mas

tem carteira de identidade, não tem? Paga imposto em qualquer coisa que tu compra. Tem o documento do carro em dia. É o tal do contrato social, pelo que me dizem. Não precisa aceitar pra assinar embaixo. E não quer dizer que tu concorda com tudo, né, caralho. Óbvio.

— É como tu ficar xingando o Google tendo conta no e-mail deles. Ficar esbravejando do capitalismo e tal e coisa com o iPhone, aquela coisa toda que geral fala, né? O Paulinho completou, animado por contribuir com alguma coisa, ao mesmo tempo sorrindo timidamente de canto de boca sem tentar qualificar o comentário de nenhuma maneira definitiva.

— Mas a mentira é essa.

— O quê?

— Que submissão seja a mesma coisa que assentimento.

— Obediência, então, que seja. Não faz diferença.

— Se você me fala pra eu tremer e eu tremo, eu não tou te obedecendo. Eu tou só tremendo. Faz toda diferença.

A Bia interrompeu, falando alto:

— Eu concordo que o monstro é escroto, eu não nego isso, mas e aí? Alguém tem que gerir essa merda. Trabalhar com o que tem. O negócio é tu ter formas e regras pra que o monstrengo seja o menos escroto possível, que ele controle a si mesmo, que o povo ajude a controlar, participe mais, torne mais humano. Transparência ‘sas porra, sei lá. Cê tá me obrigando a virar uma porra duma professorinha aqui, a fada sensata defendendo o valor da porra da democracia liberal. Pelamor, Fernando.

Ela falou olhando pra frente, as mãos nas costas, como que desanimada, não querendo mais participar da conversa, por qualquer razão, mas sentindo que tinha uma função a desempenhar.

— E você acha que funciona?

— Que *funciona*? Cê acha que tá falando com quem, queridinho? É o melhor que se conseguiu com esse bicho escroto, egoísta e assustadiço que a gente é. Só foram começar a tentar fingir organizar essa bosta desse lugar aqui não tem nem cem anos direito, porra. Sempre foi um fazendão português zoadado com uma pá de gente pra moer e pronto, tu sabe. E tu sabe mais que eu, porra, tu sabe que podia estar pior ainda. Tem nem trinta anos essa



tentativa marromenos de democracia. Já esteve pior. Não é a melhor hora pra sair quebrando tudo, não.

— Assustadiço, falou o Paulinho, fazendo cara de impressionado.

— Nunca teve porque esse lugar dar certo, cacete. Tava tudo errado desde o começo. Sempre teve. Madeira portuguesa podre desde antes de etc.. Então podia ser ainda pior, é o que eu tou dizendo. Tá até melhorando nos últimos anos, em muita coisa. É só isso que tou falando. Esse governo é uma merda porque é *um* governo, mas é de longe o melhor que a gente já teve. E o que teve antes foi pior, mas foi menos pior que o Sarney e o Collor. Enfim. A gente tem o SUS, tem várias paradas cabulosas. Tem muita gente lá dentro pelo menos tentando mudar algumas coisas. Tu sabe muito bem. Bia arrematou com uma cara desalentada.

— Não sei se eu sei não. Tu já viu uma cadeia brasileira recentemente? disse Fernando, sorrindo e entortando a cabeça, puto, e com condescendência. Como se falasse com uma criança.

— Já, filho da puta, eu que te falo delas o tempo inteiro, e ao mesmo tempo tu sabe que se você não tem algo pelo menos próximo de direito penal aqui a galera vai e lincha ladrão e estuprador na tora, arranca o pau e dança em volta. O mundo vão vai abraçar justiça restaurativa e legalizar as drogas e acabar com prisão amanhã, Fernando. Não vai. Não é simples. Nada é simples, caralho.

Fernando só respondeu bufando com descrença, negando e olhando em volta. Não queria encará-la.

— Isso é real. Tu não viu o juiz que esquartejaram por nada outro dia? No interior, Brasil profundo. De futebol, tipo, não de verdade. O que é cem vezes pior, né?

Adriano disse, olhando pra Bia um pouco incomodado. Ela nem percebeu.

— Se fosse juiz de verdade tava quase de boa. Dependendo do contexto, disse Paulinho, bem baixo.

— E *infelizmente*, viu, tu quebrar vitrine com um bando de adolescente skatista pra se sentir foda e chamar atenção, zoar com a galera e fazer teu cosplay de radical só vai dar mais argumento pros fascistas filha da puta que quer mais é ver preto apanhar da polícia e ser encaixotado, quer mais é ver movimento social tratado igual terrorista.

A voz da Bia levantou, ela gesticulava de um jeito muito decidido. Fernando é que tava criando a situação, mas ela tinha escalado, agora. Essa discussão não devia ser de hoje. A intensidade entre os dois era outra coisa. O Adriano parecia que nem tava mais na conversa. Eu nunca tinha visto ela olhar pro Fernando daquele jeito.

O Fernando pareceu prestes a dizer mais alguma outra coisa, duas ou três vezes, mas acabou desistindo e indo pra cozinha. Na próxima vez que eu o vi, tava com o braço encadeado com um gordinho de black power e riso falso, que até onde eu sei ele odeia, os dois mandando uma dose de cachaça ao mesmo tempo com duas minas novinhas e hiper maquiadas gritando em volta.

Eu já tinha visto ele se alterar em discussões antes, mas geralmente com um domínio maior do que tava falando. Ele hoje parecia incontrolado, querendo discordar e se gastar de todo jeito. E tem também que ficava checando o celular de cinco em cinco minutos, o que tampouco lhe era característico.

— A galera hoje tá séria, hein, putsgrila? Paulinho chegou falando, sorrindo.

— O Fernando que tá de merda, o Adriano disse, a Bia olhando pra ele enfezada sem concordar nem discordar.

Eu já tava na quarta cerveja, percebi que desci uma latinha rapidinho durante a discussão. Juliana chamou para dançar Daniela Mercury. Ela e Eloísa já tinham chegado bêbadas de algum lugar. Eu até consegui me soltar mais que o normal, deixei a batida me levar um pouco. Mas logo me dei conta do ridículo e achei que era melhor tomar uma água. Alguma coisa já me avisava, quase, que aquela não era uma noite para se perder o controle. Era uma noite na qual eu devia prestar atenção.

Sem ter o que fazer por alguns minutos acabei checando no celular os blogs lá da história, no banheiro. E qual foi minha surpresa de ver que tinha coisa nova nos dois. Um deles era curto, mas no cabuloso havia dois posts enormes. Fiquei lá dentro sentado no vaso um tempo, minha vista já trêmula dificultando a leitura.

## “CABULOSO PARTE 8

Paraíba Blade chega num hotel perto do vilarejo chamado Eurásia City, preenchido em partes iguais por russos e goianos. É perto da

Grande BH, naquele momento território de um conglomerado de torcidas do Atlético Mineiro. O lugar ganhou uma notoriedade nas últimas semanas desde que um grupo da Galoucura –sWorDS Of ObLI-viON conseguiu, pelo que Gustavinho tinha lido num blog, “se asse-nhorar de forma violenta e absoluta da área usando apenas espadas e uma tática inovadora de combate que se utiliza das possibilidades de organização por rádio.”

Gustavinho queria saber onde encontrar esses caras, testar suas forças com eles. Paraíba Blade ficou em cima do prédio do hotel, onde ele chegou com o salto ridiculamente alto possibilitado por suas botas especiais que ele retirou do corpo de um Saltador da Nuvem. Não encontrou ninguém.

Pegou a moto que havia comprado recentemente e pegou, olhando pra ver se algum lagartão de fogo ou caminhoneiro marrento aparecia no meio da rua, fazendo o possível para desviar dos buracos (uma piada freqüente entre os jogadores brasileiros era de que um dos maiores pecados da verossimilhança do jogo era que o Brasil pós-apocalíptico ali parecia ter menos buracos na estrada do que o Brasil real contemporâneo). Foi tomado de surpresa, no entanto, por uma terceira coisa inesperada, um vulto escuro na estrada que ele demorou para notar e no qual ele bateu, o seu avatar voando longe, que o fez saltar por um instante em carne e osso e quase derrubar o copo de guaraná light que estava ali do lado do monitor. Estava muito escuro, então ele abriu o inventário e ligou a sua visão noturna, um upgrade que tinha roubado do corpo de um gaúcho neuromante uns dias atrás.

O bichão era enorme, com vários braços e pernas, pelo menos três cabeças. A maior, central, parecia felina. O bicho rugia e se agitava freneticamente. Gustavinho se assustou. Morrer no jogo era um saco. Você só podia renascer cinco minutos depois e todos os itens carregados pelo seu avatar ficavam lá no seu corpo por mais ou menos duas horas. O negócio era encontrá-los antes de algum saqueador maldito.

Aquela não sendo exatamente a realidade, Gustavinho não conseguia ver sentido em jogar com cautela, gostava de agir de forma impulsiva e imediatista, gostava um pouco, inclusive, de quando o seu avatar morria, de ver aquele boneco agitado caído num penhasco, contrito pelas peças de um compactador de lixo, derretido pela água tóxica,

arremessado pelo ar por uma explosão de gás.

Mas ele estava usando a sua bota saltadora no momento e não queria perdê-la. O ideal seria tentar evitar o confronto, mas ele não sabia se isso seria possível a essa altura. Acabou pulando em direção ao bicho num impulso imediato, sem saber o que fazer, retirando sua peixeira de luz do bolso.

Logo que ele chega perto o monstro parece brilhar de várias cores e revelar ter partes biônicas escondidas, o que assusta Gustavinho e faz com que ele aperte qualquer coisa no teclado, uma sucessão de toques destrambelhados que, sabe-se lá como, resultam numa descarga elétrica saindo das mãos do seu avatar, em seguida sua moto e o monstro se desmontam em inúmeras peças, imediatamente projetadas com violência, numa espiral que brilha com uma intensidade enorme, amarela, e logo some.

Que porra tinha acontecido? Ele nunca tinha visto aquilo antes no jogo, nunca tinha visto nada reagir daquela forma. Até os gráficos pareceram diferentes do normal. Tudo que tinha sobrado era a cabeça maior do bichão, ali num canto, e Gustavinho viu que ela estava toda enfiada de estruturas metálicas, pedaços disformes de sua moto protrusos ao longo de sua bochecha e olhos. Ele tinha feito aquilo?

Apenas depois de conseguir chegar numa cidade e alugar um quarto de hotel para dormir e recuperar a sua barrinha vermelha de saúde é que lhe ocorreu. Que talvez seu avatar fosse o Escolhido.

## 34.

“12.01.03

O final de 2001 foi a melhor época da minha vida. Foi nessa época que a gente filmava altas paradas, lá em Belém, na casa do Dennis, aquela porra enorme, da época da borracha, tão bonita e tão zoada que tava. Por dentro paredes dum verde-claro desmaiado que já havia sido vívido, sofás luxuosos encardidos, rombos brotando do estofado. Uma decoração tropical exuberante, toda colorida, comprada pela avó de Dennis dos anos vinte aos quarenta, uma irlandesa rica fascinada com o lugar exótico para onde seu marido a havia levado. Um fausto de gosto duvidoso hoje todo quebrado, encardido de poeira. Cortinas pesadas demais para o clima estavam enroladas nos cantos há décadas. Infiltrações bolhudas no teto, chão de taco todo desdentado.

A mãe doida do Dennis, Saoirse, gritava o dia todo em inglês com Lady, a criada indígena, que morava com ela desde sempre nos andares de cima, as duas cantando música religiosa o dia todo, uma penteando a outra, os cabelos compridíssimos das duas. Uma relação muito estranha. Dennis não gostava de falar sobre. Em tipo metade dos planos de tudo que a gente filmou dá pra ouvir abafado pelo menos uma das duas cantando baixinho.

O Renato estrelava quase tudo. A princípio eram só uns esquetes assim desses mais óbvios, sátira de comercial tipo Polishop assim, de novela, as parada mais besta. Mas aí o Renato sempre exagerava tanto as coisas, que virava outra besteira, e logo começava a gritar mais fino e esganiçar e dançar e rapidinho não se entendia nada que ele tava falando. A gente zoou ele uma vez por causa disso, mas ele ficou muito, muito sentido, que até ela e o Dennis, que zoavam todo mundo de forma muito irrestrita o tempo todo, ficaram meio sem jeito.

Ela era a única que nunca, nunca, em hipótese nenhuma, saía de trás da câmera. Até o Dennis aceitava atuar, embora sempre com falas curtas e simples.

A gente filmou primeiro O DIVINO COMÉDIA, uma adaptação da divina comédia em quinze minutos, onde o Renato é conduzido por mim vestido de onça de duas cabeças (uma máscara do Dante e uma má-

cara do Mano Brown) pelos círculos do inferno em Belém. Enquanto toca trechos das músicas mais marcantes de Sobrevivendo no Inferno, a gente filma Renato olhando dum jeito compungido os entornos do Complexo Penitenciário Santa Izabel. A gente filmou também várias adaptações de clipes do Bowie, do Klaus Nomi, da Grace Jones, tudo estrelado pelo Renato e com os efeitos práticos mais toscos que cê pode imaginar, geralmente inventados pela Eva e o Renato juntos.

Mas o vídeo que eu mais gostei que eu lembro era um que começava com o Renato de terno numa mesa falando numa voz toda sedosa, assim, de anunciante sedutor com a dona-de-casa, se você tinha tal e tal problema, se você era feio e desdentado... Não lembro direito como que era, mas o texto era ótimo, e o Renato ainda improvisou ali na hora, botou ali muito mais do que a Eva tinha escrito. De início ela ficou puta, fez uma cara indignada quando notou ele mudando, mas foi deixando e viu que tava bom. Ele começava a falar que ia solucionar todos os problemas das pessoa-brasileira, e o Renato falava esse termo em especial dum jeito ultrajado e escandaloso que não fazia nenhum sentido e que era maravilhoso, começava a enumerar os 'apenas doze passos' do seu programa, OS TRABALHOS, como ele chamava também. *Doze passos para uma ecologia da mente*, era isso, esse era o nome do vídeo. Que ele pegou do título duma xerox que eu tava lendo na época. Mas não tinha nada a ver com nada. Eu contando não tem graça, né, tou vendo, mas o bom é que ele ficava falando isso numa fala toda contínua, mas mudando sempre de locação, o Renato sempre olhando pra câmera do mesmo jeito e falando como se nada tivesse acontecendo (como se ele não tivesse numa lanchonete e depois num estacionamento e depois dentro de um carro em movimento e depois dentro de um supermercado e depois dentro duma banheira só de cueca de luz apagada segurando uma vela).

Foi a época mais feliz da minha vida, de longe. Depois de anos numa casa abafada com uma senhora ansiosa e confusa que se dizia a minha mãe, anos vivendo num mundo inteiramente definido e filtrado pela Bíblia King James e alguns seriados selecionados. E a ansiedade daquela mulher, coitada. Mais nada. De repente o mundo se abriu, e não parou de se abrir, foi se desfolhando em camadas e camadas, como uma cebola que não terminasse nunca.

Eu chegava a ficar suspeito daquilo, daquela alegria solta, daquela aliança estranha que a gente tinha montado ali. A culpa começava a se espreitar igual um predador paciente e implacável. O Dennis e o Renato faziam da gente uma família, cozinhavam janta pra gente quase todo dia, churrasco no domingo (que só eu não comia). O arranjo vinha de todo mundo junto, mas era ela que me deixava em êxtase absoluto, mesmo, todo dia. Geralmente duas vezes por dia. De manhã e de noite. Transar com ela era a coisa mais maravilhosa que qualquer pessoa já experimentou, eu nem conseguia (ainda não consigo) imaginar sexo com qualquer outra pessoa. Se eu não tivesse tanta vergonha eu tentaria contar um pouco. Mas eu tenho.

A gente se entendia em absolutamente tudo de uma maneira que seria quase literalmente surreal não tivesse a explicação genética óbvia sempre pairando (e sempre invocada por ela, nunca por mim).

A principal diferença entre a gente era a raiva que ela tinha do mundo. Não que eu fosse uma pessoa hiper tranquila e compreensiva, sou desgraçado como qualquer um, mas acabou que eu fui me tornando meio deliberadamente mais caridoso com a ruindade média, sei lá, só pra equilibrar isso um pouco. Ela vivia chamando atenção pra esse fato, meio que orgulhosa e aos poucos a gangorra foi se firmando nesse sentido.

(A gangorra de nós dois, eu digo).

O que era cansativo pra cacete, né? Não tinha como não ser. Pra mim, pelo menos. Ela dizia altas vezes que eu era a única pessoa que tornava inteligível pra ela o valor da vida humana. Que se não fosse eu ela já teria ido morar só com bicho ou explodido uns negócios há muito tempo atrás.

Eu lembro de encontrá-la treinando discurso de supervilão quando não tinha nem quinze anos, andando dum lado pro outro com os braços cruzados nas costas ou cofiando as pontas de um bigode inexistente. Eu fiquei olhando rindo um tempão até fazer o barulho o bastante pra ela notar (o que demorou).

Nessa mesma época, em que a gente não transava ainda, eu tinha aquela obsessão de botar fogo em folha seca com isqueiro, à noite. Juntar umas 20 e queimá-las todas devagarinho. Eu achava fogo uma

coisa tão bonita, ainda acho, né, mas ainda moleque assim eu ficava quase em transe olhando praquilo, como parecia vivo, consumindo tudo, aquelas línguas todas. Pentecostes. Eu gosto do jeito que a chama parece se erguer, assim, parece que tá apontando pro céu igual um imã pro norte. Torre de transmissão. Fogo voltando pro fogo.

Isso tudo foi antes. Essa alegria. O que a gente fez tinha um preço. Tinha que ter. E veio logo. Pra ela, não pra mim. O que ficou pra mim foi a violência imaginada. E a certeza de que era castigo. Eu deixei de acreditar num Deus amoroso, voltei a acreditar só no Deus vingativo e ciumento. Pra esse Deus era fácil encontrar as evidências.

Voltei a morar com minha mãe, apesar de tudo. Não só pela falta de opção, e por achar que era preciso manter distância da minha irmã, mas porque sinto que devo algum tipo de devoção filial a essa pessoa. Estou tentando fazê-la esvaziar o apartamento das caixas e caixas de coisas inúteis, mas não está fácil.

O tesão continua uma ferida aberta, pulsando enquanto queima. Ela ganhou a discussão da pior maneira possível. O ranço que ela tinha desse país e do mundo todo foi como que justificado. Restou esse gosto ruim.

Isso tudo passa, sim. Esse ódio, esse rancor todo. A obsessão estreita da dor se repetindo num mesmo labirinto, mesmo matadouro, mesma quina, mesmo carrasco, mesmo desespero de 8 bits. Isso tudo passa, cedo ou tarde. Como uma jamanta passa. Por você.”

—

Quando saí do banheiro, havia uma loira linda me olhando com raiva pela demora, percebi que geral tinha vazado. Desci com pressa, pegando um elevador cuja porta já estava fechando, com dois amigos da Juliana que interromperam uma conversa assim que entrei, sorrisos mal segurados nas bocas. Encontrei Eloísa perto do carro, ainda nos pilotis, olhando o celular com a cara meio irritada.

— Tão indo?

— A gente tá indo, é.

— Mas vocês vão pra algum lugar ainda? Vão comer alguma coisa? Ou é



tchause já?

— Ah, acho que não. Acho que casa mesmo.

O Fernando apareceu de trás de um carro, terminando uma dancinha e rindo de alguma coisa que havia acabado de ouvir no telefone. Todos seus gestos estavam levemente arrastados, derrapando um pouco nos contornos.

— Vamo que vamo. Geral já tá indo.

— Indo pra onde?

— Lá pra sua casa, ué.

— Como ué? Quem vai lá pra casa?

— Ué, a Juliana os amigo lá dela. Acho que a Bia. Talvez o Playsson. Falei contigo ué.

— Sério? Falou nada.

Eu não consegui dizer com certeza se a Eloísa realmente não sabia ou se tava apenas tentando acobertar a despistada que ela tinha tentado me dar. Feliz ela não tava. Fiquei fazendo a minha melhor cara de tacho, olhando pros dois com olhos de cachorro.

## 35.

Os carros chegaram quase ao mesmo tempo e o povo logo se reuniu na frente da portaria. Um bloco residencial da quatrocentos e cinco Sul. A Eloísa não estava minimamente na disposição de fingir que estava bem-humorada, os braços cruzados no elevador enquanto subíamos apertados para o apartamento, Fernando cantando Marina Lima numa intensidade meio incongruente. Quando entramos, a luz acendendo, todo mundo sentiu o constrangimento do ânimo de festa mal revertido ali para aquele novo ambiente, uma casa normal, ainda sem música, sem nada. Eloísa murmurou alguma coisa inaudível e foi entrando pra cozinha. Eu, Juliana e dois amigos dela nos sentamos nos dois sofás.

Fernando fez um sorriso apologético e foi entrando na cozinha também, fazendo com as mãos que a gente esperasse. Os dois amigos da Juliana continuaram reclamando de Brasília como estavam fazendo, de forma intermitente, desde lá embaixo. A Juliana fazia uma defesa desanimada e pouco convicta da cidade, dizendo que achava ela bonita, que gostava dos prédios modernistas, das árvores. Com o Fernando voltando, ela dirigiu a conversa a ele:

— Você gosta daqui, não gosta, Fernando?

— Eu nasci aqui, né? Daí tem todo um negócio de carinho automático. Mas isto aqui é uma bosta.

— Oxe, eu lembro de você defendendo pacas pro Adriano. Falando que era cem vezes mais original que Washington.

— O que eu acho bom de Brasília é que ela nem finge que tentou ser uma cidade, como algumas cidades brasileiras meio que já fingiram, um tempo atrás. Pelo menos fica bem claro, aqui.

— Como assim?

— Desde sempre Brasília deixou claro que era pra ser condomínio de gente rica, uma bolha de irrealidade pra administração pública nem ter que passar perto de pobre, sentir nem o cheiro. Cê imagina que construíram do dia pra noite essa porra toda sem nem parar pra pensar o que iam fazer com a cangalhada de gente que veio pra cá mover a terra e levantar as paredes, e que inclusive morria de bando na construção, né? Tá cheio de vala coletiva

de candango nos arredores da Esplanada, aliás, sabia? Pior que construir em cima de cemitério indígena, fizeram o cemitério enquanto construía já, imagina o naípe das maldições que não tem sobre esse lugar.

O Fernando dizia isso sorrindo, com o tom simpático costumeiro dele. Mas parecia ter um ódio desmedido por trás, muito mal contido. Os dentes correndo uns contra os outros quando tava calado, gastando em gatura, as pontas dos dedos suados se esfregando.

— Credo, Fernando, deixa de ser besta. Sempre te vi elogiando Brasília.

— Eu gostava daqui, e carinho eu ainda tenho, mas não dá pra não odiar uma cidade asséptica e feita pra carro que nem essa bosta aqui.

— Isso é real.

Eu concordei baixinho, acho que ninguém nem ouviu.

— Essa cidade parece que reúne tudo que há de mais retardado a respeito da elite brasileira, sabe? A elite mais ignorante e escrota do mundo inteiro. Podiam é explodir ela logo que não se perdia muita coisa, não. Guardava uns dois ou três prédios, tirava umas fotos que tava de boa.

— Nossa, mas tu tá idiota hoje, hein, meu cacete.

A Juliana estava estranhando muito o jeito dele, tinha a cara franzida e perplexa. Os amigos da Juliana, cujos incômodos com Brasília envolviam mais a quantidade de shows internacionais das bandinhas que gostavam e o preço de apartamentos no Plano Piloto (a possibilidade de morarem em outros lugares sendo, aparentemente, anátema, qualquer coisa além do Sudoeste mal registrando como inteligível), cochichavam um com outro alguma coisa. Talvez fizessem graça da revolta toda que o Fernando parecia que não conseguia conter e que de fato era meio infantil (ainda que no jeito mais do que no conteúdo, talvez).

Foi quando tocou a campainha, o Fernando levantando de uma vez pra atender, como se já a esperasse. Era a Beatriz, que tava sem o Adriano e com uma cara irritada difícil de se julgar. Deu um ‘oi’ geral e entrou pra cozinha, de onde a Eloísa ainda não tinha saído. Uns poucos segundos depois apareceu com umas cervejas, copos e um tubo de Pringles aberto em leque num prato. Foi recebida efusivamente:

—Ae, Pringles. Essa Eloísa é sinistra demais.

—Rainha do universo.

—Melhor anfitriã.

Eloísa não reagiu, voltou pra cozinha. Beatriz saiu, continuava irritada. Dava toda a impressão de que eu e os amigos da Juliana estaríamos empatando alguma conversa seríssima que ela queria ter com o Fernando, que estava no momento mexendo no celular, apoiado na janela, metendo a cabeça um pouco pra fora. Ela chegou pra perto dele e falou alguma coisa baixinha.

— Chur-rasco bom, chimarrão, fandango, trago e mu-lher, é is-to que o ve-lho gos-ta, é isto que o ve-lho quer.

Os dois amigos idiotas da Juliana entraram num loop gargalhado de lembrar propagandas antigas e declamá-las com toda a solenidade possível. Eu tentava sacar minimamente o contexto da conversa ali no canto da sala. Até que o Fernando pareceu estourar com alguma coisa, de novo, sem que eu conseguisse ouvir o que eles falavam e a Beatriz tomou o celular da mão dele e voltou pra dentro.

— Sentiu firmeza? *Demacol*.

O Fernando ficou apoiado na janela, ainda olhando pra quadra lá fora quieta, árvores e carros, fumando um cigarro que ele pegou de um dos amigos da Juliana, sendo que ele nem fumava. Eu decido ir ao banheiro pra gastar a ansiedade e ler um pouco mais dos posts novos.

//

“07/07/2014

Renato estava nervoso. Deitou-se na máquina, sentiu de novo o frio metálico no pescoço e na nuca, o sentimento esquisito da corrente começando a passar por sua medula. Fechou os olhos e tava esperando alguma imagem aparecer, a sensação do seu próprio corpo naquela cadeira enfraquecer como numa versão mais intensa do sono, mas antes aparece uma voz.

*A terra alombada em formigueiro, cupinzeiro, protuberâncias que desequilibram a monotonia do planalto e do cerrado. Uma floresta negativa, ou ao contrário, as raízes profundas debaixo da terra. As pedras cortadas como se por lâminas pacientes, seccionadas com exatidão*

preguiçosa. Cheiro de mata de galeria. A pedra perto da queda d'água e suas rugosidades macias ao toque. A terra velha demorando nos seus nomes velhos.

Tá sentindo?

É tu, diaba? Vai se foder. Como que tu tá fazendo isso teu porra? Saaa-ai da minha cabeça.

Deixa eu falar. Calma, Laurivan. **Deixa eu falar.** É muito importante que você faça sua parte hoje.

Quem disse que eu não vou fazer, porra?

Eu ouvi umas dúvidas aparecendo na tua cabeça.

Você ouviu? Como assim? Vai tomar no cu, tu tá lendo minha cabeça agora?

Eu sei que você lembra daqueles papos nossos. Da gente falando com raiva de como no Brasil o povo nunca derrubou nada, nunca cortou cabeça de nobre ou de burguês, nunca botou medo de verdade no cu dos governantes. Que toda mudança aqui foi sempre dança das cadeiras de uma mesma elite portuguesa escrota botando a mesma gente pra moer nos moinhos. E pronto.

E de tu falando que já tinha passado a hora de começar. Claro que lembro.

E tu ficava assustado, não ficava? Se benzia, até. Eu lembro. Eu tou fazendo isso pro teu bem. Pra te proteger. Sério.

Quê que isso tem a ver com qualquer coisa, caralho, quê que tu vai fazer hoje, diaba?

Eu sabia que tu ia tentar me impedir. Esse teu carinho ridículo pela seleção.

E esse tanto de gente que tu matou, teu babaca. É por causa do teu irmão, isso? Isso foi o quê? É vingança? É ritual? É site?

Quê que cê tá falando? Quem que tu acha que eu matei?

Não sei, só sei que você mente pra mim, tá me escondendo. Tinha alguma coisa escondida na casa da Tamires. Não tinha? Fala pra mim. Quê que aconteceu com o Gustavo, afinal? Tu quer ser o Magneto? Tu

não tem mais idade pra essas molecagens. Não era pra ter dado tanta merda, Eva, não era mesmo.

*Não me chama assim, Laurivan.*

*Olha quem fala, né, porra. OLHA QUEM FALA. Tome jeito, criatura. Eu tenho que falar acotovelado agora, do-la-si, vai, cêachaqueeu não sabia que tu ia um dia me aprontar uma dessa? Desde que tu botou essa merdanaminhaca que eu ando resabiado, tavas óesperandoso. Se eu paro tu vai e pan — Mas minhacabeça não é mole, não, Carlos ALBERTO*

*CALMA, VOCÊ NÃO TÁ ENTENDENDO, R-*

*A imagem vem para Renato, o que quer dizer que vem para os dois. Uma tarde numa lanchonete em Belém do Pará, toda invadida de luz, três moleques há mais de dez anos atrás. Final de 2001, a queda das torres ainda passando o tempo todo na TV. Um deles um marmanjo latino maltratado com mullets gloriosos, sol batendo na metade de baixo do corpo, os três falando muita merda por muito tempo, lombrando indefinidamente numa mesma cinco, seis imagens absurdas e repetidas com muita convicção, principalmente pela mais esperta dos três, de longe, que se cagava de rir, com aquela dicção péssima que tinha naquela época, NUNCA TERAS O REINO DAS MAIS SINISTRAS CABULÂNCIAS O SENHOR DOUTOR, e seguindo as instruções deixadas no POPOL VUH, tudo será corrigido com seu tempo em rituais psicomágicos a serem administrados em REDE NACIONAL por todas as TECNOLOGIAS DO COMPLEXO MILITAR e todas as FORMAS MUDIÁTICAS DEVIDAS DO SEU TEMPO, cês nem se liguem não pra cês verem, seus bosta, as própria MASA e os MUNE enfiados na GOELA da máquina de MAMÃO, e cavucada, cavucada, cavucada, que o sangue há-de-vai até a JUNTA GROSSA.*

*Cê acha que eu não lembro? Quê que você quer fazer, porra? Você só vai piorar tudo desse jeito, criatura. Não é assim. Vamo com calma. Eu vou te impedir com minhas próprias mãos.*

*Renato pega o papel alumínio que havia deixado ali do lado. Cobre sua nuca com ele.”*

//

Eu volto do banheiro com a cabeça perturbada. Não entendi porra nenhuma do post, comecei a achar que talvez o Fernando tivesse pirando. Assim que eu volto pro sofá a Juliana me puxa:

— Eu tou com uma mania agora que tá quase me deixando louca já, sério.

— O quê?

— Você sabe como eu sou ansiosa, né, vivo achando que faço as coisas de um jeito esquisito, que tou falando errado, que as pessoas me odeiam, tal e tal.

— Sim.

— Pois é, agora eu tou com uma mania muito louca de imaginar a coisa mais constrangedora e horrível que eu poderia fazer naquela situação. Não são coisas que eu queira fazer de jeito nenhum, assim, eu só imagino algo horrível e começo a ficar ansiosa achando que eu vou meio que acabar fazendo aquilo. Só porque sim, por nada. Outro dia eu tava num almoço de família e comecei a imaginar como seria se eu do nada falasse pro meu tio, ‘Nossa, tio, você tá muito gostoso hein, tira essa pica pra fora pra gente ver’. Eu não queria falar isso, tinha zero vontade de falar, nenhum motivo pra falar, o meu tio é a pessoa menos gostosa do mundo e ainda é o meu tio, mas eu começo a ficar ansiosa achando que pronto, que aquilo com certeza vai sair da minha boca.

— E você tá achando que vai falar alguma coisa agora?

— Pois é, tou, começou com uma ansiedadezinha de nada e agora tá meio borbulhando, crescendo, tá ligada.

— Anram.

— Que nem um suflê.

— Mas falar tipo o quê? O que você falaria?

— Ah, não sei. Mas falar uma coisa horrível, sabe? Uma coisa que eu sei que seria horrível de se trazer à tona e que eu falaria exatamente porque eu sei que seria horrível.

— Então, mas tipo o quê, ué? O que seria, nesse caso?

— Ah, alguma coisa absurda.

Eu pensei em sugerir duas. Mas a presença dos amigos dela do lado me

impediu.

— Você acha que o Fernando e a Elô entraram pra brigar?

— Claro que sim.

Dessa vez, só a Eloísa voltou de dentro do apartamento, recomposta e fria, com um sorriso que não era, de fato, um sorriso (quer dizer, ela puxava os músculos apropriados todos necessários para a confecção de um sorriso, mas havia uma outra coisa por trás, um outro demônio qualquer). Quando alguém perguntou uns quinze minutos depois onde tava o Fernando, ela disse que ele tava passando meio mal e tinha ido dormir.

Das seis pessoas na sala, acho que só eu além das duas notava exatamente a tensão que estava depositada ali, o denso emaranhado sugerido. Eu não sabia o que elas sabiam e nem o quanto elas sabiam que eu sabia. Os amigos da Juliana riam pra caramba, retiravam não sei de onde mais doses de vodka e de cachaça.

Bem nessa hora eu olhei no meu celular, abrindo a minha sucessão sempre automática de email e redes sociais, vendo o que tinha sido adicionado nos últimos vinte minutos. E vi que tinha uma publicação do Fernando, o que eu achei engraçado. Tinha postado uma música daquela banda Neutral Milk Hotel (que eles *amavam* e cuja graça nunca entendi) e colocado como comentário da publicação *And to take on the world at all angles / Requires a strength I can't use* (que eu rapidamente pesquisei e confirmei que era parte de letra da música postada, que eu não conhecia).

Como sempre, fiquei pensando se aquilo podia ser interpretado de alguma maneira fértil, mas só uns vinte por cento da minha atenção estava devotada a isso. Quase imediatamente uma tia engraçada do Fernando que vivia postando coisas no mural dele perguntou o que significava aqueles versos, disse que tinha muita saudades dele e que aquela música era muito esquisita (cada oração exclamada e em caixa alta).

Um amigo carioca do Fernando respondeu embaixo também logo depois que os versos significavam “Tomar o mundo todo de uma vez requer uma força que eu não tenho”. Eu achei aquela uma tradução ruinzinha e fiquei pensando em alternativas, embora nem considerasse publicá-las.

Uma porção nada desprezível (mas na real bem muito desprezível, rá) da minha vida é gasta assim, em imaginar respostas que eu nunca pretendo pu-



blicar pra postagens alheias. Julgando a inflexão exata que eu usaria, a pose.

Logo depois ele publicou mais uma coisa. Abrindo rapidinho na tela minúscula do celular, eu julguei que parecia ser a parte seguinte da história. Vários músculos espalhados do meu corpo retesaram sem querer e eu só queria ir pra algum canto ler aquilo, terminar a história e ver se ela me dava alguma coisa.

### “CABULOSO – Parte 9

O poder de Paraíba Blade avatar havia se tornado exagerado nos últimos dias, pequenos efeitos o começaram a diferenciar dos outros jogadores. Seu avatar quase sempre levitava com uma aura de força em volta do seu corpo, o seu cabelo explodido pra cima e a sua capa drapejando violentamente a todo momento, como um deus grego ou um super Saiyajin. Ele podia sentir o respeito dos outros jogadores quando ele chegava em algum canto. Já se murmurava que ele talvez fosse o escolhido.

A fama de Paraíba Blade o precedia em todo lugar que ele chegava, todos já tinham ouvido falar de algum incidente específico, visto o vídeo de alguns dos combates épicos mais recentes (da vez que ele conseguiu absorver a energia de um pulso-adejante de uma cidade-ambulante chinesa e usá-lo para destruir um exército de Olifantes, a vez em que ele montou num Dragão japonês e o levou até os buracos abandonados do metrô de Salvador para destruir o monstro de lixo que estava se formando com os dejetos e as sobras do esgoto da cidade.

Gustavinho começou a notar a presença reiterada de um avatar esquisito pairando sempre por perto. Sem empunhar nenhuma arma, usando trajes vermelhos que poderiam ser descritos como de um monge ou sacerdote de algum tipo, negro com cabelo e barba brancos. Ele sempre some assim que Gustavinho nota a sua presença.

Paraíba Blade está, no momento, em Ribeirópolis, uma cidade dessas compradas prontas da China. Segundo corria a explicação interna do jogo, algum consórcio de interesses econômicos compravam esses templates e então uma série de contêineres eram jogados de aviões de carga, contêineres que assim que caem no chão já se montam imedia-

tamente, uma nuvem de nanoestruturas que ia em segundos de uma tempestade de gafanhotos de peças e encaixes até uma cidade para algumas dezenas de habitantes. Esgoto, prédios, sistema elétrico, internet de alta velocidade e prédios genéricos que podiam virar apartamentos, laboratórios ou shoppings. Gustavinho já havia lido uma longa reportagem publicada dentro de uma revista interna do jogo, o tom da reportagem sendo tão excessivamente otimista que Gustavinho se sentiu convidado a supor que era uma peça de publicidade mal escondida. Era bem do senso de humor do CABOL (que para Gustavinho há algum tempo que não era mais o seu, claramente, mas o de Evandro). E o padrão das cidades se repetiam várias vezes, variando apenas ao inverter de lado, como reflexos num espelho.

Nos últimos meses havia crescido muito no jogo esse lado menos violento e agitado, mais voltado para criação de cidades, a manutenção da aparência dos avatares, que podiam comprar e trocar roupas e adereços de todo tipo e o desenvolvimento de uma vida social intensa. Muitos jogadores, quase já um quinto, sequer saíam mais muito das áreas urbanas e pareciam tratar o CABOL como uma rede social.

Gustavinho ainda não havia conversado com ninguém a respeito da possibilidade dele ser o escolhido. Aquilo tudo era muito estranho, ele chegava a pensar que talvez algum tipo de erro pudesse ter ocorrido na seleção e ficava vermelho de constrangimento só de pensar na reação da comunidade ao descobrir que um dos criadores do jogo havia ganho a honra. Só Evandro e Renatinha, até onde ele sabe, sabiam que ele jogava como Paraíba Blade e eles não tinham falado nada ainda. Todo mundo gritaria marmelada e seria difícil convencê-los do contrário. Mas como diabos explicar o que o seu avatar andava fazendo? Certo que não era por habilidade sua, ele era um jogador competente, no máximo.

Gustavinho acordou na sua sala na Synopticon de sobressalto. Olhou no celular e viu que eram já dez e meia da noite. Que dia que era? Sexta? Final de junho. Seu computador tava logado no jogo, na tela cinzenta que aparece depois de algum tempo de inatividade. Ele desligou o computador, tirou remelas do olho e limpou a baba no canto da boca.

Quando saiu da sala viu que as luzes tavam quase todas apagadas. Só

uma duas ou três baias emitiam as cores pálidas dos monitores. Gustavinho foi bocejando na direção da saída quando viu Renatinha, Mateus e mais um moleque cujo nome ele não lembrava numa das salas de reunião, no escuro, olhando juntos para um laptop. Quando os três o viram pareceram se assustar, como se tivessem sido pegos fazendo algo errado. Ele sorriu de uma maneira inofensiva.

— E aí, galera, tão planejando um assalto a banco aí?

Todos se assustaram. Nenhum deles sorriu, exceto Renatinha.

(\*)

— Você nunca sentiu nada esquisito com o Evandro, não?

Assim que ela fez essa pergunta Mateus e o outro moleque olharam pra ela alarmados.

— A gente pode confiar nele, gente. Sério.

Os dois não olharam diretamente pra ela, nem pro Gustavinho.

— A gente só tá preocupado com algumas coisas. Cê sabe que eu adoro o Evandro. Adoro não.

— Idolatra, né? Ama, Mateus completou, claramente irritado.

— Não é isso, eu só respeito ele, ué. Olha o que o cara consegue fazer com a idade dele.

— Usando a gente de boi de carga, né?

— Ele trabalha muito mais que a gente, Mateus. E te paga direitinho. A questão não é essa.

— A questão é que ele mente. Além de ser um babaca arrogante.

Foi o outro garoto que falou isso, o mais tímido dos três. Baixinho, de sobrelhas grossas, cabeludo, mãos nervosas amassando um copo plástico já todo esbagaçado. Não olhava diretamente pra ninguém ao falar.

— Mente como?, Gustavinho perguntou.

— Bicho, eu não sei nem por onde começar. É tudo muito esquisito.

Mateus foi quem disse isso, mas parecia sem nenhuma disposição de começar a falar.

— Agora desembucha, né, criatura.

— O investidor anjo que ele arranjou pra gente, por exemplo, quando a gente tava começando ainda, antes dos canadenses, antes dos *crowdfunding*. O cara que bancou quase tudo no início. O cara não existe.

— Como não existe?

— A gente falou com ele só por Skype, nunca veio aqui. Um cara que podia ter tanto quarenta quanto sessenta anos, que falava espanhol com um sotaque esquisito pra caralho, parecia portunhol muito do sem-vergonha. Falou que tinha dinheiro de minério, da família dele e que acreditava na gente. Botou quase trezentos pau num jogo desconhecido numa empresa desconhecida? Brasileira, ainda por cima? Depois fui tentar achar algum sinal da existência desse bicho e necas. Necorecas. Porra nenhuma.

Gustavinho teve dificuldade de não rir com esse “necorecas”, dito da maneira grave com que foi dito. Mas aquilo tudo de fato era esquisito, se fosse verdade.

Gustavinho continuou manipulando as cordas do capuz de seu agasalho.

— É, sei lá.

— E por que que a porra do Evandro nunca fala nada dele mesmo? Por que que a gente não sabe nem onde ele cresceu?, Mateus completou.

— Ele tem sotaque paraense e tem tipo de nortista, né?, Renatinha falou.

— Acho que ele é um cara discreto, só.

O outro menino, que estava mais calado, de repente explodiu:

— E por que diabos que ele foge de tudo que é foto? Fica fazendo tudo pra tu ser a única figura associada publicamente ao CABOL, Gustavo. Ele tá escondendo alguma coisa. E agora essa porra desse monstro e desse evento? Põe todo mundo pra trabalhar igual doido numa parada que ninguém até agora fora ele entendeu que porra que é pra ser?

Ele terminou quase gritando, cada oração pontuada por um pequeno pulinho nervoso que parecia involuntário.

Esse era o Gabriel. Tinha mudado de Recife pra São Paulo pra trabalhar na Synopticon assim que ela começou. Tinha escrito o código quase todo da comunicação em áudio interna ao jogo. Ele olhou para Renatinha e Mateus e trocou olhares com os dois, que responderam com modificações crípticas de suas expressões.

— Bicho, posso te levar num lugar?

Ele finalmente perguntou. Gustavinho sentiu a expectativa dos outros antes de concordar com um gaguejo.

## 36.

Gustavinho estava nervoso, não sabia em quem acreditar. O carro do Gabriel fedia e tava um zona, com latas de cerveja e pelo menos umas três mudas de roupa malamanhadas acumuladas no banco de trás. Era quase impossível para Gustavinho não gostar de uma pessoa com sotaque de Pernambuco, mas Gabriel parecia sempre tenso, suado, prestes a praguejar de maneira virulenta contra qualquer coisa. Quando chegaram no endereço, num bairro mais afastado do qual Gustavinho nunca tinha ouvido falar, ele só fez apontar para fora do carro e falar que era no terceiro andar, que ia esperar lá mesmo. Acendeu um cigarro antes de descer a janela do carro.

Gustavinho subiu as escadas galgando vários degraus de uma vez. Tinha só duas portas no terceiro andar e uma delas já estava aberta.

— Entra aí, meu querido.

Era um apartamento apertado, mas digno. Quarto e sala com cozinha americana, um sofá laranja com tufo de estofado escapulindo nos cantos. O homem estava de costas, agachado, colocando um vinil para tocar. Estava descalço e sem camisa. Gustavinho podia ver bastante de sua estrutura óssea mesmo na penumbra do quarto.

— Opa, boa noite.

O homem se virou e se ergueu como que dançando, os braços apoiados numa mesa e o resto do corpo se contorcendo fantasticamente. Só tinha uma perna inteira, a esquerda, com a outra terminando no joelho, mas se mexia com uma agilidade prodigiosa. Gustavinho fez muito esforço para não olhar demais para o cotoco, que se mexia em falso com todo movimento mais largo. Fez algum gesto na direção de Gustavinho que ele não entendeu e nem teve certeza se era um gesto comunicativo ou só uma espécie de arabesco manual.

— Me falaram pra vir te encontrar.

— Sim, sim, querido, relaxa, tá tudo dominado, perainda, viu?

— Oi?

O homem sumiu pulando pra dentro do corredor escuro. Gustavinho

agora prestava atenção melhor na sala, pequena e apertada de muita tranqueira. Além de uns pedaços de papelão pintados com rabiscos pretos toscos espalhados por todo canto, tinha uma fileira de vinis correndo toda a extensão da parede e várias samambaias em suportes a meia altura, pequenas estatuetas de argila malformadas num canto junto de vários bonequinhos antigos colecionáveis (em estado deplorável, a maioria deles, com peças trocadas), Boba Fett, Wolverine, um samurai todo rabiscado de canetinha.

Uma vitrola no quarto tocava:

*O que está no alto é como o que está embaixo.*

— ESPERA SÓ MAIS UM MINUTINHO, FICA À VONTADE, MEU QUERIDO.

Gustavinho olhou em volta, viu um pequeno tamborete de plástico azul perto dos seus pés, sentou-se nele. No chão em volta havia uma série de papéis xerocados e rabiscados.

*LAS IMAGINATIONIS ET TRIUNFI DI MARCELINHO BARRETO, um relato-iluminação autobiographicoromanesco com iluminações e comentários de RENATO MUSSUM.*

*CAPITULOS de como Marcelinho subiu o monte Análogo, os percalços que encontrou no caminho e os MEMBROS que ele perdeu congelados.*

*O NASCIMENTO DE MARCELINHO, O PULO DA ONÇA & AS EMBARRIGADAS, OS II MESES DENTRO DO ESTOMAGO DA BESTA, OS APRENDIZADOS NO INFERNO.*

*DE COMO MARCELINHO USOU DE SUA MALÍCIA NO INFERNO PARA JULGAR EQUITATIVAMENTE UMA TRETA MARAVILHOSAMENTE OBSCURA, ENTRAVADA E DIFÍCIL QUE O SEU JULGAMENTO FOI DITO MUITÍSSIMO FORMIDÁVEL POR TODOS OS CONVIVAS E TODAS AS AGREMIÇÕES.*

*DE COMO MARCELINHO VIAJOU NO TEMPO E CONHECEU BIBLICAMENTE GRANDES FIGURAS DA HISTORIA MUNDIAL.*

*DE COMO O FIGUEIRENSE QUEBRAR-SE-Á EM PELEJAS ÉPICAS COM OS FAMIGERADOS E INTEIRAMENTE DESPREZÍVEIS, RACISTAS, CORPORATIVOS E LADRÕES BOCA JUNIORS E CORINTHIANS PAULISTA NA SUA FUTURA CONQUISTA INIGUALÁVEL DA AMÉRICA E CONSEQUEN-*

## TE LIBERTAÇÃO DOS SEUS POVOS

Apareceu de novo na sala, de repente, vestindo uma capa roxa de um material que parecia plástico e cuecas amarelas mulambentas, abriu os braços e caiu com a perna cruzada num pufe, fazendo um movimento deferente com a cabeça, estranhamente circunspecto, apesar da falta de paramentos. Era muito magro.

— Tava só terminando ali um trabalho, só, desculpa. Muito cliente, muito cliente. Mas não dá pra reclamar, né? Pronto.

Ele finalmente encarou Gustavinho.

— Você quer ser iluminado, não quer?

— Oi?

— Você quer, sim. Eu vejo na tua cara, tá óbvio que é isso.

Ele ofereceu com um gesto espalhafatoso um cartão mole, impresso em papel normal. Gustavinho pegou. Escrito em Times New Roman, nada simétrico. Parecia algo feito em cinco minutos.

RENATO MUSSUMO – o único e original –

TERAPIA mítica-rítmica-tântrica/EVENTOS corporativos/RITOS ecumênicos

Contato: (031) 9961-0642

— Não, não, cê não entendeu, eu –

— Você sente um peso enorme nas suas costas de toda uma comunidade, de toda uma adensada e musgosa galerosidade que se sedimenta, o líquen se colando com um ar puro e esperançoso de toda uma geração no seu tronco e você não se sente digno. Cê se acha um estorvo, um lixo humano que nunca fez nada por ninguém, sugou de todas as tetas num país de escravos e senhores de escravos, se arrastou por cima de tudo, mas nunca teve que sofrer pão amassado por diabo nenhum.

— ...

— Nunca teve que lidar com o lado mais sinistro da moeda, né, o riscado, nunca saiu de seu cercadinho com todo o ovomaltino da vovó. Não é nem culpado a palavra, é mais sinistro. Culpa se expia. E não tem quem expie a tua. Você se sente indigno por isso. Marcado.



Gustavinho olhava pro chão, tenso. Emitiu um riso descrente e bufado.

— Olha, não, acho que cê não entendeu, me falaram pra eu vir aqui que você teria informações sobre –

— Você acha que é um acidente?

— Oi? O quê?

— Qualquer coisa.

— Como qualquer coisa?

— Você estar aqui agora, eu parecer tanto assim com o Caetano Veloso, a lua lá fora do jeito que ela tá agora, 'ma unha cortada, o povo nas ruas agora, a copa ano que vem, o CABOL borbulhando.

Ele botou a mão na coxa de Gustavo, a expressão fanática. A resposta quando veio veio fraquinha.

— Acho.

O homem então começou, bem devagarinho, a sorrir, mas de um jeito que aos poucos não parecia mais com um sorriso, ganhando uma feição bem ominosa e dificilmente justificável. Tinha olhos injetados de doidura.

— Olha, desculpa, acho que é um engano, me falaram pra vir aqui, mas acho que não tem nada a ver.

— Gustavo Mesquita Peterson o senhor não sabe nas merdas em que tu tá metido até os ombro, *umbra-memo*, brou.

— Como que você sabe meu nome?

— Eu gostaria de poder te contar tudo, queria mesmo, mas não dá. Primeiro porque você não acreditaria e depois porque descobrindo por conta própria a coisa fica muito mais movediça e animada, não fica? Claro que fica.

— Quê, velho? Quê que você tá falando?

— Você acha que é coincidência o teu avatar ter sido o escolhido? É benção ou maldição, ô produção? Será que tão armando algo pra você?

— Oi? Como que você sabe disso?

— Vá para esse endereço aqui. Os fio vão começar a desencapar. Eu *adamantio*.

Ele estava segurando entre dois dedos estendidos um cartão branco, que Gustavinho, depois de hesitar um pouco, apanhou. Depois disso, o homem se levantou de novo, girando e lhe dando as costas, voltando para o escuro de onde tinha vindo em pulinhos rápidos. Gustavinho esperou alguma instrução ou despedida sentado por alguns segundos, olhando pro cartão, que tinha apenas um endereço escrito à mão. Acabou levantando e indo embora depois de alguns segundos, despedindo-se do escuro em meia voz.

Quando desceu, Gabriel estava fumando um cigarro com o banco recostado.

— Figura, né?

— Quem que é esse cara?

— Eu conheci no CABOL, nos fóruns, o bicho começou a falar umas paradas do Evandro e foi banido. Eu mandei um e-mail pra ele e a gente começou a se corresponder. Acho que ele era aquele DIVINO COMÉDIA, mas ele não confirma nem desconfirma.

— Mas quem é ele?

— Chama Renato, parece. Fica falando que tem informações cruciais sobre o Evandro, mas sempre que eu pressiono ele me enrola. Falou que queria falar contigo tem uma semana, mas eu não sabia como te falar. Ele claramente é maluco, mas já mandou umas pistas de que sabe alguma coisa sobre o Evandro mesmo. Não sei como. Ele te falou algo?

— Ele me deu esse endereço.

Gabriel arrancou o cartão da mão dele. Fez uma cara de interessado que Gustavinho não conseguiu julgar se exagerada ou se, na verdade, contida.

— Googlei e fica a meia hora daqui só. Vamo lá agora?”

Essa porra dessa história não terminava nunca. Eu volto pra sala e tá tudo na mesma. A situação estava constrangedora, mas teimou em continuar da-

quele jeito por mais algumas horas. Os amigos da Juliana falando baixo de coisas chatérrimas, a Juliana sendo a simpatia de sempre e a Beatriz incapaz de esconder a ansiedade, o pé tremendo como asa de beija-flor.

Eu não conseguia ir embora, achava que devia ficar no caso de acontecer algum clímax (ou pelo menos um climão).

Tive a impressão uma hora de ter visto o Fernando passando de fininho de dentro dos quartos pra cozinha e não vi ele voltar. Ninguém pareceu notar, eu tampouco comentei. Fiquei um tempo enorme sem conversar, segurando um copo no meu colo com a cabeça apoiando às vezes na mão, às vezes no encosto do sofá e pescando um pouco, a atenção acendendo e apagando. Até que tocou o telefone da casa, o que todo mundo estranhou, sendo já umas quatro e tanto e a gente tendo parado de fazer barulho há um tempo. Assim que a Eloísa falou alto que aquele era o telefone da casa, não o interfone, todo mundo meio que calou a boca.

Os dois amigos idiotas da Juliana estavam igualmente fazendo uma cara de seriedade faceira meio irritante, todo mundo com aquele olhar desfocado e vago de quem tenta ouvir uma conversa alheia. O telefone fixo ficava no corredor e de fato dava pra escutar baixinho a voz da Eloísa.

— Alô.

Do outro lado a gente só conseguia escutar um murmúrio impossível de se articular em palavras.

— Oi, oi, tia.

— ...

— Não, não, gente, imagina. Se enganaram, não. Ele tá aqui, tá no quarto dormindo.

— ...

— Que isso, que loucura, não, eu tenho certeza, sério, nada a ver, não sei como que —

— ...

Ela não terminou de falar, jogou o telefone de qualquer jeito na mesinha e correu pro quarto deles, de onde saiu um barulho que eu demorei a entender como de proveniência humana.

Curiosamente, pra alguém que se orgulhava tanto da sua atenção, de en-

tender tudo que se passava, eu acho que fui a última pessoa a sacar. Precisei da Eloísa de volta já chorando e com a mão no rosto de um jeito que parecia falso, da Juliana virar pra mim de repente toda pálida de susto e me dizer:

— Você não entendeu? É o Fernando. Aconteceu alguma coisa com o Fernando.

[ccar.com.br](http://ccar.com.br)